

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**VARIAÇÃO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS
MARANHENSE**

**SÃO LUÍS
2020**

ELIMÁRIA OLIVEIRA LIMA

**VARIAÇÃO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS
MARANHENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof^a Dr^a Cibelle Corrêa Béliche Alves

**SÃO LUÍS-MA
2020**

ELIMÁRIA OLIVEIRA LIMA

**VARIAÇÃO DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS
MARANHENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

APROVADA EM: / /

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Cibelle Corrêa Béliche Alves
Orientadora/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Cintia da Silva Pacheco
Examinadora Externa
Universidade de Brasília

Profª Drª Conceição de Maria de Araujo Ramos
Examinadora Interna
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Membro Suplente
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais, Edna e Messias, que sempre me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos e nunca mediram esforços para me proporcionar tudo que lhes era/é possível.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, meu amparo e refúgio, por estar sempre presente em minha vida, conduzindo meus passos.

Aos meus pais, meus heróis, por tudo que me ensinaram, pelo incentivo, pelos exemplos de fé, coragem, amor e determinação.

Aos meu avós, pelas orações, pelas palavras sábias e por todo carinho a mim dedicado.

Aos meus irmãos, pela compreensão e ajuda em todos momentos.

À minha querida professora, Cibelle, pela orientação e dedicação, pelos ensinamentos e por me ajudar na concretização deste sonho.

Aos professores, Luís, Conceição e Cintia, por fazerem parte da banca examinadora, pela atenção dispensada à correção do meu trabalho e contribuições no exame de qualificação.

Aos professores e funcionários do PGLetras, de modo especial aos professores da linha de pesquisa Análise e Descrição do Português Brasileiro.

Aos amigos e colegas do Programa de Pós-Graduação, pela troca de conhecimentos e experiências.

Aos colegas de trabalho do IFMA - Campus Barra do Corda, pelo apoio durante esta jornada.

Ao Projeto ALiMA, pela disponibilização das amostras de fala referentes à São Luís.

Aos meus informantes de Barra do Corda, que me receberam em suas casas com muita gentileza e permitiram compartilhar algumas de suas experiências de vida.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir mais esta etapa da minha jornada acadêmica.

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a variação dos pronomes *nós/a gente* e a aplicação da concordância verbal com o pronome *nós* na fala maranhense, bem como estabelecer uma comparação entre o comportamento linguístico dos falantes da cidade de Barra do Corda, interior do Maranhão, e de São Luís, capital do Estado. Temos como base teórico-metodológica os pressupostos da Teoria Variacionista propostos por Labov (2008 [1972]) e estudiosos do pronome pessoal no português brasileiro (PB), como Omena (1996), Scherre (2005), entre outros. Para constituição do *corpus*, recorreremos ao banco de dados do Atlas Linguístico do Maranhão, projeto que está em consonância com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lusofonia e com o projeto “Análise e Mapeamento de Fenômenos Morfossintáticos no Português Falado no Maranhão”. A estratificação do *corpus* leva em conta: 12 informantes distribuídos por sexo, masculino e feminino, duas faixas etárias, 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, duas localidades, São Luís e Barra do Corda e dois níveis de escolaridade, até a 6ª série ensino fundamental e ensino superior completo, sendo esse último fator analisado apenas na capital. Analisamos também as variáveis linguísticas preenchimento do sujeito, tipo de referência, paralelismo linguístico, saliência fônica e tempo e modo verbal. A análise da alternância pronominal, realizada através dos resultados gerados pelo programa GoldvarbX (SANKOFF, 1988; SANKOFF, TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), permitiu constatar que *a gente* é a forma preferida para representar a primeira pessoa do plural na fala maranhense, com percentual de 71%, embora ainda em coocorrência com o *nós* que apresentou percentual de 29%. Em relação à concordância verbal com o pronome *nós*, os resultados gerados pelo programa mostraram que entre os maranhenses há maior uso do pronome com concordância, 64,9%, em detrimento do uso do pronome sem concordância, 35,1%.

Palavras-chave: Teoria Variacionista. Pronomes *nós/a gente*. Concordância com o pronome *nós*. Fala maranhense.

ABSTRACT

The present work aims to describe and analyze the variation of the pronouns *nós/a gente* and the application of verbal agreement with the pronoun *nós* in Maranhão speech, as well as to establish a comparison between the linguistic behavior of the speakers of the city of Barra do Corda, interior of Maranhão, and São Luís, capital of the State. We have as theoretical and methodological basis the assumptions of the Variationist Theory proposed by Labov (2008 [1972]) and scholars of the personal pronoun in Brazilian Portuguese (PB), such as Omena (1996), Scherre (2005), among others. For the constitution of the corpus, we used the database of the Linguistic Atlas of Maranhão, a project that is in line with the Lusophony Studies and Research Group and with the project “Analysis and Mapping of Morphosyntactic Phenomena in Portuguese Spoken in Maranhão”. The stratification of the corpus takes into account: 12 informants distributed by sex, male and female, two age groups, 18 to 30 years and 50 to 65 years, two locations, São Luís and Barra do Corda and two levels of education, up to the 6th primary education and complete higher education, the latter being analyzed only in the capital. We also analyzed the linguistic variables, subject filling, type of reference, linguistic parallelism, phonic salience and time and verbal mode. The analysis of the pronominal alternation, carried out through the results generated by the program GoldvarbX (SANKOFF, 1988; SANKOFF, TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), allowed to verify that people are the preferred way to represent the first person of the plural in the speech of Maranhão, with percentage 71%, although still in co-occurrence with the node that presented a percentage of 29%. In relation to verbal agreement with the pronoun *nós*, the results generated by the program showed that among Maranhão people there is a greater use of the pronoun with concordance, 64.9%, to the detriment of the use of the pronoun without agreement, 35.1%.

Keywords: Variationist Theory. Pronouns *nós/ a gente*. Agreement with the pronoun *nós*. Speak maranhense.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES/FIGURAS

Figura 1: Regiões do Brasil em que o fenômeno linguístico *nós* e *a gente* foi investigado..26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Reestruturação do paradigma verbal	24
Quadro 2: Perfil dos informantes da pesquisa.....	54
Quadro 3: Taxa de analfabetismo população acima de 15 anos	56
Quadro 4: Hierarquia da saliência fônica proposta por Naro.....	75
Quadro 5: Hierarquia da saliência fônica utilizada na pesquisa.....	75
Quadro 6: Grupos de fatores controlados na pesquisa	80
Quadro 7: Quadro resumitivo dos estudos sobre os pronomes <i>nós/a gente</i> no português brasileiro	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável paralelismo linguístico	88
Tabela 2: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável tipo de referência.....	91
Tabela 3: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável preenchimento do sujeito	93
Tabela 4: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável localidade	95
Tabela 5: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável saliência fônica.....	98
Tabela 6: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável faixa etária.....	101
Tabela 7: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável tempo e modo verbal.....	105
Tabela 8: Realizações de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável sexo/gênero	107
Tabela 9: Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> na variável saliência fônica.....	111
Tabela 10: Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> na variável localidade	113
Tabela 11: Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> na variável tempo e modo verbal	116
Tabela 12: Fatores que não foram significativos na análise da concordância verbal com o pronome <i>nós</i>	118
Tabela 13: <i>Nós</i> e <i>a gente</i> em São Luís fatores selecionados	124
Tabela 14: <i>Nós</i> e <i>a gente</i> em São Luís fatores não selecionados.....	125
Tabela 15: <i>Nós</i> e <i>a gente</i> na variável escolaridade	127
Tabela 16: <i>Nós</i> e <i>a gente</i> em Barra do Corda fatores selecionados.....	130
Tabela 17: <i>Nós</i> e <i>a gente</i> em Barra do Corda fatores não selecionados	131
Tabela 18: Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> por informante.....	133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Taxa de analfabetismo entre a população acima de 15 anos.....	56
Gráfico 2: Distribuição do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na fala maranhense	82
Gráfico 3: Aplicação de <i>a gente</i> rural/urbano.....	85
Gráfico 4: Aplicação de <i>a gente</i> década 70/década 90	85
Gráfico 5: Peso Relativo de <i>a gente</i> na variável paralelismo linguístico	89
Gráfico 6: Peso Relativo de <i>a gente</i> na variável tipo de referência.....	91
Gráfico 7: Peso Relativo de <i>a gente</i> na variável preenchimento do sujeito	94
Gráfico 8: Peso Relativo de <i>a gente</i> na variável localidade	96
Gráfico 9: Distribuição do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na variável localidade apenas com o nível fundamental	97
Gráfico 10: Peso Relativo de <i>a gente</i> na variável saliência fônica.....	99
Gráfico 11: Peso relativo de <i>a gente</i> na variável faixa etária.	101
Gráfico 12: Aplicação de <i>a gente</i> por faixa etária e sexo/gênero	102
Gráfico 13: Aplicação de <i>a gente</i> por faixa etária e localidade.....	103
Gráfico 14: Aplicação de <i>a gente</i> na variável tempo e modo verbal.....	105
Gráfico 15: Aplicação de <i>a gente</i> na variável sexo/gênero	107
Gráfico 16: Distribuição da concordância verbal de 1PP na fala maranhense	110
Gráfico 17: Peso Relativo da concordância verbal com o pronome <i>nós</i> na variável saliência fônica	112
Gráfico 18: Peso Relativo da concordância verbal com o pronome <i>nós</i> na variável localidade	113
Gráfico 19: Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> na variável localidade - apenas o ensino fundamental	115
Gráfico 20: Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> em São Luís - os dois níveis de escolaridade	116
Gráfico 21: Concordância verbal com o pronome <i>nós</i> na variável tempo e modo verbal..	117
Gráfico 22: Distribuição do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em São Luís.....	122
Gráfico 23: Distribuição do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em São Luís em 1996 e em 2020	123
Gráfico 24: Peso relativo de <i>a gente</i> na variável escolaridade	128
Gráfico 25: Distribuição do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em Barra do Corda	129

LISTA DE SIGLAS

1PP - Primeira Pessoa do Plural

3PS - Terceira Pessoa do Singular

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil

ALiMA - Atlas Linguístico do Maranhão

ALIP - Amostra Linguística do Interior Paulista

APERJ - Projeto do Atlas etno-linguístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro

BDS PAMPA - Banco de Dados Sociolinguístico da Fronteira e Campanha Sul-Rio-Grandense

CENSO/PEUL - Projeto Censo da Variação Linguística no estado do Rio de Janeiro e Programa de Estudos do Uso da Língua

CV - Concordância Verbal

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisas Aplicadas

NORPOFOR - Norma Oral do Português Popular de Fortaleza

NURC - Estudos da Norma Linguística Urbana Culta

NURC SSA - Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador

PB - Português Brasileiro

PEPP - Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PORTVIX - Projeto Português Falado na Cidade de Vitória

PR - Peso Relativo

VALPB - Variação Linguística no Estado da Paraíba

VARSUL - Variação Linguística Urbana da Região Sul

VarX - Banco de Dados por Classe Social.

VP - Variação Pronominal

LISTA DE ABREVIATURAS

Bdc. - Barra do Corda

Cf. - Conforme

Ens. Fund. - Ensino Fundamental

Ens. Sup. - Ensino Superior

Hom. - Homem

Inf. - Informante

Mul. - Mulher

Sls. - São Luís

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	21
2. 1 A inserção de <i>a gente</i> no sistema pronominal	21
2. 2 Estudos dos pronomes de primeira pessoa no Brasil	25
2.2.1 Região Norte.....	26
2.2.2 Região Centro-Oeste.....	28
2.2.3 Região Nordeste	30
2.2.4 Região Sul	34
2.2.5 Região Sudeste	38
2. 3 Teoria da Variação e Mudança Linguística	43
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	49
3.1 Procedimentos metodológicos.....	49
3. 2 Comunidades estudadas.....	49
3.2.1 A comunidade de fala de São Luís	51
3.2.2 A comunidade de fala de Barra do Corda.....	52
3. 3 A amostra, o <i>corpus</i> e os informantes	53
3. 4 A Variável Dependente	57
3. 5 As Variáveis Independentes.....	60
3.5.1 Variáveis Sociais	60
3.5.2 Variáveis Linguísticas	65
3. 6 A concordância verbal com o pronome <i>nós</i>	77
3. 7 Codificação dos dados e ferramenta estatística	78
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
4.1 Análise Geral.....	81
4.1.1 Grupos de fatores selecionados	86
4.1.2 Grupos de fatores não selecionados.....	104
4.2 Análise da variação da concordância verbal com o pronome <i>nós</i>	108
4.2.1 Fatores selecionados na concordância verbal com o pronome <i>nós</i>	110
4.2.2 Fatores não selecionados na concordância verbal com o pronome <i>nós</i>	118
4.3 Nós e <i>a gente</i> em São Luís: o intervalo entre duas décadas	121

4.3.2 Breve discussão sobre a variável escolaridade	127
4.4 O contraste interior <i>versus</i> capital	128
CONSIDERAÇÕES	136
REFERÊNCIAS	141

1 INTRODUÇÃO

A variação dos pronomes de primeira pessoa do plural foi estudada por diversos pesquisadores nas diferentes regiões do Brasil. Nas regiões Sul e Sudeste as descrições linguísticas deste fenômeno são encontradas em todos os estados, enquanto que nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste há lacunas a serem preenchidas para termos uma visão global em relação à reorganização do sistema pronominal no Português Brasileiro (PB).

Considerando a escassez de estudos dos pronomes de primeira pessoa do plural no Maranhão, desenvolvemos esta pesquisa sobre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito. Cabe destacar que, no Maranhão, encontramos o trabalho de Ramos (1996), em que são analisadas ocorrências de todos os pronomes pessoais na posição de sujeito na fala ludovicense¹, e o de Sousa (2019), uma pesquisa de iniciação científica com base em dados de dez comunidades de fala maranhenses.

Contribuindo com o nosso arcabouço teórico e mostrando que a variação dos pronomes no Maranhão se dá não apenas na função de sujeito, Ramos *et al.* (2009) investigam o encaixamento da expressão *a gente* no subsistema dos pronomes pessoais na função de sujeito, de complemento e de adjunto. Apesar da contribuição desse estudo no que concerne à descrição e análise do uso dos pronomes no português falado no Maranhão, os autores colocam que os dados apresentados “são relevantes do ponto de vista significativo, mas ainda não o são do ponto de vista quantitativo” (p. 290), o que reforça a necessidade de desenvolvermos esta pesquisa utilizando um programa estatístico, a qual nos possibilitará conhecer não só qualitativamente como também quantitativamente a variação pronominal.

Os estudos apresentados mostram que o pronome *a gente* coocorre e concorre com o pronome *nós* na fala maranhense, no entanto este trabalho investiga fatores linguísticos e sociais que não foram analisados nas pesquisas anteriores e que nos ajudarão a compreender melhor como está ocorrendo a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural no Maranhão.

Tomando como base os pressupostos da Teoria Variacionista propostos por Labov (2008 [1972]), temos como principal objetivo responder às seguintes questões: qual a frequência de uso do *nós* e do *a gente* na fala maranhense? Quais são os grupos de fatores que condicionam tal variação?

¹ Ludovicense é um dos adjetivos gentílicos para designar quem nasce ou está radicado em São Luís. Vem do latim *ludovicus*, relativo ao nome próprio Luís. O outro gentílico é *são-luisense*, no entanto, é mais comum se ouvir o termo ludovicense.

Outra motivação que deu origem ao nosso interesse em investigar o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na fala maranhense diz respeito também ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, que, de acordo com Alves (2015), no Maranhão, diferentemente da maioria dos estados brasileiros, ainda se destaca o uso do pronome *tu*. Considerando os resultados de Alves (2015), os resultados obtidos por Ramos (1996) e os obtidos por Sousa (2019), procuramos saber até que ponto o comportamento dos maranhenses, em relação ao uso dos pronomes de primeira pessoa do plural, diverge do comportamento dos falantes de outros estados do país, sendo que, em sua grande maioria, como mostra o Capítulo 2, os estudos variacionistas têm apontado uma preferência acentuada de uso do pronome *a gente* em detrimento do pronome *nós* pelos falantes do PB.

Neste trabalho investigamos duas comunidades linguísticas maranhenses, Barra do Corda (interior do Maranhão) e São Luís (capital do Estado), com o objetivo de contrapô-las e verificar como se dá o processo de variação dos pronomes nas duas comunidades e quais os fatores condicionantes da variação em cada uma delas. Essa contraposição decorre, por sua vez, do fato de as duas comunidades apresentarem características sociais, culturais e geográficas distintas, que podem influenciar no processo da variação linguística.

Parte do *corpus* utilizado na nossa pesquisa é proveniente do banco de dados do Projeto ALiMA, o que corresponde a oito inquéritos referentes à cidade de São Luís. A outra parte do *corpus* foi obtida na cidade de Barra do Corda e corresponde a quatro inquéritos realizados por mim para o desenvolvimento da pesquisa. A escolha por falantes barra-cordenses se deve a um desejo particular de conhecer melhor as características linguísticas de Barra do Corda, bem como de contribuir com estudos linguístico-científicos acerca da minha cidade natal.

É importante destacarmos também que, na década de 1950, quando Antenor Nascentes propôs as Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, incluiu Barra do Corda entre os pontos de inquérito do Maranhão. O Projeto ALiMA também incluiu a localidade, no entanto, devido à dificuldade de acesso à região por causa dos conflitos indígenas, Barra do Corda foi substituída por Tuntum. Com base nessas informações, acreditamos que o fato de Barra do Corda ter sido um dos pontos de inquérito do ALiB e do ALiMA diz muito acerca da importância da localidade para os estudos linguísticos no Estado e no País.

Considerando as informações apresentadas, ao expandirmos as investigações para a comunidade de fala barra-cordense temos também como objetivo contribuir com o mapeamento do fenômeno variável no estado do Maranhão, uma vez que acreditamos ser de significativa importância trazer uma análise da distribuição geográfica interior *versus* capital como fator social condicionante da variação. Como argumenta Rubio (2012, p. 20), “o estudo de uma

comunidade de fala pode revelar características que lhe são peculiares, o que a faz única e o que impulsiona a investigação de um tema recorrente em outras variedades do português brasileiro”.

As hipóteses para nossa pesquisa são apresentadas mais detalhadamente no Capítulo 3, no entanto, resumidamente, acreditamos que:

- I. No Maranhão, há um certo equilíbrio entre a forma conservadora *nós* e a forma inovadora *a gente*.
- II. A implementação do *a gente* está em estágio um pouco mais avançado em São Luís, por envolver maior mobilidade, do que em Barra do Corda;
- III. A faixa etária mais jovem apresenta maior índice de ocorrências da forma *a gente* do que a faixa etária mais idosa;
- IV. Na fala das mulheres há maior frequência de uso do pronome *a gente* do que na fala dos homens;
- V. Falantes menos escolarizados apresentam mais ocorrências do *a gente*, enquanto os mais escolarizados favorecem o pronome *nós*;
- VI. O preenchimento do sujeito favorece o *a gente* e o não-preenchimento leva a uma maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos;
- VII. Para referência genérica há maior frequência do *a gente* e para a referência específica há maior frequência do *nós*;
- VIII. Quanto ao paralelismo formal, ao selecionar uma forma pronominal tal escolha influenciará no uso das formas subsequentes.
- IX. O uso da variante *nós* favorece a concordância com o verbo em 1ª pessoa do plural;
- X. Pretérito imperfeito, presente e formas nominais tendem a favorecer o uso do *a gente*, enquanto futuro e pretérito perfeito, o uso do *nós*.
- XI. A forma *a gente* é favorecida em contextos em que se evidencia maiores níveis de saliência entre a forma de primeira pessoa do plural (1PP) e terceira pessoa do singular (3PS).

Feita a apresentação do tema, do objetivo da pesquisa e das nossas hipóteses, expomos a seguir a distribuição do conteúdo dos demais capítulos que constituem este trabalho.

No capítulo 2 apresentamos o quadro teórico em que se insere esta pesquisa, abordamos o percurso histórico da inserção da forma inovadora no paradigma dos pronomes pessoais, mostramos os estudos realizados nas cinco regiões do Brasil e os resultados já obtidos sobre o uso dessas duas formas pronominais em coocorrência, com o intuito de oferecer ao leitor uma

visão geral capaz de facilitar a comparação entre os dados. Neste capítulo, ainda, comentamos a Teoria Laboviana, cuja premissa é a heterogeneidade da língua e a variação inerente ao sistema linguístico.

No capítulo 3 descrevemos os procedimentos metodológicos adotados, definindo o *corpus*, o conjunto de variáveis, o programa estatístico empregado e os fatores a serem testados. Exemplificamos também os dados descartados da análise, expomos algumas informações referentes às comunidades de fala e contextualizamos histórica e geograficamente as duas localidades investigadas.

Os resultados da análise dos dados são apresentados no capítulo 4, retomando as considerações gerais sobre a pesquisa a partir das hipóteses levantadas e dos objetivos pretendidos nesta investigação. Neste capítulo comparamos também os dados obtidos por nós com os dados de outras pesquisas, discutindo as semelhanças e as diferenças encontradas a partir das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas.

Na sequência, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

2. 1 A inserção de *a gente* no sistema pronominal

Estudos sobre a variação pronominal (VP) têm apontado um nítido uso alternado dos pronomes *nós* e *a gente* para designar a 1PP no PB. Estes estudos mostram que, na língua falada, gradativamente o *a gente* tem ocupado o espaço do pronome *nós*, sendo essa variação caracterizada por Omena (1996, 2003), Lopes (1993), Tamanine (2002, 2010) como um processo de mudança linguística, condicionada por fatores linguísticos e sociais.

De acordo com os trabalhos de Omena (1996, 2003) e Lopes (1999, 2002, 2004), a implementação de *a gente* no quadro pronominal brasileiro iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII passando por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*. Encaixado no sistema linguístico, *a gente* varia com *nós* para a referência à 1PP tanto na função de sujeito quanto nas funções de complemento e adjunto.

Para Coelho *et al.* (2018), a ideia de “estar encaixado” está ligada a como um fenômeno linguístico variável se relaciona com outro(s) fenômeno(s) e que fatores condicionam determinadas variantes. Através de estudos realizados em várias regiões do Brasil percebemos que *a gente* vem mantendo uma relação de coocorrência com o *nós* e que tanto os fatores linguísticos quanto os fatores sociais estão condicionando a escolha de uma ou da outra variante pelo falante.

Para Mattos e Silva (1999), as variações que ocorrem nas línguas resultam de uma constante mudança intrínseca ao próprio sistema linguístico, provenientes da multiplicidade de falantes envolvidos no processo de comunicação, multiplicidade esta que nos permite identificar, por exemplo, as diferenças existentes no português falado numa comunidade quanto ao uso de uma variante a partir de fatores como sexo, faixa etária ou escolaridade do falante.

Na visão de Calvet (2002, p. 102), “temos variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social.” Partindo desta afirmação, entendemos que a escolha de uma ou da outra forma pode nos indicar algo sobre a categoria social do falante, bem como nos dizer algo sobre o comportamento deste.

No que se refere ao estudo da alternância dos pronomes *nós* e *a gente*, temos duas formas que apresentam o mesmo significado: ambas representam o pronome de primeira pessoa do

plural. Esta afirmação fundamenta-se nos estudos realizados por Omena (1986), Lopes (1993) e Monteiro (1994) que consideram *a gente* como uma variante legítima do pronome *nós*. Para Nascimento (2013), embora o *a gente* não seja nomeado pela gramática normativa como um pronome, não se pode negar o uso dessa forma pronominal pelos falantes, uma vez que os estudos variacionistas realizados no PB têm mostrado uma progressiva substituição do *nós* pelo *a gente*.

De acordo com Labov (2008 [1972] p. 313) a variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança linguística, “ambas estão incluídas no comportamento “expressivo” – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo”. O autor acrescenta que a variação social e estilística pressupõe a existência de variantes idênticas em valor de verdade ou referencial, mas que se opõem em sua significação social e/ou estilística. Partindo desta afirmação, o pronome *a gente* usado no lugar do pronome *nós* teria algum significado social e/ou estilístico para além de uma simples escolha realizada pelo falante?

Com a inserção do *a gente* no sistema pronominal, Omena (1996) afirma que a forma *gente*, originalmente usada como substantivo coletivo ou como forma indeterminadora em referência a um grupo de seres humanos, passou, por extensão de uso, a ser empregada sempre com o artigo “a” para indicar a primeira pessoa do discurso. Dessa forma, houve mudança semântica e gramatical, visto que:

Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminador, a referência à pessoa que fala, deitivamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema dos pronomes pessoais, conservando porém com o verbo a mesma relação sintática de terceira pessoa gramatical (OMENA, 1996, p.189).

Para Menon (1997), a forma em questão é considerada gramaticalizada porque um item lexical passou por modificações em suas propriedades sintática, morfológica, semântica e fonológica, perdendo sua autonomia na língua e assumindo funções específicas. Ao ser empregada como pronome de primeira pessoa do plural, neutralizou-se a concordância e passou a ser também indeterminadora do sujeito.

Ainda que o verbo em concordância com *a gente* mantenha-se na 3PS, interpreta-se a existência de um falante + alguém. Este comportamento está também associado ao princípio da decategorização (HOPPER, 1991), o qual indica a neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da classe origem (nome) e adoção dos atributos da classe-destino (forma pronominal).

A forma *a gente*, ao contrário da forma original, passou a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino de acordo com o gênero do referente (*a gente* está tranquila – referência exclusiva a mulheres / *a gente* está tranquilo – referência mista, ou a homens) o que ocorre também com o pronome *nós* (*nós* estamos tranquilas/*nós* estamos tranquilos). O nome *gente*, por sua vez, admite apenas a concordância no feminino, mesmo que o referente seja do gênero masculino (essa *gente* não sabe o que faz).

Vitral (2017, p. 111) afirma que “a gramaticalização é um fenômeno que ocorre em todas as línguas. Por meio dela são criadas novas palavras e novos significados”. O termo é usado também por Ilari e Basso (2014, p. 153) que o definem como “um processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais”, ou seja um item lexical de uma língua passa a assumir uma nova função nessa mesma língua. A esse respeito, Coelho *et al.* (2018, p. 156) acrescentam:

No percurso de gramaticalização, postula-se que *a gente* resultou do seguinte processo: de ‘gente’ (nome genérico) para ‘a gente’ (pronome indefinido) e deste para o pronome pessoal ‘a gente’. A forma pronominal continua mantendo uma realção de concordância com o traço formal originário da flexão verbal (morfema zero), porém, a interpretação semântico-discursiva se altera, passando a incluir o falante.

No processo de gramaticalização de *a gente* há resquícios de etapas anteriores como a referência genérica e os traços do significado original do item lexical “*gente*”, uma vez que o pronome ainda mantém um sentido de coletividade, seja eu + alguém, eu + eles ou eu + vocês. De acordo com Zilles (2007), o sentido original do substantivo latino: *gens*, *gentis* significava *povo*, tendo, inerentemente, um traço semântico de pluralidade e um traço de pessoa (ser humano). O substantivo *gente*, no entanto, era um nome coletivo, “fator decisivo para assumir, posteriormente, como pronome indefinido, o valor [+genérico], correspondente ao significado de ‘toda e qualquer pessoa.’” (ZILLES, 2007, p.32).

Outro exemplo clássico de gramaticalização é o *você*, que coocorre, no português brasileiro, com o pronome *tu*. De acordo com Ilari e Basso (2014, p. 153), “a palavra remonta a *vossa mercê*, via *vosmecê*, e era, na sua origem, uma forma de tratamento como o *vossa excelência* ou *vossa majestade*”. Vianna e Lopes (2015) colocam que em algumas localidades brasileiras – mais para a área central do país – os falantes apresentam comportamento linguístico bastante uniforme em relação aos pronomes de segunda pessoa do singular, usando predominantemente o *você*.

As mudanças por que passaram essas formas linguísticas não afetaram apenas o paradigma pronominal, mas também o paradigma verbal. O quadro a seguir mostra que a competição entre as formas *nós* e *a gente*, *tu* e *você* tem favorecido uma dinâmica na variação

da concordância verbal, trazendo ou não a morfologia de número no verbo quando esses pronomes estão na posição de sujeito.

Quadro 1: Reestruturação do paradigma verbal

PARADIGMA 1	PARADIGMA 2
Eu ando/escrevo/vou	Eu ando/escrevo/vou
Tu andas/escreves/vais	Tu anda(s)/escreve(s)/vai(s) Você anda/escreve/vai
Ele(a) anda/escreve/vai	Ele(a) anda/escreve/vai
Nós andamos/escrevemos/vamos	Nós anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos) A gente anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos)
Vós andais/escreveis/ides	Vocês anda(m)/escreve(m)/vai(ão)
Eles(as) andam/escrevem/vão	Eles(as) anda(m)/escreve(m)/vai(ão)

Fonte: Coelho *et al.* (2018, p. 156)

O paradigma 1 está veiculado na tradição gramatical e na maioria dos livros didáticos evidenciando a norma padrão, enquanto o paradigma 2 representa as variedades do português usado atualmente no Brasil, principalmente na fala². Notamos que a mudança entre os paradigmas 1 e 2 deve-se ao desuso do *vós* e à entrada das formas pronominais *a gente* e *você*, que passaram a conviver com as formas *nós* e *tu*.

Monteiro (1994) aponta que a reestruturação do paradigma pronominal no português brasileiro pode ser proveniente de uma possível redução do sistema de conjugação verbal, sendo que algumas mudanças se fazem completas, a exemplo da extinção de *vós* em contraponto ao *vocês*, enquanto o *tu* e o *você*, o *nós* e o *a gente* convivem em variação.

Acerca dos pronomes de primeira pessoa do plural, destacamos ainda que, além da função de sujeito, as formas pronominais *nós* e *a gente* podem desempenhar também funções sintáticas de adjunto e de complemento. Expressões como *com a gente*, *pra gente* e *da gente* em vez de *conosco*, *pra nós* e *nosso* são comuns no português brasileiro (OMENA, 1996).

² Outras formas verbais também podem ser encontradas junto ao sujeito pronominal de primeira pessoa do plural. Em nossa pesquisa, referente ao pretérito perfeito do indicativo, encontramos ocorrências como: *nós andemo* para *nós andamos/andou*; *nós falemo* para *nós falamos/falou*; *nós comimo* para *nós comemos/comeu*.

2. 2 Estudos dos pronomes de primeira pessoa no Brasil

O uso dos pronomes de 1PP no PB tem sido continuamente estudado nas diferentes regiões do país. A pesquisa acadêmica brasileira acumula grande produção bibliográfica de caráter variacionista e, com isso, apresentamos um apanhado geral dos principais resultados para o fenômeno de variação dos pronomes *nós* e a *gente* na posição de sujeito.

Com um caráter mais descritivo, a divisão geográfica desta seção tem como objetivo organizar a literatura para facilitar a compreensão e a comparação dos resultados dos trabalhos desenvolvidos em cada região do país. Destacamos, ainda, que apresentamos apenas os dados gerais e os dados relacionados às variáveis sociais, considerando que os trabalhos desenvolvidos apresentam procedimentos metodológicos distintos e as variáveis linguísticas muitas vezes se apresentam em grande número e nem sempre são as mesmas para todos os estudos. Desta forma, as variáveis linguísticas relacionadas aos trabalhos aqui apresentados serão abordadas no capítulo de análise, auxiliando na compreensão e discussão dos resultados da nossa pesquisa sobre o uso dos pronomes de 1PP no Maranhão.

Figura 1: Regiões do Brasil em que o fenômeno linguístico *nós* e *a gente* foi investigado



Fonte: Vianna e Lopes (2015, p. 110), *ampliado*.

Ao observarmos o mapa, são evidentes as diferenças em relação aos estudos dos pronomes de primeira pessoa no português brasileiro: enquanto algumas regiões mostram-se amplamente investigadas, em outras o fenômeno ainda carece de descrição.

2.2.1 Região Norte

Dos sete estados que compõem a região Norte, em apenas dois deles foram realizadas pesquisas sobre a variação dos pronomes de 1PP. A primeira delas é a de Silva (2011) com o objetivo de analisar o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na fala de 35 informantes, sendo 15 mulheres e 20 homens, moradores de Belém, no estado do Pará. A pesquisa foi realizada

levando em consideração as faixas etárias de 18 a 25 anos, 26 a 45 anos, e acima de 46 anos. Para o fator escolaridade, a pesquisadora trabalhou com três níveis: não alfabetizados, ensino fundamental e ensino médio. A autora não apresenta dados percentuais gerais do uso dos pronomes de primeira pessoa, mas afirma que, apesar da diferença não ser tão expressiva, na fala belenense há uma preferência de uso do pronome *a gente* em detrimento do pronome *nós*. Diferentemente da maioria das pesquisas sociolinguísticas, a análise dos dados não se deu por meio do Programa GoldVarb, ainda assim é possível identificar uma tendência maior para o uso da forma inovadora *a gente* entre os informantes da faixa etária de 18 a 25 anos, com um percentual de 66,67% contra 33,33% da forma conservadora *nós*. A pesquisa mostra também que os entrevistados acima de 46 anos usaram preferencialmente o pronome *nós*, com 60% de ocorrências. De acordo com Silva (2011), o fator escolaridade foi determinante para o fato de os sujeitos utilizarem a concordância do pronome com os verbos de acordo com a norma padrão.

Outro estudo realizado na região Norte é o de Silva (2013), em Rio Branco, no estado do Acre. A partir de uma amostra de 40 informantes, 20 homens e 20 mulheres, Silva trabalhou com quatro faixas etárias e três níveis de escolaridade. De acordo com os resultados, de 1.061 dados, 76,7% foi de realizações da forma *a gente* e 23,3% da forma *nós*. O estudo mostra também que existe uma diferença bastante considerável no uso dos pronomes em relação ao sexo do falante, com percentual de 82% da forma inovadora para as mulheres e 61% para os homens. De acordo com as faixas etárias, foram obtidas as seguintes frequências de uso do pronome *a gente*: 10 aos 12 anos, 74%; 15 aos 21 anos, 86%; 32 aos 51 anos, 84%; 61 aos 73 anos, 57%. Para o grupo de fatores escolaridade, os dados percentuais apontam que a forma pronominal *a gente* apresentou menor frequência entre os falantes com ensino fundamental, 67%, enquanto aqueles com grau de escolaridade mais elevado se mostraram mais favoráveis ao uso da forma inovadora: ensino médio, 86%, e ensino superior, 84%.

2.2.1.1 Algumas considerações

Silva (2011) faz uma comparação da fala dos entrevistados a partir de duas divisões de faixa etária independente do sexo e do grau de escolaridade. Em sua análise a autora mostra que os entrevistados acima de 46 anos usaram preferencialmente o pronome *nós*, 60% das ocorrências, enquanto os que têm menos de 46 anos fizeram mais uso da forma *a gente*, 55% das ocorrências. Segundo Labov (2008 [1972]), quando é alto o índice de uso de uma variante na faixa etária dos jovens, é porque está havendo uma mudança em progresso. Contudo, em termos percentuais, ainda que confirmada a tendência ao uso da variante inovadora *a gente* ao

invés da forma pronominal conservadora *nós*, os dados obtidos nesta pesquisa revelam um certo equilíbrio no uso das formas pronominais em questão, “demonstrando ser prematura a ideia de uma substituição de uma forma pela outra” (SILVA, 2011, p. 62).

No estudo de Silva (2013) observamos uma alta frequência de uso da forma *a gente*, o que nos permite afirmar que na comunidade rio-branquense o pronome inovador encontra-se em estágio bastante avançado, porém, ainda em coocorrência com o pronome *nós*. Como mostrado pela autora, as mulheres favorecem o uso da forma inovadora, enquanto os homens mostram-se mais conservadores. Ao comparamos as faixas etárias analisadas, percebemos que a forma inovadora está sendo usada com maior frequência nas faixas etárias mais jovens, nesse sentido, esses dados representam uma possível tendência para o processo de mudança linguística no português falado pela comunidade estudada.

2.2.2 Região Centro-Oeste

Na região Centro-Oeste, dos três estados e o Distrito Federal, as pesquisas sociolinguísticas que tratam da variação do pronome de primeira pessoa do plural foram realizadas apenas nos estados do Goiás e do Mato Grosso do Sul.

Mattos (2013) focaliza diferentes pontos do Goiás, como a capital do estado, Goiânia, e os municípios, Formosa, Anápolis, Ceres, Abadiânia, entre outros. A pesquisa inclui 55 falantes de ambos os sexos, 28 mulheres e 27 homens, organizados em três faixas etárias, entre 16 e 86 anos, e dois níveis de escolarização, ensino médio e ensino superior. De acordo com os seus resultados, a partir do total de 2.412, dados houve uma produtividade de 77% de *a gente* contra 23% de *nós*. Os mais jovens são tendencialmente mais favoráveis à forma *a gente*: 87% para a faixa etária de 16 a 24 anos, 77% para a faixa etária de 25 a 40 anos e 61% para os informantes de 41 a 86 anos. No fator escolaridade, a pesquisa aponta que a forma inovadora *a gente* é mais utilizada entre os que têm apenas o ensino médio, sendo 87% para este nível e 71% para o nível superior. Mostra também que esta forma é um pouco mais frequente na fala das mulheres, sendo 80% para elas contra 75% para os homens.

No estado do Goiás temos também o trabalho de Muniz (2007) que compara a fala de uma comunidade rural (Jaraguá) e um centro urbano (Goiânia), a partir da observação de 21 informantes. De acordo com a pesquisa, foram observadas as frequências de 69% de *a gente* e 31% de *nós* em Goiânia, enquanto em Jaraguá a forma *a gente* apresenta apenas 43% de uso contra 57% de *nós*.

Outro estudo desenvolvido na região Centro-Oeste do país é o de Muniz (2008), no Mato Grosso do Sul. O *corpus* analisado pela pesquisadora é composto por uma amostra de fala de assentados de uma comunidade rural de Ponta Porã. A amostra é constituída por 16 inquéritos, sendo oito mulheres e oito homens entrevistados, distribuídos entre duas faixas etárias e entre escolarizados e não-escolarizados. Das 1.013 ocorrências das formas *nós* e *a gente*, 61% é do pronome *nós* e 39% do pronome *a gente*. O estudo mostra que a frequência de uso da forma inovadora *a gente* é maior entre as mulheres, 52%, enquanto para os homens temos um percentual de 23%. Percentuais parecidos ocorrem na variável faixa etária: pessoas com idade entre 16 e 30 anos apresentaram uma frequência de uso de 51% do pronome *a gente*, e os informantes de 50 a 70 anos apenas 29%. A atuação do grupo de fatores escolaridade em relação à forma *a gente* na comunidade da zona rural de Ponta Porã mostra que entre os não-escolarizados o uso da variante é bem menor, 24%, do que entre os escolarizados, 54%.

2.2.1.2 Algumas considerações

Tanto o estudo de Mattos (2013) quanto o estudo de Muniz (2007), realizados em cidades do estado do Goiás, mostram que os falantes que vivem em áreas urbanas estão usando mais o pronome inovador, *a gente*, do que o pronome conservador, *nós*. Por outro lado, os dados de Muniz (2007) e Muniz (2008), realizados com falantes que vivem em áreas rurais do Goiás e do Mato Grosso do Sul, revelam que há uma preferência de uso do pronome *nós* em detrimento do pronome *a gente*.

Diante dos três estudos apresentados, observamos que existem diferenças no uso dos pronomes de 1PP na região Centro-Oeste e que estas diferenças podem estar ligadas não necessariamente ao limite geográfico dos estados, Mato Grosso do Sul e Goiás, mas ao fator rural x urbano, uma vez que o estudo realizado na comunidade rural do Goiás e o estudo realizado na comunidade rural do Mato Grosso do Sul apresentaram percentuais bem próximos, ambos diferenciando-se, portanto, dos resultados encontrados na área urbana do Goiás.

Devido à ausência de pesquisas com falantes que vivem em áreas urbanas do Mato Grosso do Sul, acreditamos que é prematuro afirmar que o pronome *nós* é o mais usado na fala sul-mato-grossense, pois, ao compararmos os dados de Mattos (2013) e de Muniz (2007), em relação ao estado do Goiás, percebemos que os fatores rural e urbano são condicionadores do uso dos pronomes. Desta forma, podemos ter apenas o resultado representativo da fala rural do Mato Grosso do Sul, carecendo de outras pesquisas para que os dados possam ser comparados e montado, de fato, um retrato sociolinguístico do fenômeno na fala sul-mato-grossense.

De acordo com os resultados de Mattos (2013) e Muniz (2008), observamos que a forma *a gente* está sendo mais usada pelas mulheres do que pelos homens. Ainda sobre as duas pesquisas, discutindo em linhas gerais a partir dos dados percentuais, depreendemos que quanto mais jovens são os falantes, mais ocorrências do pronome *a gente* são encontradas.

2.2.3 Região Nordeste

Na região Nordeste, assim como nas regiões Norte e Centro-Oeste, ainda são poucas as descrições de caráter sociolinguístico que mostram como ocorre a variação do pronome de primeira pessoa do plural. Com exceção da Bahia, onde o fenômeno foi amplamente estudado, pesquisas sobre a variação do pronome em posição de sujeito foram realizadas apenas nos estados do Ceará, de Alagoas, da Paraíba e do Maranhão.

Ramos (1996) utilizou uma amostra constituída por 10 inquéritos coletados em São Luís do Maranhão onde foram entrevistados homens e mulheres distribuídos por quatro faixas etárias, 13 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 55 anos e mais de 55 anos, e três níveis de escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Das 253 ocorrências, 61,6% foi do *a gente* e 38,4% do *nós*. O estudo mostra que o percentual mais baixo de uso da forma *a gente* ocorre nas faixas etárias de 16 a 25 anos e acima de 55 anos, 31,6% e 44,4%, respectivamente. E o percentual mais alto ocorre nas faixas etárias de 13 a 15 anos, 93,9%, e 26 a 55 anos, 51,7%. De acordo com a autora a escolaridade não se mostrou um fator significativo para a alternância *nós/a gente*.

No Maranhão há também o trabalho de Sousa (2019), uma pesquisa PIBIC desenvolvida a partir de uma amostra pertencente ao Projeto ALiMA e vinculada ao projeto “Análise e mapeamento de fenômenos morfossintáticos no português falado no Maranhão” que, durante o triênio 2017-2020, deu prioridade à análise de fenômenos morfossintáticos variáveis, focalizando dimensões linguísticas, sociais e espaciais da variação e da mudança linguística no âmbito pronominal. Os 44 inquéritos analisados estão estratificados em sexo masculino e feminino, dois níveis de escolaridade, ensino fundamental e ensino superior, e duas faixas etárias, 18 a 30 anos e 50 a 65 anos. Das 1.456 realizações encontradas, 69,2%, foi do pronome *a gente* e 30,8% do pronome *nós*. A forma inovadora mostrou-se mais produtiva na fala das mulheres, 87,5%, do que na fala dos homens, 61,6%. A primeira faixa etária apresentou 64,5% de ocorrências do pronome *a gente*, enquanto a segunda apresentou percentual de uso de 73,1%. Em relação ao grupo de fatores escolaridade, a forma pronominal *a gente* apresentou uma frequência de 92,7% no ensino superior e de 68% no ensino fundamental.

Na pesquisa realizada em Fortaleza, Araujo (2016) utilizou uma amostra proveniente do banco de dados do Projeto NORPOFOR, composta por 53 informantes, sendo 26 mulheres e 27 homens, distribuídos entre três faixas etárias e três níveis de escolaridade³. O estudo apontou que, num total de 999 ocorrências, 67% correspondem ao uso do *a gente*, e 33% ao uso do *nós*. É importante destacar que esses dados contemplam, além da função de sujeito, as funções de adjunto, objeto direto, predicativo do sujeito e objeto indireto. Tratando especificamente da função de sujeito, os dados apresentados mostram os valores percentuais de 66% do pronome *a gente* e 34% do pronome *nós*. Para o grupo de fatores faixa etária, a pesquisa mostrou um maior uso de *a gente* na faixa etária de 15 a 25 anos, 79%, enquanto a faixa intermediária, 26 a 49 anos, e a faixa acima de 50 anos apresentaram percentuais de 57% e 64%, respectivamente. Quanto à variável escolaridade, os informantes com até a 4ª série do ensino fundamental apresentaram 70,2% de ocorrências do pronome *a gente*, os que têm até a 8ª série, 56,2%, e os que têm o ensino médio, 67,6%. De acordo com a autora, a variável sexo não se mostrou relevante para a análise, desta forma não foram apresentados valores percentuais de uso dos pronomes.

Fernandes (2004) investigou o fenômeno variável em João Pessoa, na Paraíba, utilizando uma amostra constituída por 60 informantes a partir do Projeto VALPB. Na estratificação da amostra foi considerada a variável sexo do falante, as faixas etárias de 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 49 anos, e três níveis de escolaridade: analfabetos, ensino fundamental e ensino médio. Das 2.739 ocorrências encontradas, 79% são dados de *a gente* e 21% de dados de *nós*. De acordo com Fernandes (2004), as frequências relativas à aplicação de *a gente* foram superiores em todos os níveis de escolarização, com valores bastante aproximados entre eles, porém, os índices mais elevados foram entre os analfabetos, 90%. Em relação às variáveis sexo e faixa etária a autora afirma que as diferenças na aplicação da regra variável entre homens e mulheres de João Pessoa é bastante sutil em todas as faixas etárias.

No estado de Alagoas, Vitória (2016) analisou a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala culta da cidade de Maceió, a partir de uma amostra composta por 24 entrevistas de falantes maceioenses que possuem o ensino superior completo com base em duas dimensões

³ Os trabalhos aqui apresentados, em sua escrita original, trazem variadas nomenclaturas para um mesmo nível de ensino. Do ponto de vista de sua organização interna, o atual sistema brasileiro de ensino é resultado de importantes modificações introduzidas em 1971, 1988 e 1996. Dessa forma, é comum encontrarmos, ainda, nomenclaturas diferentes para se referir a um mesmo nível/etapa de ensino. Uma das etapas de ensino que sofreu alteração mais recente foi o Ensino Fundamental, em 2006 foi sancionada a Lei nº 11.274 que regulamenta o ensino fundamental de 9 anos, ou seja, o que até em 2006 se chamava série, a partir desta data passou a chamar-se ano. Não adotamos, portanto, a nomenclatura em anos, mas em séries. Isso devido ao fato de que os projetos como ALiB, ALiMA, entre outros mencionados neste trabalho, utilizam ainda a nomenclatura em séries, e com o intuito de uniformizar e facilitar a compreensão no que diz respeito à escolaridade, mantemos tal nomenclatura.

de estratificação: sexo masculino e feminino e faixa etária de 15 a 29 anos, de 30 a 44 anos e acima de 44 anos. Das 319 realizações, 80% foram de *a gente* e 20% do pronome *nós*. De acordo com os resultados obtidos, entre os falantes de 15 a 29 anos e de 30 a 44 anos, a produtividade de *a gente* foi bastante próxima, atingindo, respectivamente, percentuais de 99% e 90%. Entre os falantes acima de 44 anos também há uma preferência pelo uso da forma inovadora, mas com um percentual menor de realização, 64% de *a gente* contra 36% de *nós*. O estudo mostra ainda que as mulheres utilizam o pronome *a gente* com um pouco mais de frequência do que os homens, sendo 85% entre elas e 77% entre eles.

Mendes (2007) desenvolveu seu estudo a partir de um *corpus* extraído de 24 entrevistas com informantes da sede e da zona rural do município de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano. A pesquisa foi realizada com homens e mulheres com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental, distribuídos em três faixas etárias: 20 a 40 anos, 41 a 60 anos e de 61 anos em diante. Em um total de 1.970 referências à primeira do plural, a forma *a gente* ocorreu em 93% dos casos, contra 7% da forma *nós*. Os informantes da segunda faixa etária, apresentaram a mais elevada frequência de uso do pronome *a gente*, 98%, superando a primeira faixa etária, cuja frequência de uso desse pronome foi de 91%. Entre os informantes com mais de 61 anos, a frequência de uso da forma inovadora foi de 87%. Ao analisar a variável localidade, Mendes (2007) obteve um percentual de uso de 94% do pronome *a gente* para a sede do município e de 92% para a zona rural. Ainda, de acordo com a autora, a variável sexo não foi selecionada como estatisticamente relevante e com isso não foram apresentados dados percentuais.

Outro importante estudo desenvolvido no estado da Bahia é o de Nascimento (2013), realizado a partir de 24 inquéritos obtidos no banco de dados do Projeto NURC-SSA. Trata-se de uma pesquisa diacrônica em que todos os informantes têm ensino superior e a amostra está estratificada em sexo, masculino e feminino, faixa etária, de 25 a 35 anos e acima de 36 anos, e década, 1970 e 1990. Dos 554 dados encontrados, 48,2% são da forma *a gente* e 51,8% são da forma *nós*. O estudo mostra que na fala das mulheres há mais ocorrências de *a gente*, 62%, do que na fala dos homens, 34%. Quanto à faixa etária, entre os informantes de 25 a 35 anos, houve uma frequência de 73% do pronome *a gente*, e para os falantes acima de 36 anos uma frequência de 24%. No grupo de fatores década, os dados mostraram que a frequência da forma inovadora *a gente* é maior na década de 90, com percentual de 69%, enquanto que na década de 70 esse percentual cai para 28% das ocorrências.

Oliveira (2008), em seu estudo em uma comunidade rural afro-brasileira localizada no município de Cachoeira – BA, a partir de um *corpus* extraído de 12 entrevistas na comunidade de Caimbongo, mostra que, dos 778 dados encontrados na análise, 85% são referentes ao

pronome *a gente* e 15% referentes ao pronome *nós*. A estratificação foi realizada a partir do sexo do falante, das faixas etárias de 20 a 35 anos, 40 a 45 anos e mais de 55 anos. Foi levada em consideração também a variável escolaridade, escolarizados⁴ e não-escolarizados, e as variáveis exposição às mídias sociais e saídas da comunidade. O estudo revela que entre os escolarizados a forma *a gente* apresentou uma frequência de uso de 98%, e entre os não escolarizados a frequência foi de 68%. A primeira faixa etária mostrou-se a mais favorável ao uso da forma *a gente*, com uma frequência de 99%, seguida pela terceira faixa etária, 85%. Já a segunda faixa etária apresentou a menor frequência de todas, 75%. A variante *a gente* também mostrou-se extremamente favorecida na fala das mulheres, com 97% de frequência de uso para elas contra 67% de frequência de uso para os homens. Quanto à exposição às mídias sociais, o uso da variante inovadora foi de 100% para aqueles mais expostos e de 76% para os menos expostos. Para a variável saídas da comunidade, aqueles que saem com mais frequência apresentaram um percentual de uso de 95% do pronome *a gente*, enquanto os que saem com menos frequência apresentaram um percentual de 63%.

Santana (2014) faz um retrato do uso variável dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito discursivo no português popular falado em Salvador. Foram analisados 12 inquéritos do PEPP, estratificados em sexo, três faixas etárias, de 15 a 24 anos, 25 a 35 e de 65 anos em diante, e dois níveis de escolaridade, até a 4ª série do ensino fundamental e ensino médio. Dos 453 dados encontrados, 76% foram de ocorrências do pronome *a gente* e 24% do pronome *nós*. O estudo mostra que à medida que idade diminui a frequência de uso do pronome *a gente* aumenta: a primeira faixa etária apresentou uma frequência 91%, a segunda, 74%, e a terceira, 62%. Para a variável escolaridade, os falantes que têm apenas até a 4ª série do ensino fundamental utilizam menos o pronome inovador, 70%, do que os que têm o ensino médio, 83%. A pesquisa indica também que o uso do *a gente* é um pouco maior entre as mulheres, 81%, contra 71% de uso para os homens.

2.2.1.3 Algumas considerações

De um modo geral, a partir dos estudos apresentados, podemos afirmar que o pronome *a gente* encontra-se em estágio bastante avançado na região Nordeste, sendo mais usado do que o pronome *nós*, inclusive nas comunidades rurais.

⁴ A autora considera escolarizados os falantes que estudaram até a 4ª série do ensino fundamental, pois nesta comunidade o ensino formal só era oferecido até esta série.

Um dos estudos apresentados, no entanto, carece de um destaque nesta seção devido à alta frequência da forma conservadora, que se mostrou mais produtiva do que a forma inovadora, diferenciando-se dos demais resultados encontrados nesta região. Nascimento (2013), analisa as ocorrências dos pronomes a partir de dois períodos, 1970 e 1990, ao comparar as ocorrências entre estas duas décadas, é possível observar um aumento de 41% do pronome *a gente*, ou seja, considerando apenas os dados da década de 90, o percentual observado assemelha-se aos percentuais encontrados nas outras comunidades do Nordeste.

Partindo desta comparação, não poderíamos deixar de analisar também os dados encontrados no Maranhão, *lócus* da nossa pesquisa. O intervalo existente entre o estudo de Ramos (1996) e o estudo de Sousa (2019) é também de duas décadas, porém, diferentemente do que aconteceu na fala soteropolitana, o aumento do pronome *a gente* na fala maranhense foi de apenas 8%. É importante destacarmos que Nascimento (2013) trabalha com um *corpus* constituído somente de fala de informantes com ensino superior, seria, portanto, esse fator o grande condicionador do aumento tão expressivo do uso do *a gente* no intervalo de duas décadas? A variante *a gente* estaria avançando mais rápido entre as pessoas mais escolarizadas?

De todo modo, apesar de não termos ainda respostas para estes questionamentos, os dados apontam indícios de uma mudança em curso, de substituição da variante canônica *nós* pela variante inovadora *a gente*.

2.2.4 Região Sul

Na região Sul, a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural tem sido amplamente estudada. A pesquisa científica conta com descrições e análises de cunho sociolinguístico do fenômeno variável para todos os estados.

Tamanine (2010) analisou 32 entrevistas referentes à cidade de Curitiba, disponibilizadas pelo Projeto VARSUL. A autora trabalhou com duas faixas etárias, 25 a 49 anos e mais de 50 anos, e com quatro níveis de escolaridade, 1ª a 4ª série do ensino fundamental, 5ª a 8ª série do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. No registro geral de ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, dos 2.084 dados, 54% foram de *a gente* e 46% de *nós*. Em relação à faixa etária, a aplicação do pronome *a gente* apresentou-se mais produtiva na faixa etária mais jovem, 70%, contra 41% para a faixa etária mais idosa. Esta forma também mostrou-se favorecida na fala das mulheres, com 58% de ocorrências, enquanto para os homens o percentual foi de 48%. Quanto à variável escolaridade, o uso da forma inovadora foi mais

frequente no ensino médio, 63%, seguido pelo nível de 5ª a 8ª série do ensino fundamental, 55%, e o de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, 52%. O ensino superior foi o que apresentou menor percentual, com 46% de ocorrências. Os valores percentuais revelam que o ensino superior é o único que inibe a variante inovadora, favorecendo portanto o uso do pronome *nós*.

Tamanine (2002) também estudou a alternância dos pronomes de 1PP no interior de Santa Catarina, nas cidades de Blumenau, Chapecó e Lages, utilizando uma amostra do banco de dados do Projeto VARSUL. O *corpus* foi extraído de 72 entrevistas, divididas igualmente para cada uma das cidades. Os informantes estão distribuídos em duas faixas etárias, até 45 anos e mais de 50 anos, sexo masculino e feminino, e três níveis de escolaridade, de 1ª a 4ª do ensino fundamental, 5ª a 8ª série do ensino fundamental e ensino médio. Dos 5.235 dados, 55% correspondem ao pronome *a gente* e 45% ao pronome *nós*. Na distribuição por localidade, o estudo mostra que Blumenau apresenta o maior índice de *a gente*, 60%, seguida por Lages, 58%, e que Chapecó é a que mais conserva o uso do *nós*, 52%, contra 48% do *a gente*. Considerando que as análises estatísticas dos fatores escolaridade, faixa etária e sexo foram realizadas individualmente para cada comunidade, não conseguimos apresentar valores percentuais gerais para estes fatores, no entanto Tamanine (2002) afirma que há favorecimento da forma *a gente* na faixa etária mais jovem. Da mesma forma as mulheres mostram uma tendência maior ao uso do pronome *a gente* enquanto os homens tendem a usar mais o pronome *nós*, porém as frequências de uso estão bastante próximas. Outra observação feita pela autora é que, apesar de ser uma diferença bem pequena, à medida que aumenta o nível de escolaridade, aumenta o número de aplicação do *a gente*.

Franceschini (2011) analisa a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia. A amostra foi constituída por 24 entrevistas coletadas pela própria pesquisadora e distribuídas por sexo, duas faixas etárias, 26 a 45 anos e a partir de 50 anos, e três níveis de escolaridade, de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e ensino médio. Dos 1.553 dados encontrados, 50% foram do pronome *a gente* e 50% do pronome *nós*. Em relação à faixa etária, o estudo mostra que os mais jovens usam mais a forma inovadora *a gente*, 55%, na mesma proporção que os mais velhos usam a forma conservadora *nós*, 55%. Na variável escolaridade, os níveis de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª série apresentam frequências bem próximas no uso da forma *a gente*, 54% e 53%, respectivamente. No ensino médio esse percentual cai para 46%. Para o grupo de fatores sexo, os homens apresentaram maior percentual de uso do pronome *a gente*, 55%, e as mulheres um maior percentual de uso do pronome *nós*, 53%.

O estudo de Seara (2000) foi realizado na cidade de Florianópolis a partir de dados do Projeto VARSUL utilizando uma amostra de doze entrevistas estratificadas por sexo, dois níveis de escolaridade, 1ª a 4ª série do ensino fundamental e ensino médio, e três faixas etárias, 15 a 24 anos, 25 a 50 anos e mais de 50 anos. A produtividade geral das formas foi 72% de *a gente* contra 28% da forma *nós*. Quanto à variável sexo, os resultados mostram um maior favorecimento da forma *a gente* na fala das mulheres, 80%, enquanto na fala dos homens houve uma frequência de 60%. O estudo aponta também que a forma *a gente* é mais usada na primeira faixa etária, 76%, seguida pela faixa acima de 50 anos, 72%, e o menor percentual de uso está na faixa etária de 25 a 50 anos, que apresentou frequência de 70%. No grupo de fatores escolaridade, apesar da pouca diferença, a forma inovadora *a gente* está sendo mais usada pelos falantes do ensino médio, 74%, enquanto entre os falantes de 1ª a 4ª série a frequência de uso é de 70%.

Zilles (2002) trabalhou com uma amostra de 33 informantes para o desenvolvimento da sua pesquisa na cidade de Porto Alegre. As entrevistas foram obtidas do banco de dados do Projeto VARSUL, estratificadas por sexo, idade, de 25 a 49 anos e acima de 50 anos, e nível de escolarização, de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, de 5ª a 8ª série do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Das 1.483 ocorrências, 70% foram do pronome *a gente* e 30% do pronome *nós*. A primeira faixa etária apresentou-se mais favorável ao uso do *a gente*, 79%, enquanto a segunda faixa etária apresentou uma frequência de 64%. Da mesma forma, as mulheres mostraram-se mais favoráveis ao uso da forma inovadora, com percentual de 75% contra 63% para os homens. Em relação ao fator escolaridade, os dados mostram que a forma *a gente* é mais usada pelos falantes do ensino médio, 78%, e de 5ª a 8ª série, 74%. Por outro lado, os falantes do ensino superior e de 1ª a 4ª apresentaram as menores frequências para esta variante, com percentuais de 68% e 54%, respectivamente.

Em outro estudo Zilles (2007) confronta dados de Porto Alegre relativos às décadas de 1970 e de 1990. A amostra referente à década de 1970 foi obtida do banco de dados do Projeto NURC e conta com o número de 20 inquéritos, e a amostra referente à década de 1990 foi obtida do banco de dados Projeto VARSUL e conta com uma amostra de 16 inquéritos. Para a década de 1970, o percentual de *a gente* foi de 56%, enquanto para a década de 1990 a frequência foi 72%. No estudo a autora não apresenta individualmente os percentuais das variáveis sociais para cada uma das décadas analisadas.

Outra pesquisa realizada na região Sul é a de Borges (2004), que utiliza dois tipos de amostras. A primeira é constituída por 60 inquéritos provenientes dos bancos de dados dos projetos BDS Pampa e VarX, realizados nas cidades de Jaguarão e Pelotas. A segunda é

constituída por falas de personagens de onze peças de teatro de atores gaúchos, correspondente a um período de cem anos (1896 até 1995). O autor investigou o uso dos pronomes partir da seguinte estratificação: sexo, faixa etária, de 16 a 25 anos, de 26 a 49 anos, 50 anos ou mais, e classe social⁵, baixa, média-baixa e média alta. Em relação à primeira amostra, Pelotas foi a localidade que apresentou mais ocorrências do pronome *a gente*, 78%, contra 69% em Jaguarão. Levando em consideração que os grupos de fatores foram analisados separadamente para cada uma das comunidades, limitamo-nos a apresentar os dados percentuais completos apenas da variável sexo. Na comunidade de Jaguarão as ocorrências de *a gente* foram de 70% para as mulheres contra 68% para os homens. Em Pelotas, os dados mostram uma frequência de uso de 78% para ambos os gêneros. A partir dos dados apresentados é possível observar também que o uso da forma inovadora é maior nas duas faixas etárias mais jovens em ambas as comunidades e que Jaguarão e Pelotas, em relação ao grupo de fatores classe social, apresentam percentuais bastante distintos: em Jaguarão é a classe baixa que apresenta maior percentual de *a gente*, 80%, e em Pelotas é a classe média-alta, 80%. Quanto à segunda amostra, referente às peças de teatro, as ocorrências foram de 50% do pronome *a gente* e 50% do pronome *nós*. Nesta amostra o uso do *a gente* é favorecido pelas personagens mulheres, jovens (abaixo de 50 anos) e pertencentes à classe social baixa.

Pacheco (2014) desenvolveu seu estudo na comunidade bilíngue Aceguá, fronteira Brasil-Uruguai, com o objetivo analisar um fenômeno variável no âmbito do contato de línguas. A amostra utilizada pela autora contou com 38 inquéritos, estratificados por sexo, masculino e feminino, nacionalidade, brasileiro e uruguaio, e faixa etária, 15 a 29 anos, 31 a 49 anos e acima de 50 anos. Dos 1.002 dados registrados, 45,1% foram do pronome *a gente* e 54,9% do *nós*. A pesquisa mostra que os brasileiros usam mais o pronome inovador, 58,6%, do que os uruguaios, 29,3%, e que as mulheres mantêm um equilíbrio no uso das duas forma pronominais, 50% para cada uma, enquanto os homens mostraram-se mais conservadores, apresentando percentual de 39% da forma *a gente*. Quanto ao grupo de fatores faixa etária, o pronome *a gente* teve menor produtividade na faixa etária acima de 50 anos, com percentual de 32,3%. Nas faixas etárias de 15 a 30 anos e 31 a 49 anos os resultados foram bastante próximos, com frequências de 52% e 49,5%, respectivamente.

⁵ Os fatores pertencentes a este grupo e analisados pelo autor foram: classe baixa, classe média-baixa e classe média-alta. De acordo com Borges (2004), a variável está estruturada com base em dimensões sociais de escolaridade, renda, local de moradia e profissão. O autor adotou uma escala numérica para definição de pertencimento dos falantes a cada uma das classes.

2.2.1.4 Algumas considerações

Como já mencionamos, na região Sul, o fenômeno variável foi analisado em todos os estados, e todas as capitais contam com a descrição linguística da variação dos pronomes *nós/a gente*. As pesquisas mostram que na capital de Santa Catarina o pronome *a gente* está em estágio bem mais avançado do que no interior deste estado. Por outro lado, na capital do Paraná os percentuais dos pronomes de 1PP se aproximam dos percentuais encontrados no interior de Santa Catarina.

Quanto ao Rio Grande do Sul, ao compararmos estes dois aspectos, parece não haver grandes diferenças, pois os valores percentuais referentes à capital e os valores percentuais referentes ao interior são bastante próximos. O único estudo que se distancia mais desta comparação é o de Pacheco (2014), no entanto, diferentemente dos demais, a pesquisa está voltada para o contato linguístico entre o português e o espanhol, logo este pode ser o motivo da inconsonância.

Devido ao fato de não termos encontrado estudos que contemplem comunidades do interior do Paraná e considerando que nos estudos sociolinguísticos o uso do pronome *a gente* tem se mostrado mais produtivo entre os falantes de capitais, os resultados de Tamanine (2010) suscitam as seguintes questões: no interior do Paraná, os falantes estariam usando mais o pronome *nós* do que o pronome *a gente*? Ou, neste estado, estaria acontecendo o inverso do que observamos nos outros estados e os falantes de Curitiba estariam preservando mais a forma canônica do que os falantes do interior? Sem o conhecimento de dados que possam nos ajudar a responder tais questionamentos, limitamo-nos apenas a apresentá-los, ressaltando a importância da descrição do fenômeno também no interior do referido estado.

Outra questão importante que precisa ser comentada nesta seção é a comparação realizada por Zilles (2007) do uso dos pronomes nas décadas de 1970 e 1990. Os dados mostram um aumento de 16% no número de ocorrências do pronome *a gente*, isso significa que, nesta região, o uso da forma inovadora *a gente* está avançando em detrimento da forma canônica *nós*.

2.2.5 Região Sudeste

As primeiras investigações sobre a alternância dos pronomes de 1PP se deram na década de 1980, apresentadas no trabalho de Omena (1986) publicado em 1996. No trabalho foi analisada a fala de 48 informantes cariocas não cultos, homens e mulheres, com base em uma

amostra do banco de dados do Projeto Censo Linguístico do Estado do Rio de Janeiro. Os informantes estavam divididos em quatro faixas etárias, 7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 a 71 anos, e em três níveis de escolaridade, 1ª a 4ª a série do ensino fundamental, 5ª a 8ª série do ensino fundamental e ensino médio. Do total de 2.701 dados, 73% foram de ocorrências de *a gente* e 27% de *nós*. De acordo com o estudo, quanto mais jovem o falante mais ocorrências do pronome *a gente*. A primeira faixa etária apresentou percentual de 90%, a segunda, 87%, e a terceira e quarta faixas etárias apresentaram frequência de 77% e 51%, respectivamente. Quanto à escolaridade, o maior percentual de ocorrências do pronome inovador foi no ensino médio, 88%, seguido pelo nível de 1ª a 4ª série, 83%. Entre os falantes de 5ª a 8ª série a frequência de uso de *a gente* foi de 60%. Em todas as faixas etárias os homens tendem a empregar mais a forma *a gente* do que as mulheres, exceto na faixa etária de 50 a 71 anos.

Em outro trabalho, Omena (2003) utilizou uma nova amostra do Projeto Censo com o objetivo de confrontar os resultados da década de 80 com resultados dos anos 2000. Foram observadas, portanto, praticamente as mesmas frequências de *a gente*: 78%, para a década de 1980, e 79%, para a década de 2000.

Em sua pesquisa, Lopes (1993) coloca em foco as capitais Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, nesse sentido a autora trabalha com dados de três regiões brasileiras: Nordeste, Sul e Sudeste. O *corpus* utilizado provém do banco de dados do Projeto NURC/Brasil e as 18 entrevistas foram estratificadas em sexo, masculino e feminino, e em três faixas etárias, 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 50 anos. Na amostra não há estratificação por escolaridade, uma vez que o projeto inclui apenas informantes com nível superior. De acordo com a autora, para a variável faixa etária, os resultados indicam favorecimento da forma *nós* entre os idosos, o equilíbrio no uso das duas formas entre os adultos e amplo favorecimento da forma inovadora entre os jovens. Na variável sexo, as mulheres tendem a usar mais a forma *a gente*, apresentando percentual de 69%, enquanto os homens apresentaram 49% de ocorrências dessa forma pronominal. Os resultados relativos às cidades mostram que no Rio de Janeiro há uma preferência de 59% para o uso de *a gente*, em oposição a Porto Alegre e Salvador, cujos falantes utilizam mais a forma *nós*, 72% e 63%, respectivamente.

Machado (1995) utilizou um *corpus* extraído da fala de 72 pescadores, obtidos do banco de dados do Projeto APERJ. Os informantes são todos do sexo masculino, analfabetos ou parcaamente escolarizados, distribuídos em três faixas etárias, 18 a 30 anos, 36 a 55 anos e 56 a 70 anos, e naturais de doze pontos de inquérito do Norte Fluminense. Dos 2.972 dados, o pronome *a gente* aparece em 72% das ocorrências, superando a forma *nós*, com 28%. Os pesos

relativos⁶ para a forma *a gente* referentes à faixa etária foram de 0.6 para a primeira faixa etária, 0.5 para a segunda e 0.3 para a terceira. Ou seja, à medida que a idade aumenta, diminui a frequência de uso do pronome inovador *a gente*.

Rubio⁷ (2012) partiu de uma amostra composta por 64 inquéritos provenientes do banco de dados do Projeto ALIP. A amostra, referente à região de São José do Rio Preto, foi estratificada em sexo, masculino e feminino, faixa etária, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 e mais de 55 anos, e em escolaridade, 1º a 4º série do ensino fundamental, 5ª a 8ª série do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Do total de 2.173 ocorrências, a pesquisa apontou maior uso do pronome *a gente*, com um percentual de 73,8%, em oposição ao pronome *nós*, com 26,2%. Em relação à escolaridade, a forma *a gente* apresentou-se mais produtiva entre os falantes de 5ª a 8ª série, 84%, e ensino médio, 81%. Entre os falantes de 1ª a 4ª série e ensino superior, os percentuais foram de 61% e 66%, respectivamente. O estudo mostra também que as diferenças no uso do pronome entre homens e mulheres são bastante pequenas, com frequência de 74,7% para elas e 72,6% para eles. Em relação ao grupo de fatores faixa etária, as duas faixas etárias mais jovens, 16 a 25 anos e 26 a 35 anos, apresentaram maior número de ocorrências do pronome *a gente*, 86% e 77,6%, respectivamente. Na faixa etária acima de 55 anos o pronome inovador também foi bastante produtivo, com frequência de 75%, e a que apresentou menor número de ocorrências foi a faixa etária de 36 a 55 anos, com percentual de 59,3%.

Mendonça (2010) investiga a variação *nós/a gente* na fala capixaba utilizando 40 entrevistas do banco de dados do Projeto PORTVIX. A amostra de falantes da cidade de Vitória foi estratificada de acordo com os sexos masculino e feminino, as faixas etárias de 07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 50 anos, e os graus de escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Das 1.745 ocorrências, 70,8% foi de *a gente* e 29,2% de *nós*. A primeira faixa etária foi a que apresentou mais ocorrências de *a gente*, 85,4%, seguida pela segunda faixa, 83,9%. As faixas etárias de 26 a 49 anos e acima de 50 anos apresentaram frequências de 58% e 56%, respectivamente. O estudo mostra também que há uma diferença bastante considerável entre homens e mulheres no uso dos pronomes de 1PP: a forma *a gente* ganha preferência na fala das mulheres, 80,2%, enquanto os homens apresentam frequência de uso de apenas 56,9%. Em relação à variável escolaridade, foram observadas as frequências de 71% para o ensino fundamental, 78,1% para o ensino médio e 63,3% para o ensino superior.

⁶ Para a descrição das variáveis do trabalho de Machado (1995) só encontramos os pesos relativos e por isso não apresentamos os dados percentuais.

⁷ Utilizando o Corpus de Referência do Português Contemporâneo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Rubio faz uma comparação com o português europeu, no qual encontrou um total de 476 ocorrências dos pronomes de 1PP, constatando o predomínio da forma *nós*, 58%, sobre a forma *a gente*, 42%.

A variação dos pronomes de primeira pessoa também foi estudada no interior do Espírito Santo. Foeger (2014) utiliza uma amostra de 32 entrevistas de moradores da área rural de Santa Leopoldina, distribuídas por sexo masculino e feminino, faixa etária de 07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima 50 anos, e escolaridade de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, 5ª a 8ª série do ensino fundamental e ensino médio. Do total de 2.109 dados, 53,9% correspondem à forma *a gente* e 46,1% ao pronome *nós*. Em Santa Leopoldina, a primeira faixa etária é a que mais desfavorece a forma inovadora *a gente*, com frequência de 32,1%, e a faixa etária de 26 a 49 anos é a que mais favorece, com um percentual de 75,1%. A faixa etária de 15 a 25 anos apresenta uma frequência de 39%, e a faixa etária mais idosa, acima de 50 anos, uma frequência de 58,3% de ocorrências. O estudo aponta que as mulheres lideram o uso de *a gente*, 58%, enquanto os homens mantêm uma frequência de uso mais ou menos equilibrada entre as duas formas: 50,7% de *a gente* e 49,3% de *nós*.

Maia (2003) analisa as forma pronominais *nós* e *a gente* na fala mineira. A autora trabalha com duas amostras: uma da comunidade rural de Pombal, pertencente ao município de Mariana, e outra da Capital Belo Horizonte. Os 24 entrevistados, que têm pouca escolaridade ou são analfabetos, foram agrupados em três faixas etárias, 20 a 39 anos, 40 a 59 anos e acima de 60 anos. Dos 672 dados, 53% foram de *a gente* e 46% de *nós*. Os resultados mostram que a primeira faixa etária está usando mais a forma *a gente*, 63%, do que a segunda, 59%, e a terceira faixa etária, 41%. Com relação à localidade, Belo Horizonte favoreceu o uso da forma inovadora *a gente*, apresentando um percentual de 70% de ocorrências, por outro lado, Pombal mostrou uma preferência pela forma conservadora *nós*, com 64% de coocorrências.

Referente a Belo Horizonte, temos também o estudo de Rocha (2009) com um *corpus* extraído do Projeto Descrição sócio-histórica do Português de Belo Horizonte. A amostra de 28 entrevistas foi estratificada por sexo masculino e feminino, escolaridade de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, 5ª a 8ª série do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, por faixa etária de 13 a 19 anos, 20 a 50 e acima de 50 anos, e por grupo social⁸, médio, trabalhador e baixo. Dos 615 dados encontrados, 62% são da forma *a gente* e 37% são do pronome pessoal *nós*. Em relação às variáveis sociais, de acordo com a autora, apenas o fator grupo social se mostrou relevante e os outros foram eliminados pelo programa. No grupo de fatores selecionado, temos as seguintes frequências de uso da forma *a gente*: médio, 57%, tabalhador, 76%, e baixo, 68%.

⁸ De acordo com a autora, para separar os informantes por grupo social foram levados em conta os seguintes fatores: tipo de moradia, renda familiar, profissão e escolaridade. Médio, faz parte da classe média, baixo, da classe baixa, e trabalhador fica num nível intermediário.

Vianna (2006) analisou o fenômeno *nós* e *a gente* em estruturas predicativas na fala e na escrita cariocas a partir de três amostras. A autora trabalhou com dois conjuntos de dados de fala extraídos do Projeto Censo/Peul: o primeiro, referente à década de 1980, conta com o número de 21 informantes, 14 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, distribuídos por diferentes faixas etárias. O segundo, referente à década de 2000, é composto por 36 inquéritos em que 19 informantes são do sexo feminino e 17 do sexo masculino. A terceira amostra foi constituída a partir da aplicação de testes de avaliação subjetiva entre estudantes de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e do ensino médio, sendo 49 do sexo feminino e 55 informantes do sexo masculino. Com base na primeira amostra, foram registradas 105 ocorrências, 58,1% do *a gente* e 41,9% do *nós*. No segundo conjunto de dados foram encontradas 82 ocorrências dos pronomes de 1PP, sendo 51,2% da forma inovadora e 48,7% da forma conservadora. Em relação à amostra da modalidade escrita, o registro foi de 1.265 dados, com frequência de 34% do pronome *a gente* contra 66% do pronome *nós*. Estes resultados nos mostram que nos testes de avaliação subjetiva houve maior produtividade da forma canônica.

2.2.1.5 Algumas considerações

Assim como na região Sul, na região Sudeste encontramos pesquisas sobre a variação dos pronomes de 1PP em todos os estados.

A partir dos dados apresentados podemos concluir que nesta região a variação dos pronomes está ocorrendo de forma semelhante às outras regiões do país, em que os falantes têm mantido uma preferência do uso do pronome *a gente*. Tanto entre os analfabetos ou parcamente escolarizados quanto entre os falantes com alto grau de instrução, a forma *a gente* tem apresentado alta produtividade, como mostram Lopes (1993) e Machado (1995).

Quando partimos para a escrita, no entanto, observamos o inverso: o pronome *nós* apresenta-se muito mais frequente do que o pronome *a gente*. Nesse sentido, considerando os resultados de Vianna (2006) podemos afirmar que a variação entre *nós* e *a gente* se mostra sensível às diferentes modalidades do ato comunicativo. A partir desta constatação e tendo que a forma inovadora não é estigmatizada pela escola, o que poderia explicar o fato de na fala estar sendo usada mais a forma *a gente* e na escrita sendo usado mais o *nós*?

Considerando que nas gramáticas escolares o pronome de 1PP é representado pela forma *nós*, uma possível explicação pode ser o valor atribuído pelos falantes a cada uma das variantes estabelecendo um grau de formalidade entre elas, em que o *a gente* representa o nível menos formal e o *nós* o nível mais formal e, portanto, mais adequado para escrita.

Nesta seção é possível estabelecer também uma comparação entre rural x urbano através das pesquisas de Maia (2003), Foeger (2014) e Mendonça (2010), que corroboram a nossa hipótese de que a forma inovadora está em estágio mais avançado nas localidades em que envolvem mais mobilidade e mais contato com um número maior de pessoas.

Além dos estudos apresentados, temos, ainda, o trabalho de Menon (1994) na região Sudeste, o de Freitas (1991) e o de Alban de Freitas (1991) na região Nordeste, e o de Borba (1993) e de Laureano (2003) na região Sul. Apesar de não termos conseguido acesso aos textos originais, registramos a existência e reconhecemos a importância destes trabalhos para os estudos do pronome de 1PP no Brasil.

2. 3 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Alguns campos das ciências da linguagem, como a linguística histórica, a linguística aplicada e a análise do discurso, se dedicam de alguma forma ao estudo da língua no contexto social, porém o nosso estudo volta-se para uma área da linguística que estuda especificamente a relação entre língua e sociedade: a sociolinguística.

Tendo em mente que a sociolinguística estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos, é importante destacar que este termo é muito amplo e envolve diversas vertentes que englobam diferentes formas de olhar para essa relação. Com isso, destacamos que a nossa intenção é direcionar para uma reflexão a partir da Sociolinguística Variacionista que, segundo Coelho *et al.* (2018, p. 14), atende também por

1. Sociolinguística Laboviana, porque seu principal expoente é o linguista norte-americano William Labov;
2. Sociolinguística Quantitativa, porque, a princípio, os pesquisadores dessa área costumam lidar com uma grande quantidade de dados de usos da língua, o que requer normalmente uma análise estatística;
3. Teoria da Variação e Mudança Linguística, por conta de suas principais preocupações: a variação e a mudança na língua.

As regularidades que encontramos na variação linguística são o principal foco de interesse da sociolinguística, que busca desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro e fora da própria língua em seu contato com a sociedade através de uma análise sistemática dos fenômenos de variação e mudança que ajudam a compreender como as línguas funcionam, atestando a visão de língua como um sistema heterogêneo e mostrando que a variação ocorre nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e discursivo.

O surgimento dos estudos sociolinguísticos, na década de 1960, vem superar a hegemonia do estruturalismo, como uma forma de recusa em aceitar o estudo da língua pela língua e também como uma reação à ausência do fator social no modelo gerativo. Ao contrário dos estudos saussurianos que postulavam a língua como homogênea, Labov (2008 [1972]) concebe a língua como inerentemente social e heterogênea, evidenciando a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. A sociolinguística colocou a variação no centro dos seus estudos, procurando explicar suas causas e motivações através da observação de variáveis linguísticas e sociais, ao invés de uma análise guiada somente por fatores internos. Desse modo, a língua passou a ser vista como um sistema em constante transformação, variável e sujeita a mudanças, tanto na fala de grupos sociais como na fala individual.

É importante resgatarmos alguns estudos da linguagem realizados no século XIX e no início século XX para compreendermos melhor como surgiu a sociolinguística variacionista e os pressupostos teóricos dessa área.

No século XIX os estudos linguísticos foram marcados por duas grandes tradições: a do método-comparativo e a neogramática. O método-comparativo procurava estabelecer correspondências sistemáticas entre duas ou mais línguas ou entre dois ou mais estágios de uma mesma língua. A neogramática, por sua vez, traz pressupostos de uma teoria da mudança, que “leva em consideração a língua de um falante-ouvinte individual, uma realidade fundamentalmente psicológica, homogênea, dissociada das relações sociais” (COELHO *et. al.* 2018, p. 56). A tradição neogramática teve grande impacto nas discussões linguísticas posteriores e é devido aos neogramáticos que conhecemos os princípios da regularidade mecânica e a noção de analogia, ainda vigentes nos estudos linguísticos.

Na passagem do século XIX para o século XX, pesquisadores como Antoine Meillet já sinalizavam para o caráter social e evolutivo da língua. Segundo ele, sendo a língua um fato social, deve-se recorrer ao domínio social para a compreensão da dinâmica linguística, pois toda variação seria motivada estritamente por fatores sociais.

Rompendo com a tradição de estudos históricos e comparativos, no início do século XX, Saussure delimita como objeto de estudo da linguística a língua (*langue*), vista como um sistema de signos que estabelecem relações entre si, formando uma estrutura autônoma e desvinculada de fatores externos sociais e históricos. Assim surge o estruturalismo, e a perspectiva diacrônica do estudo da língua dá lugar à sincronia.

Mais tarde, nos Estados Unidos, a visão estruturalista cede espaço ao gerativismo de Noam Chomsky. Este, por sua vez, defende que a língua é um sistema abstrato de regras para

a formação de sentenças, derivado do estado inicial da faculdade da linguagem e inato à espécie humana. Assim como o estruturalismo, o gerativismo também considerava a língua um sistema homogêneo desvinculado de fatores externos.

De acordo com Coelho *et al.* (2018), foi em meio a essa diversidade de orientações teóricas que aconteceu nos Estados Unidos, em 1966, o simpósio “Direções para a Linguística Histórica”. O debate proposto por Weinreich, Labov e Hergoz resgatou a discussão sobre os estudos da mudança linguística e sobre as suas motivações sociais. A partir deste debate os autores consideraram detalhadamente as propostas dos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas criticando alguns pontos e acolhendo outros de cada uma das teorias. É nesse contexto, retomando as contribuições de estudiosos que viam a língua como fenômeno social, que Weinreich, Labov e Hergoz lançam os fundamentos de uma teoria da variação e mudança linguística, conhecida por nós também como Sociolinguística.

A partir de então, Labov desenvolveu inúmeros trabalhos voltados para o estudo da língua em seu contexto social. O primeiro deles foi em 1963 sobre a pronúncia dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha’s Vineyard, em seguida desenvolveu o estudo sobre a estratificação social do /r/ em Nova York (1966), entre muitos outros, comprovando a heterogeneidade existente na língua, sendo considerado, desde então, o principal pesquisador da Sociolinguística.

Em muitos momentos de suas explicações Labov buscou as teorias de Meillet acerca da língua, porém, de acordo com Rebouças e Costa (2014), existia uma diferença crucial entre os dois: enquanto Meillet, comparatista refinado na linguística histórica, estudava línguas mortas, Labov estudava situações contemporâneas e línguas em uso, o concreto, o real.

Apesar de considerar a língua como um sistema heterogêneo, é preceito da sociolinguística que por trás da heterogeneidade a língua é formada por um sistema organizado, possui uma estrutura comportando regras categóricas e regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesse sentido podemos dizer que a Teoria da Variação pressupõe que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma coerente e sistematizada, pois “os fenômenos linguísticos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza linguística e não linguística” (SCHERRE, 1996, p. 39-40).

Sabendo que a heterogeneidade da língua não implica na ausência de regras, temos portanto que a variação não é concebida como algo que possa levar o sistema linguístico ao caos, pois mesmo que a fala das pessoas apresente diferenças fonéticas, fonológicas ou morfossintáticas, elas se entendem perfeitamente. Essas diferenças são encaradas pela

sociolinguística não como um problema, mas como algo inerente à língua, como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006), os fenômenos da variação e mudança estão intimamente relacionados, não sendo possível conceber a mudança sem que ela reflita um estado de variação, assim como a variação é um indício para uma possível mudança. É importante destacar também que a existência de duas variantes não significa que uma delas vai se tornar obsoleta e que a outra vai se tornar a forma usual, elas podem conviver em variação durante anos sem que haja substituição de uma pela outra.

Os trabalhos sociolinguísticos, ao detectarem variação ou mudança na língua, descrevem de maneira sistemática se formas variáveis permanecem em competição ou se, na verdade, deixaram de competir, provocando mudança. Nesse caso, há a extinção de uma expressão, como aconteceu com o pronome *vós*, prevalecendo no paradigma pronominal do PB a forma pronominal *vocês*. Ou seja, a forma mais antiga assumiu estatuto de arcaica ou obsoleta e aos poucos foi deixando de ser usada, sendo substituída pela forma inovadora. Nesse caso estamos diante de um processo de mudança linguística.

Com a sociolinguística, a proposta de um novo modelo teórico para a explicação da mudança linguística vem com alguns princípios abaixo designados:

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer discontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de discontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de

regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 125-126).

Apesar de a Teoria da Variação e Mudança reconhecer a dimensão individual⁹ do uso da língua, seu interesse principal é com a gramática geral do grupo social e não com o sistema específico de um ou outro falante. O estudo variacionista aponta para a observação da língua em uso, para a verificação dos registros de fala em seu uso espontâneo, objetivando averiguar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas de forma sistemática. E é exatamente aí onde reside um problema metodológico para o pesquisador, que Labov (2008 [1972], p. 244) denominou de Paradoxo do Observador:

Nos encontramos assim com o Paradoxo do Observador: o objetivo da pesquisa linguística da comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; e, no entanto, só podemos obter dados através da observação sistemática.

Em se tratando da obtenção dos dados através da participação direta do pesquisador com o seu gravador, isso pode interferir na naturalidade da situação comunicativa, uma vez que o entrevistado, tendo consciência de que está sendo gravado, poderá atribuir um certo grau de formalidade à entrevista elevando a atenção ao seu discurso. Tanto a utilização do gravador – indispensável nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas – quanto a presença do entrevistador podem inibir de imediato o entrevistado, que passa a se preocupar mais com a sua fala tentando evitar os chamados “erros”.

Levando isso em consideração, Labov afirma que:

Uma maneira de superar o paradoxo do observador é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que naquele momento não está sendo entrevistada (LABOV, 2008, p. 244-245).

Em face disso, o pesquisador deverá reduzir ao máximo os efeitos desses problemas, tomando uma série de cuidados para conseguir registrar uma fala que seja a mais natural possível. Uma técnica para isso é ter contato com os informantes antes da realização da coleta

⁹ O estudo da dimensão individual se dá através da terceira onda da sociolinguística, que busca entender a variação considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais, analisando o estilo como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação. Nessa perspectiva, a sociolinguística defende que somos seres plurilíngues, que nos comportamos linguisticamente de várias formas: uma em casa, outra no trabalho, outra forma com amigos, outra numa reunião mais formal. De acordo com Labov (2008 [1972] p. 243) “não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outro, mas todo falante exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que muda o contexto social e o tópico.”

de dados, isso contribuirá para uma maior familiarização com a comunidade e permitirá que o pesquisador possa comparar as falas, sem e com o uso de equipamentos que possam registrá-las.

Labov (2008 [1972]) afirma, ainda, que algumas temáticas como a infância e o risco de morte têm mais chances de fazerem emergir a fala espontânea do falante, pois têm função de promover maior envolvimento afetivo deste durante a conversa. Acrescenta, ainda, que a narrativa pessoal constitui um gênero que normalmente leva o falante a envolver-se de tal sorte que ele se esquece de monitorar o seu próprio discurso.

Para Tarallo (2006), o pesquisador jamais deve deixar claro para o entrevistado que o seu objetivo é estudar a língua como ela é falada naturalmente, pois, quando o informante tem consciência disso, ele consequentemente irá alterar o próprio comportamento, que já está comprometido pela presença do pesquisador com seu gravador, monitorando a sua fala.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 Procedimentos metodológicos

Com o intuito de tornar claros os rumos deste trabalho, descrevemos a seguir a caracterização da pesquisa, a escolha das comunidades e do fenômeno linguístico variável, a constituição do *corpus* e os fatores linguísticos e extralinguísticos que foram analisados.

Atendendo ao objetivo central deste trabalho que é investigar o processo variacional representado pela alternância dos pronomes de primeira pessoa do plural em posição de sujeito na fala maranhense, esta pesquisa enquadra-se na área da Sociolinguística Variacionista e caracteriza-se como quali-quantitativa. Com isso, adotamos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística propostos por Labov (2008 [1972]), para quem a variação linguística é quando duas ou mais variantes têm o mesmo significado, a mesma referência e o mesmo valor de verdade. Nesta pesquisa, como já assinalado, as variantes são representadas pelo uso das formas *nós* e *a gente* como pronome pessoal de 1PP.

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa (TARALLO, 2006), opera com dados estatísticos de fenômenos variáveis, o que nos permite ter acesso a dados que são de extrema importância em uma teoria de probabilidade, pois ela tem capacidade de relacionar fatores que têm impacto, simultaneamente, sobre a escolha do falante.

Apesar de trabalhar com um modelo de análise que opera com quantidade de dados, Guy (1993) afirma que a pesquisa sociolinguística variacionista não tem por objetivo fornecer números, mas identificar e explicar os fenômenos linguísticos presentes em determinada comunidade de fala.

Ao caracterizarmos nossa pesquisa como quali-quantitativa levamos em consideração que, após a quantificação, os dados precisam ser interpretados e analisados a partir das variáveis linguísticas e extralinguísticas propostas pelo pesquisador. Gatti (2002) considera que quantidade e qualidade não estão dissociadas na pesquisa, na medida em que de um lado a quantidade é uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se apresenta e do outro lado ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si.

3. 2 Comunidades estudadas

Conhecer a história da comunidade estudada pode contribuir para o êxito nos inquéritos de uma pesquisa sociolinguística, pois o pesquisador poderá utilizar critérios adequados para abordar temas, aproximar-se dos informantes e manter contato com eles.

O termo comunidade utilizado neste trabalho se refere ao que Labov (2008 [1972]) define como comunidade de fala. Ele afirma que uma comunidade de fala é aquela em que falantes compartilham normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística. É um parâmetro que nos ajuda a entender o uso da língua dentro de determinado grupo.

Guy e Zilles (2007) propõem uma definição de comunidade de fala a partir de três critérios:

1. Os falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos;
2. Têm maior frequência de comunicação entre si do que com outros grupos;
3. Compartilham as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Com base nestes critérios, o nosso estudo foi desenvolvido em duas comunidades de fala a saber, São Luís e Barra do Corda, ambas no Estado do Maranhão.

A escolha dessas duas cidades deu-se com o intuito de realizar um estudo comparativo quanto ao uso do pronome de primeira pessoa do plural, considerando os aspectos sociais e geográficos das duas regiões, a fim de identificar com que frequência as formas pronominais *nós* e *a gente* ocorrem nestas comunidades e verificar quais grupos de fatores condicionam essas realizações.

Em um nível mais restrito, pessoas de idade, sexo e escolaridade diferentes falam distintamente, e é no contato linguístico entre os falantes que cada um vai encontrar os limites para a sua variação individual¹⁰ dentro da sua comunidade de fala, ou seja, apesar das diferenças individuais, alguns traços linguísticos são característicos a todos os falantes daquela comunidade. Com base nisso, consideramos que num estudo variacionista não basta falarmos em termos do que é diferente e do que é igual, mas também do quanto se é diferente e do quanto se é igual.

Para Beline (2018, p. 129), “ao mesmo tempo que a comunicação intensa entre membros de uma comunidade leva à manutenção de suas características linguísticas, a falta de contato linguístico entre comunidades favorece o desenvolvimento de diferenças linguísticas”. Desse modo, considerando as fronteiras externas existentes, as variantes *nós* e *a gente* podem aparecer

¹⁰ O que colocamos aqui como variação individual está relacionado à variação estilística, que considera o mesmo indivíduo em diferentes situações de comunicação: se está em ambiente familiar ou profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto e quem são seus receptores.

distintivamente entre as comunidades estudadas, pois estas possuem características sociais e geográficas diferentes. Os limites da fala de São Luís, por exemplo, são definidos pelos traços linguísticos compartilhados pelos membros desta comunidade, em que as chances de um ludovicense falar com outro ludovicense são muito maiores do que suas oportunidades de falar com um barra-cordense.

3.2.1 A comunidade de fala de São Luís

Capital do Maranhão e localizada ao norte do Estado, São Luís foi fundada no dia 8 de setembro de 1612 pelos franceses Daniel de La Touche e François de Rasilly. O nome atribuído à capital maranhense foi em homenagem ao então Rei da França, Luís XIII.

Ainda no século XVII foi invadida por holandeses e posteriormente colonizada por portugueses. Segundo estimativa do IBGE (2019), São Luís tem uma população de 1.101.884 habitantes, sendo o 15º município mais populoso do Brasil.

A capital maranhense desempenhou importante papel na produção econômica do Brasil durante os séculos XVII e XIX e por conta do título *Atenas Brasileira* atribuído a São Luís no século XIX, os maranhenses assumiram, segundo Corrêa (1993, p.48), “uma essência e um pensamento europeu”. Dessa forma acreditavam estar mais ligados aos portugueses que quaisquer outros habitantes do Brasil

[...] mesmo contribuindo à unidade nacional, a sociedade maranhense, densamente elitista, combinando crescimento econômico e esplendor cultural, fabricou uma excepcionalidade, consagrando-se como brasileira, em consonância com o processo em elaboração, e distinguindo-se do conjunto em elaboração, pelo manuseio de uma superioridade espiritual, ao definir-se como Atenas.
[...] isto é, concedendo-se um estatuto de Atenas Brasileira, colocou-se na selvagem América, protegida pela cultura clássica da Europa. (CORRÊA, 1993, p.102-103)

Para Faria (2012), assim como na Atenas Clássica, na Atenas Brasileira o aprimoramento intelectual era acessível apenas a uma minoria detentora de riquezas e de poder. Famílias abastadas enviavam seus filhos para estudar na Europa nas melhores universidades de Portugal ou da França, os quais, ao retornarem, logo se destacavam no cenário nacional como jornalistas, escritores e poetas.

Uma elite voltada para a Europa e de costas para a miséria em que viviam escravos, índios e livres pobres deixados à margem do refinamento cultural real ou ilusório. Ainda de acordo com Silva (2008), além de simular uma complexa divisão social, o mito da Atenas

Brasileira perpassou desde então os discursos das elites, cristalizando-se também na memória coletiva.

Constituindo-se um dos mais representativos e ricos exemplares do traçado urbano e da tipologia arquitetônica produzidos pela colonização portuguesa, São Luís atrai inúmeros turistas que procuram conhecer o Centro Histórico da capital maranhense, construído nos moldes da arquitetura clássica portuguesa.

3.2.2 A comunidade de fala de Barra do Corda

Nossa pesquisa tem também como um dos pontos de investigação a cidade Barra do Corda, município brasileiro, localizado no centro-sul do Maranhão. A cidade foi fundada no dia 3 de maio de 1835 pelo cearense Manoel Rodrigues de Melo Uchôa que procurava solo fértil e rico onde pudesse viver e trabalhar em companhia de seus familiares.

Durante a viagem, acompanhado de dois companheiros, dois escravos, um sertanista, um intérprete e alguns arrieiros acostumados na região, Melo Uchôa “deu de rosto com o cenário encantador, paisagem que enche os olhos de quem ama e encanta a alma dos poetas, prosadores e ensaístas” (BRANDES, 1994, p. 62). O cenário encantador ao qual o autor se refere é o local de encontro dos rios Corda e Mearim, que hoje é chamado de balneário Guajajara, sendo um importante ponto turístico da cidade. Ali podemos observar águas que se repelem sem se misturar, pequenas formações de ilhotas cercadas de águas de duas origens: límpidas e pardas, frias e mornas, mansas e velozes.

Foi em meio a esse deslumbre que Melo Uchôa e seus companheiros elegeram o local como o melhor para fundar o povoado. O território recebeu sucessivamente as denominações de “Missões”, “Santa Cruz da Barra do Corda”, “Barra do Rio das Cordas” e, finalmente, “Barra do Corda”. O nome “Barra” é homenagem ao rio que circunda todo o centro urbano em forma de barra, e “Corda” é em razão da existência de muitos cipós, que se enrolavam em forma de corda, daí o nome Barra do Corda.

A região onde se localiza a cidade de Barra do Corda é caracterizada por ser fortemente povoada por grupos indígenas. Devido à confluência de dois importantes rios, Corda e Mearim, o local funcionou com fator de atração à ocupação por índios e não índios. Antes da chegada de Melo Uchôa o território constituía domínio de tribos canelas, do tronco Macro-Jê, e de tribos guajajaras, da família Tupi-Guarani. Situada à cerca de 462 km da capital São Luís, Barra do Corda conta com 88.212 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2019.

Devido à ausência de estudos sociolinguísticos sobre Barra do Corda, ainda não se tem muito a comentar sobre as características linguísticas dessa comunidade de fala, com isso, procuramos levantar indícios de variação e analisar os contextos linguísticos e extralinguísticos condicionadores do uso de um pronome em detrimento do outro (*nós e a gente*) na indicação da 1PP.

A dicotomia capital e interior é importante nos estudos para se conhecer a realidade linguística do Brasil, país que até meados do século XX tinha uma economia essencialmente rural. A cidade de Barra do Corda também é marcada pela forte presença do campo em sua história. Todos os informantes têm antecedentes rurais, embora estejam radicados no centro urbano. No território de Barra do Corda ainda se entrecruzam e convivem também indígenas e não indígenas de diferentes procedências.

3. 3 A amostra, o *corpus* e os informantes

Grande parte dos dados de fala analisados por estudos sociolinguísticos é obtida por gravações pertencentes a bancos de dados subsidiados por programas de pesquisas vinculados a universidades, como NURC, VARSUL, VALPB, NORPOFOR, entre outros. Parte da amostra desta pesquisa foi obtida do banco de dados do Projeto ALiMA, que tem como um de seus objetivos mapear questões concernentes à morfossintaxe, à semântica, ao léxico e à fonética do falar maranhense.

Os dados do projeto são obtidos por meio da aplicação de três questionários – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático – e da produção de questões de pragmática e de discursos semidirigidos, além de um texto para leitura. São estabelecidas duas faixas etárias – faixa I, 18 a 30 anos, e faixa II, 50 a 65 anos – e dois níveis de escolaridade: até a 6ª série¹¹ do ensino fundamental e ensino superior completo. Vale ressaltar que os dois níveis são observados apenas na capital São Luís, nos demais municípios (Alto do Parnaíba, Araiões, Bacabal, Balsas, Brejo, Carolina, Carutapera, Caxias, Codó, Imperatriz, Pinheiro, Raposa, São João dos Patos, Tuntum e Turiaçu) que integram a rede de pontos linguísticos do Estado, considera-se tão somente o ensino fundamental. Com isso, para São Luís tem-se o número de oito informantes e para os demais municípios tem-se quatro informantes.

¹¹ Inicialmente, a proposta era até a 4ª série, que não se manteve, tendo em vista a dificuldade para encontrar informantes que se encaixassem neste critério.

Para a constituição do *corpus* da nossa pesquisa, o primeiro é constituído de oito inquéritos realizados na cidade de São Luís - MA, colhidos entre os anos de 2011 e 2015 pela equipe de pesquisadores do Projeto ALiMA, coordenado pela Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão.

O segundo é constituído com base em quatro inquéritos realizados na cidade de Barra do Corda, coletado por mim pra esta pesquisa, entre agosto e dezembro de 2018, em consonância com o projeto “Análise a mapeamento de fenômenos morfossintáticos do português falado no Maranhão”. O referido projeto objetiva fazer um levantamento dos fenômenos de natureza morfossintática no Maranhão e tem como banco de dados o Projeto AliMA.

Para a composição da amostra referente a Barra do Corda, utilizamos a mesma metodologia do ALiMA a fim de garantir a comparação dos dados entre as duas comunidades.

Ao todo, trabalhamos com uma amostra de 12 informantes: oito para São Luís e quatro para Barra do Corda, estratificados da seguinte forma:

Quadro 2: Perfil dos informantes da pesquisa

SÃO LUÍS – MA	INFORMANTE	SEXO/GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
	Informante 01	Homem	18 a 30 anos	Até a 6ª série do ens. fund.
	Informante 02	Mulher	18 a 30 anos	Até a 6ª série do ens. fund.
	Informante 03	Homem	50 a 65 anos	Até a 6ª série do ens. fund.
	Informante 04	Mulher	50 a 65 anos	Até a 6ª série do ens. fund.
	Informante 05	Homem	18 a 30 anos	Ensino superior
	Informante 06	Mulher	18 a 30 anos	Ensino superior
	Informante 07	Homem	50 a 65 anos	Ensino superior
	Informante 08	Mulher	50 a 65 anos	Ensino superior
BARRA DO CORDA – MA				
	Informante 09	Homem	18 a 30 anos	Até a 6ª série do ens. fund.
	Informante 10	Mulher	18 a 30 anos	Até a 6ª série do ens. fund.
	Informante 11	Homem	50 a 65 anos	Até a 6ª série do ens. fund.
	Informante 12	Mulher	50 a 65 anos	Até a 6ª série do ens. fund.

Como vimos no Quadro 2, trabalhamos com os dois níveis de escolaridade – até a 6ª série do ensino fundamental e ensino superior – apenas na cidade de São Luís, e em Barra do Corda consideramos tão somente o ensino fundamental.

A proposta inicial era trabalharmos com 16 informantes, oito em cada comunidade. No entanto, considerando a metodologia utilizada pelo ALiMA e o contexto histórico e socio-educacional do município de Barra do Corda, concluímos que não podemos caracterizar o ensino superior com uma realidade concreta desta comunidade, sob o risco de não termos dados sociolinguísticos representativos, sobretudo para a segunda faixa etária.

Atualmente, a cidade conta com um polo da Universidade Estadual do Maranhão¹², que oferece alguns cursos de licenciatura como Letras e Pedagogia, um polo da Universidade Federal do Maranhão¹³, que oferece apenas cursos a distância, e algumas Instituições de Ensino Superior particulares. A cidade possui também um Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão que, mais recentemente, em 2017, além dos cursos de nível médio, passou a ofertar também o curso de Bacharelado em Administração.

Os cursos de graduação em Barra do Corda são conquistas bastante recentes, o que impossibilita, dentro da variável escolaridade, a seleção de uma amostra representativa para a segunda faixa etária com a qual trabalhamos, ou seja, informantes que tenham entre 50 e 65 anos com curso superior que representem fidedignamente o falar barra-cordense.

Cabe relatarmos, ainda, a nossa dificuldade para encontrar informantes da primeira faixa etária – 18 a 30 anos – que tivessem cursado apenas até a 4ª série do ensino fundamental. Destacamos que esse foi um dos motivos que contribuiu para que o Projeto ALiMA adotasse em sua metodologia a busca por informantes que tivessem cursado até a 6ª série do ensino fundamental, e não apenas até a 4ª série, como tinha sido definido na criação do projeto.

Situação semelhante foi apontada também por Castro (2009) ao descrever as dificuldades encontradas para seleção de informantes do Projeto ALiB (1996), de tal forma que foi necessário flexibilizar este critério ampliando a faixa aceitável de escolaridade até o final do ensino fundamental, no entanto, a busca preferencial continua sendo por informantes com até a 4ª série.

A respeito dessa dificuldade, o que se constata na prática é que o nível de escolaridade cresceu entre a população brasileira. Em 1900, início do século passado, a taxa de analfabetismo

¹² O polo da Universidade Estadual do Maranhão em Barra do Corda, chamado de CESBAC, funciona em um prédio cedido pelo município e oferece cursos de graduação na modalidade presencial e a distância. A primeira turma teve início em 2006.

¹³ O polo da Universidade Federal do Maranhão, que oferece apenas cursos de graduação a distância em Barra do Corda, também funciona em um prédio cedido pelo município. A primeira turma teve início em 2010.

no país atingia o índice de 65% da população. Em 1992, o número de analfabetos era de 17,2%, e em 2007, de acordo com dados oficiais do governo (Ministério da Educação), o índice de analfabetismo entre pessoas com mais de 15 anos caiu para cerca de 10%. Em 2017, conforme estudo do Instituto de Pesquisas Aplicadas (IPEA), realizado com base nos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/2017), a taxa de analfabetismo da população brasileira com 15 anos ou mais caiu para 7%.

O quadro a seguir, com base no censo 2010 do IBGE, mostra a taxa de analfabetismo da população barra-cordense e da ludovicense com idade acima de 15 anos, fazendo um comparativo com a média nacional.

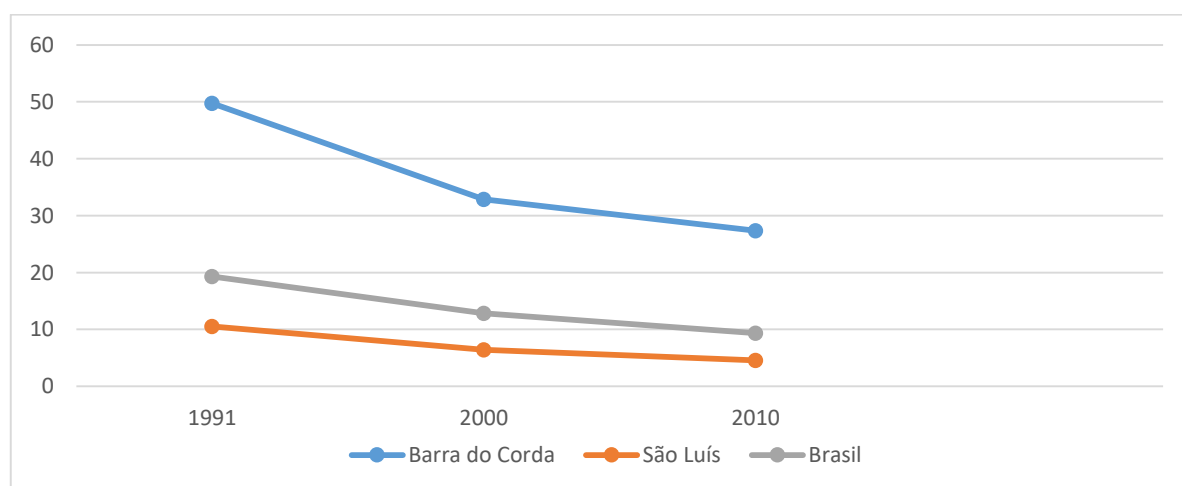
Quadro 3: Taxa de analfabetismo população acima de 15 anos

Ano	Barra do Corda	São Luís	Média Nacional
2010	27,36	4,58	9,37
2000	32,87	6,42	12,84
1991	49,76	10,51	19,33

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1991/2000/2010.

Com o gráfico, é possível visualizar melhor as diferenças

Gráfico 1: Taxa de analfabetismo entre a população acima de 15 anos



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1991/2000/2010.

Como podemos observar, ainda é muito alto o índice de analfabetismo na região de Barra do Corda e cabe destacar, também, que grande parte destas pessoas vive na zona rural do município.

Retomando as discussões no que concerne à metodologia do trabalho, destacamos que a seleção dos informantes¹⁴ da primeira faixa etária em Barra do Corda deu-se com a colaboração da diretora de uma escola do município, que consultou as fichas individuais de alunos e ex-alunos, informando-nos sobre aqueles que se encaixavam dentro do perfil que procurávamos. Quanto à segunda faixa etária, os informantes foram encontrados através de amigos que indicaram parentes e conhecidos que se encaixavam no perfil estabelecido. Antes das gravações houve contato com todos os informantes, os quais se mostraram bastante à vontade e interessados em participar da pesquisa.

Apesar de utilizarmos dados do projeto ALiMA, bem como a mesma metodologia para obtenção dos dados referentes a Barra do Corda, ressaltamos que consideramos apenas os questionários semântico-lexical, morfossintático e a produção de questões de pragmática e de discursos semidirigidos. Dos questionários utilizados pelo Projeto, não consideramos o questionário fonético-fonológico, uma vez que neste não foi possível encontrar um número expressivo de realizações do pronome de 1PP capaz de contribuir significativamente para a construção do nosso *corpus*. Antes de tomarmos a decisão de considerar ou não o questionário fonético-fonológico na nossa pesquisa, analisamos os inquéritos dos oito informantes de São Luís e identificamos que apenas alguns deles utilizaram o pronome durante a aplicação do referido questionário.

Observamos, portanto, as seguintes realizações no questionário fonético-fonológico: a) informante 01, uma realização do *nós* e oito do *a gente*; b) informante 02, duas realizações do *a gente*; c) informante 03, duas realizações do *a gente*; d) informante 07, duas realizações do *a gente*; e e) informante 08, quatro realizações do *nós* e nove do *a gente*. Os informantes 04, 05 e 06 não apresentaram nenhuma realização.

Após a análise, ao realizarmos as entrevistas com os informantes de Barra do Corda, desconsideramos a aplicação do questionário fonético-fonológico, uma vez que isso nos ajudaria a ganhar mais tempo em relação à aplicação das questões. Em média, foram obtidas cerca de duas horas de áudio para cada informante, perfazendo, mais ou menos, 24 horas de áudio para toda a pesquisa.

3. 4 A Variável Dependente

¹⁴ Após a realização dos inquéritos em Barra do Corda, constatamos que o informante do sexo masculino, da faixa etária de 18 a 30 anos, não fez nenhuma realização dos pronomes *nós* e *a gente*. Por conta disso, a gravação foi desconsiderada e o informante substituído.

Segundo Labov (1983), uma variável linguística é o ponto onde se igualam pelo menos duas formas da língua denominadas de variantes – duas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Variantes, por sua vez, são as formas, as possibilidades linguísticas que disputam pela expressão da variável, neste caso, o pronome de primeira pessoa do plural.

Reiterando o que postula Labov (2008 [1972]), Coelho *et. al.* (2018, p. 17) afirmam que dois requisitos devem ser cumpridos para que duas ou mais formas possam ser chamadas de variantes:

1. Devem ser intercambiáveis no mesmo contexto;
2. Devem manter o mesmo significado referencial/representacional.

Desta forma, o fenômeno variável analisado nesta pesquisa é a alternância entre os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural – *nós* e *a gente* – na posição de sujeito na fala ludovicense e barra-cordense. A escolha dessa função sintática deu-se pela sua comprovada expressividade no português brasileiro com a forma pronominal expressa ou não.

Antes de apresentarmos os dados considerados na análise, convém destacar que, em se tratando dos verbos em 3PS, consideramos as elipses como repetição do pronome anterior numa sequência discursiva (*cf.* exemplos (02) e (03)). Já os verbos com marcas de plural sem forma pronominal explícita antes do verbo, as elipses foram consideradas como sendo realizações do pronome *nós* (*cf.* exemplo (05)). A decisão por aplicar tal metodologia na análise do fenômeno linguístico deve-se ao fato de identificarmos apenas uma ocorrência do pronome *a gente* concordando com verbo em 1PP, dado não considerado, portanto, nas rodadas de análise (*cf.* exemplo (01)).

(1) – **A gente** foi jogar no festejo, **a gente alugamo** o ônibus, **Ø** fomo jogar pra lá. Chegou lá, **a gente** pensava que o jogo ia ser dentro da cidade. **A gente** foi para um povoado chamado Zé Carilhandia, o ônibus ficou dentro da cidade.

(inf. 1, hom, 18 a 30, ens. fund, sls)

Deste modo, são objeto de análise as seguintes possibilidades de ocorrência:

- a. Pronome sujeito *a gente* explícito ou implícito com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular:

(2) – Aí sempre **a gente** dizia: “Oia! Caiu a estrela. Bora fazê um pidido!?” **A gente** só olhava um vutinho dela, fup, **Ø** não sabia nem onde caía.

(inf. 2, mul, 18 a 30, ens. fund. sls)

b. Pronome sujeito *nós* explícito ou implícito com o verbo na 3ª pessoa do singular:

(3) – *Nois é difícil se reunir todo mundo. Quando se reúne, Ø faiz um almoço. Quando num é, Ø faiz... Mah é difícil se reunir todo mundo, Ø fica mais é cada um no seu canto.*

(inf. 10, mul, 18 a 30, ens. fund, bdc)

c. Sujeito *nós* explícito com o verbo na 1ª pessoa do plural (forma canônica modificada – com desinência –*mo*, como em *bibimo, levemo*, em vez de –*mos* como em *bebemos, levamos*):

(4) – *Era só treh lito, **nóis** bibimo dois e Ø levemo o ôto pra casa.*

(inf. 9, hom, 18 a 30, ens. fund, bdc).

d. Sujeito *nós* implícito, com verbo na 1ª pessoa do plural, utilizando formas canônicas modificadas:

(5) – *Ø Passemo foi... Ø passemo foi cinco mêis ainda. Xô vê... ia fazê. Dia vinte e oito de janêro. Cinco mêis de briga.*

(inf. 9, hom, 18 a 30, ens. fund, bdc)

e. Sujeito *nós* explícito, com o verbo na 1ª pessoa do plural (forma padrão):

(6) – ***Nós** somos dez.*

(inf. 4, mul, 50 a 65, ens. fund, sls)

f. Sujeito *a gente* explícito, com o verbo na 3ª pessoa do singular:

(7) – *A mão. **A gente** chama é de mão.*

(inf. 1, hom, 18 a 30, ens. fund, sls)

Exemplificadas as ocorrências analisadas neste trabalho, apresentamos a seguir as variáveis independentes.

3. 5 As Variáveis Independentes

Na escolha das variáveis independentes, partimos do pressuposto de que o comportamento linguístico pode ser entendido a partir de uma perspectiva social e que a *localidade*, o *sexo*, a *escolaridade* e a *faixa etária* podem interferir direta ou indiretamente na escolha de uma variante em detrimento da outra.

Além das variáveis sociais, existem também as variáveis linguísticas, imprescindíveis no estudo de variação dos pronomes de primeira pessoa do plural, as quais nos permitem identificar os contextos e situações para as ocorrências de uma ou outra forma.

3.5.1 Variáveis Sociais

Para Mollica (2017), tanto as variáveis linguísticas quanto as não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Com isso, apresentamos as variáveis sociais investigadas na nossa pesquisa.

3.5.1.1 Faixa etária

A variável faixa etária é fundamental para observar o comportamento linguístico dos falantes e atestar se o fenômeno aqui estudado se encontra em variação estável ou se mostra indícios de uma mudança em curso no sentido da forma inovadora *a gente* estar substituindo o pronome *nós*. É importante levar em consideração que cada faixa etária possui um comportamento diferenciado: geralmente os mais jovens buscam ser mais inovadores e isso é expresso também em sua fala. Borges (2004) mostra que indivíduos mais jovens utilizam com mais frequência a forma pronominal *a gente* e pessoas de geração mais avançada empregam com maior intensidade o pronome *nós*.

Segundo Moreno Fernandez¹⁵ (1998, p. 47), “a idade dos falantes é um dos fatores sociais que com maior força e clareza podem determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala”. Para o autor, a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade do que outros fatores sociais também importantes, como o sexo e a classe social. A

¹⁵ “La edad de los hablantes es uno de los factores sociales que con mayor fuerza y claridad pueden determinar los usos lingüísticos de una comunidad de habla.”

idade, conforme o tempo transcorre, vai determinando e modificando os hábitos sociais dos indivíduos e as suas características, inclusive linguísticas.

A nossa hipótese, portanto, é de que a faixa etária mais jovem apresenta o maior índice de ocorrências da forma *a gente* enquanto a faixa etária mais idosa apresenta mais ocorrências do pronome *nós*.

a) Faixa I – de 18 a 30 anos;

(8) – *Eh... eu acho ingraçado qui... por exemplo, quando tu... você falô lá da questão lá do... do açai, né!? Purquê... eh... **a gente** fala... chama muito jussara, né? Então aí eu fiquei pensando no quanto o ôtro influencia na nossa manêra de vê, na nossa manêra de... de falá, de agí, porque... vamos dizê, pelo menos assim, hoje em dia eu acho qui a... a vinda de pessoas de ôtros istados, né, é bem maió do que... do que um tempo atrás. Então **a gente** acaba convivendo mais cum açai e acaba incorporando o açai e, talvez, assim, por exemplo, no dia a dia **a gente** pode chamá Jussara, mas quando é uma pessoa qui vem de ôtro lugá **a gente** chama de açai.*

(inf. 5, hom, 18 a 30, ens. sup, sls)

b) Faixa II – de 50 a 65 anos

(09) – *Armaria! Meu irmão primêro que morreu eu num vi ele nem morto, nem duente, ele tava pa solta e **nós** tava no maribondo. Ele tava na solta na casa dum irmão meu e foi bonzin, caminhando cuns pé dele, chegô lá se acabô duma hora pra ôta.*

(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, bdc)

3.5.1.2 Sexo do falante

O fator sexo tem sido muito discutido na análise do comportamento linguístico dos falantes, tanto em situação de variação estável quanto de mudança linguística. Sendo assim, questionamo-nos em que medida falantes de sexo diferente apresentam maior propensão ao emprego de uma ou outra regra variável.

É importante destacarmos que vários estudos adotam o termo “sexo” por ser o rótulo da variável nos bancos de dados sociolinguísticos que subsidiam as análises, no entanto, em muitas

destas pesquisas a análise do fator se dá muito mais em termos de gênero do que de sexo propriamente dito, como é o caso deste trabalho.

De acordo com Leite (2012), as reflexões a respeito dessa variável nos estudos sociolinguísticos geralmente são feitas a partir do gênero, e não do sexo, uma vez que aquela é considerada mais apropriada quando se quer descrever e explicar as flutuações linguísticas. A autora acrescenta que apesar dessa avaliação, tanto o termo “sexo” quanto o termo “gênero” são utilizados na literatura sociolinguística.

Para Freitag (2015, p. 27),

Há estudos que utilizam a terminologia “sexo”, entendendo que o termo recobre (também) o comportamento social; há estudos que aparentemente assumem a perspectiva dos estudos de gênero, adotando a terminologia “gênero” (ainda que, na prática, a categorização seja calcada no sexo); e há, ainda, os estudos que abarcam ambos os termos, gênero/sexo, ou sexo/gênero.

Hora (2006, p.37) defende que “independentemente da escolha terminológica, o fato é que o falante é o resultado de uma conjugação de características que se acumulam com o tempo e que o moldam a partir dos valores estabelecidos em sua comunidade”.

Dando prosseguimento à discussão sobre a análise da variável em questão, segundo Labov (2003), homens e mulheres apresentam comportamento sociolinguístico distinto. As mulheres tendem a usar variantes mais inovadoras ou mais avançadas na fala informal e se corrigir mais na fala monitorada rumo às formas de prestígio. O autor coloca, ainda, que as mulheres apresentam uma sensibilidade maior que os homens no que diz respeito às correções sociais e que, por isso, tendem a optar pelas variantes linguísticas consideradas socialmente prestigiadas.

A maior consciência feminina ao *status* social das formas linguísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social. (PAIVA, 2017, p. 40)

Tradicionalmente, muitos dos papéis atribuídos às mulheres exigem delas um comportamento “exemplar”, e tomando isso como normas de comportamento elas se veem diante da necessidade de apresentar-se como modelo, inclusive no que diz respeito ao uso de formas linguísticas. Tal fato pode ser corroborado a partir dos dados do estudo de Omena (1998) que aponta que as mulheres tendem a usar mais o *nós* na faixa etária que trabalham – entre 26 e 49 anos. Neste caso, estão dando preferência à forma conservadora, que está mais ligada à linguagem formal.

Os estudos de Lopes (1993) e Zilles (2002) apontam que mulheres tendem a usar a forma inovadora *a gente*, em detrimento do emprego da forma canônica *nós*. Scherre (1988), então, coloca que na literatura linguística o papel da variável sexo na questão da mudança não é muito claro, especialmente para o sexo feminino. Paiva (2017) ainda acrescenta que explicações acerca dessa variável requerem uma certa cautela, levando em consideração as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as transformações a ela inerentes no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino.

A expectativa para este trabalho é que o sexo pode influenciar no uso das formas *nós* e *a gente*, e a hipótese que apresentamos é de que na fala das mulheres há maior frequência de uso do pronome *a gente* do que na fala dos homens.

a) Homem

(10) – *Poxa, E., **nós** somo muito amigo, né. Eu sube que você casou e num me convidou, né, E. Você é um amigo ingrato.*”

(inf. 3, hom, 50 a 65, ens. fund, sls)

b) Mulher

(11) – *Limpo, higiênico, **a gente** bota coisa na cabeça pá num cair cabelo nas comidas, tem muito cuidado. Comida que tiver azeda, joga fora. A comida é do dia, é da hora.*

(inf. 2, mul, 18 a 30, ens. fund, sls)

3.5.1.3 Localidade

Considerando os aspectos sociais e geográficos das duas cidades estudadas, selecionamos o fator localidade como possível condicionador da alternância de uso dos pronomes de 1PP.

Por ter uma população constituída basicamente da migração rural e por estar a pelo menos seis horas de distâncias dos centros urbanos mais populosos do seu entorno, acreditamos que a cidade de Barra do Corda se trata de uma área em que a língua fica mais preservada, enquanto São Luís, por ser a capital do Estado, envolve muito mais mobilidade e contatos linguísticos variados.

Estudos como os de Maia (2003) e de Muniz (2007) mostram que nos grandes centros urbanos a forma inovadora *a gente* encontra-se em estágio mais avançado, com isso a nossa hipótese é de que em São Luís encontramos mais ocorrências do pronome *a gente* do que Barra do Corda.

a) São Luís

(12) – *É purquê casa não é mais o lugá que **a gente** fica lá... **a gente** tá todo tempo: escola longe, imprego, trabalho, violência... acaba sendo, realmente, só um ponto de passagem... que **a gente** vai lá... só pra praticamente durmi... passá a noite.*

(inf. 5, hom, 18 a 30, ens. sup, sls)

b) Barra do Corda

(13) – *Parir, que o povo... esse povo de hoje em dia o que o povo mais diz é parir, **nóis** num dizia naquele tempo não, e hoje ainda tem é muita gente que se zanga com essa palavra parir. E ôtro dia eu perguntei pra mãe da minha subrinha assim: E. já pariu? Ela disse: Não, inda num ganhô neném não, parir eu acho que é porca (risos). Ela achô ruim.*

(inf. 12, mul, 18 a 30, ens. fund, sls)

3.5.1.4 Escolaridade

Como já mencionado, a variável escolaridade será controlada apenas para a comunidade de fala de São Luís, considerando que em Barra do Corda temos informantes apenas do primeiro nível de escolaridade, ou seja, de 1ª até a 6ª série do ensino fundamental.

O acesso à escolaridade contribui para a assimilação das formas do português padrão, com isso a escola é um segmento que gera mudanças na fala e na escrita das pessoas exercendo influência na adoção ou no abandono de determinada forma linguística. Para Votre (2017), a escola atua como preservadora de formas de prestígio face a tendências de mudança em curso nas comunidades de fala e o nível de escolaridade continua a desempenhar um papel de destaque na configuração geral do domínio da língua padrão.

Segundo Lopes (1993), o processo de mudança linguística para falantes com pouca escolaridade e para os falantes de formação universitária estaria ocorrendo de forma

diferenciada, encontrando-se mais avançado no grupo com pouca escolaridade. Ou seja, os falantes universitários estariam retardando a mudança, o que pode ser reflexo da cobrança feita pela escola ou, possivelmente, por conta de pressões sofridas no mercado de trabalho.

Tendo como base os estudos de Mattos (2013), nossa hipótese é de que os falantes menos escolarizados apresentam mais ocorrências do *a gente*, enquanto os mais escolarizados favorecem o pronome *nós*.

a) Até a 6ª série do Ensino Fundamental

(14) – *Quando é pra... quando tá aconteceno alguma coisa **a gente** vai dizê assim: poderia ter evitado, né. Porque... é... tem momentos que acontece coisas que se tem alguém pra ajudá, evita, né. **A gente** chama evitá. Né isso, mais ou meno?*

(inf. 11, hom, 50 a 65, ens. fund, sls)

c) Ensino Superior completo.

(15) – *Eh...macaxera, né! Que **nós** chamamos macaxera, outro lugar não chama... usa o termo mandioca mehmo, e tem outro nomezinho que agora eu não lembro.... mas o nosso mermo é macaxera.*

(inf. 8, mul, 50 a 65, ens. sup, sls)

3.5.2 Variáveis Linguísticas

Neste item enfocaremos os fatores internos, ou linguísticos, que podem influenciar no uso de uma ou da outra forma do pronome de 1PP. Sejam eles: preenchimento do sujeito, tipo de referência, paralelismo formal, tempo e modo verbal e saliência fônica.

3.5.2.1 Preenchimento do sujeito

Procuramos verificar se os pronomes *nós* e *a gente*, na fala dos barra-cordenses e ludovicenses, estão sendo preenchidos ou se aparecem nulos. Estudamos, assim, as formas que o falante de nossa amostra elege para a 1PP: pronome nulo ou pronome preenchido.

Entendemos por sujeito pronominal pleno/preenchido quando as formas pronominais *nós* e *a gente* são expressas foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural. Por sujeito

pronominal nulo/não-preenchido quando tais pronomes são indicados por meio da desinência verbal (–*mos* ou $\emptyset$) sem que haja foneticamente a realização dessas formas pronominais (LOPES, 1998; OMENA, 2003).

O controle do fator preenchimento do sujeito é proposto por se acreditar que pronomes não realizados foneticamente podem levar a uma maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, pois passam a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso. Isso valida a hipótese de que “o sujeito oculto favorece o uso de formas verbais marcadas, ou aplicação da regra padrão” (RODRIGUES, 1987, p. 125).

Menon, Lambach e Landarin (2003) afirmam que o português do Brasil vem perdendo a característica de língua de sujeito nulo, requerendo, cada vez mais, a presença do pronome junto ao verbo. A mudança caracteriza a perda de capacidade da morfologia verbal marcar semanticamente o sujeito do verbo, fazendo com que seja necessário explicitar o sujeito com a presença do pronome. Corroborando esta afirmação, Mattos e Silva (2006) afirma que no português brasileiro ocorrem paralelamente um paradigma verbal de quatro posições – eu **falo**, ele/você/a gente **fala**, nós **falamos**, eles/vocês **falam**; um de três posições – eu **falo**, ele/você/a gente **fala**, eles **falam**; e outro de duas – eu **falo**, ele/você/a gente/eles/vocês **fala**.

Portanto, com base no conjunto de fatores organizados a seguir, buscamos verificar a tendência de realização quanto ao sujeito nulo ou preenchido no português falado nas duas comunidades. Devido à redução na flexão verbal, acreditamos que há maior tendência ao sujeito preenchido. Acreditamos, ainda, que o sujeito preenchido favorece o pronome *a gente* e o não-preenchido leva a uma maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos. Vejamos:

a) Sujeito preenchido

(16) – *Por exemplo **nós** tamo brincando aqui **nós** quatro, aí eu vou correr atrás de vocês, se eu lhe pegar, antes da senhora chegar lá, aí vai ser a senhora. Aí se a senhora correr atrás de mim, eu ter que chegar primeiro que a senhora, por que se eu chegar lá a senhora não pode me colar.*

(inf. 2, mul, 18 a 30, ens. fund, sls)

(17) – *Leblina. Sempre é o que **a gente** chama aqui pra nossa região*

(inf. 11, hom, 50 a 65, ens. fund, bdc)

b) Sujeito não-preenchido

(18) – *A gente dormi a tarde, aí quando dá assim umas quato horinha a gente vai passear, Ø vai ali passear, Ø vai ali na casa de titia, aí Ø vem pra casa só. Aí quando não tem nada pra fazer a gente assiste televisão com os mininos.*

(inf. 2, mul, 18 a 30, ens. fund, sls)

(19) – *Ah... É tipo... uma liga pra outra e diz: ah Ø vamos fazê alguma coisa hoje? Ø vamos, mas Ø vamu fazê o quê? Ø vamos saí pra lanchá em algum lugar aí a gente se encontra e decidi pra onde Ø vai.*

(inf. 6, mul, 18 a 30, ens. sup, bdc)

3.5.2.2 Tipo de referência

Outra variável escolhida para a nossa pesquisa foi a determinação do referente, considerando a referência ao sujeito. *Nós* e *a gente* são mais do que simples plurais de *eu* e *você*, podem incluir, além do falante, o ouvinte e outras pessoas. À compreensão dessa pluralização, que apresenta além do *eu* as outras pessoas do discurso, Benveniste (1988) convencionou chamar de “eu-ampliado”

Segundo Buescu (1961) apud Pereira (2003), o pronome pessoal *nós* possui maior concretude, ou seja, normalmente é usado para referir-se a um número mais completo ou determinado de pessoas. Já o pronome *a gente* normalmente se refere a um número não limitado, isto é, a uma categoria.

Baseamos nossa hipótese também nos resultados obtidos por Menon (1994) e Omena (1996) que demonstraram que a forma preferida pelos falantes para uma referência mais geral, indeterminadora, é o *a gente*, enquanto para referência específica é o *nós*. Quando exerce essa função indeterminadora, Vitral (2017) classifica como “sujeito generalizado” pois não é apontada uma pessoa específica, aquilo que o evento afirma é válido para qualquer pessoa. O autor afirma que “há uma tendência de preenchimento do lugar do sujeito e alguns pronomes são ‘recrutados’ para funcionar como sujeito generalizado” (VITRAL, 2017, p. 299).

A hipótese é de que os fatores com referencialidade mais definida (ou menos genérica) apresentam mais ocorrências do pronome *nós*, e os fatores com referencialidade mais indefinida (ou mais genérica) apresentam mais ocorrência do pronome *a gente*.

Com base no trabalho de Rubio (2012) e no trabalho de Pacheco (2014), propomos o controle do grau de determinação do referente de sujeito conforme segue:

a) Referência genérica e indefinida:

Quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos.

*(20) – não... eu não acredito muito não assim, mas se... se **nós** pararmos pra pensar, ou aí você se questiona, tu não é obrigado a aceitar tudo aquilo que te é ofertado de imediato sem questionar, né? Aí você começa a se questionar: mas se eu existo, será que não existe outro, né? **A gente** começa a parar pra pensar: será que só eu existo no mundo, não tem outro, né? Outro planeta, outro sei lá... outra nesse universão, será que não tem, né? Outros seres, que não seja bonitinho como eu, vai que exista! (risos) né não? **A gente** começa a pensar assim.*

(inf. 7, hom, 50 a 65, ens. sup, sls)

b) Referência genérica e definida:

Quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, da família, do bairro.

*(21) – Pra **nóis** aqui **nóis** chama é sereno.*

(inf. 9, hom, 18 a 30, ens. fund, bdc)

*(22) – É assim, o normal daqui que **a gente** sempre fala, o tempo tá arejano, né, tá voltano a... é... vamo dizer o dia esquentá, né. É como **a gente** chama mais.*

(inf. 11, hom, 50 a 65, ens. fund, bdc)

c) Referência específica e definida:

Quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores.

(23) – *Eu tenho muito é medo de gente, minha fia. **Nois** tamó aqui numa boa porque Ø tamó só **nós** duas, se tivesse assim de cinco pessoa pra frente eu já tava toda me tremeno mais era dehde o cumeço. Já tava qui nem falano mais.*
(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, bdc)

(24) – ***A gente** descia pro ipen pra jogar. Eu descia pra jogar, ela ficava e ia pra praia, o A. ficava lá, quando terminava eu me juntava a eles ou eles se juntavam à mim lá na sede social, onde tem a seresta e você toma uma cervejinha, se juntava **a gente**. Ou então Ø pegava o carro fim de semana, Ø saía e Ø ia visitar amigo, Ø ia no o sitio, Ø passava o dia lá, sexta, sábado, domingo, **a gente**... ficava andano. Agora que tem a nenem, ficou mais limitado, **a gente** não pode tá levano ela pra todo lugar que vai, **a gente** já se quietou mais um pouco.*

(inf. 7, hom, 50 a 65, ens. sup, sls)

d) Discurso reportado genérico

Quando o entrevistado cita a própria fala ou a fala de outra pessoa, mas com referência genérica.

(25) – *Eu digo: “minha filha, **nós** estamos aqui nessa terra sujeito a qualquer coisa porque Deus disse que tudo que nos vier à mão pra fazer **a gente** tem que fazer bem feito porque eu não sei o meu dia de amanhã, né.”*

(inf. 4, mul, 50 a 65, ens. fund, sls)

e) Discurso reportado específico

Quando o entrevistado cita a própria fala ou a fala de outra pessoa, mas com referência específica.

(26) – *Ele mandô mensage, eu respondi, mah eu cum aquela frieza, aquela raiva. Aí ele mandô um audio: “purque que tu tá diferente cumigo? Desde a hora que **nós** cumecemo cunversá que tu num disse que me ama”.*

(inf. 10, mul, 18 a 30, ens. fund, bdc)

3.5.2.3 Paralelismo formal

De acordo com Omena (1996, 2003) e Lopes (1998), o paralelismo formal ou paralelismo linguístico é entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva, o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal condiciona os usos subsequentes, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma pronominal, seja ela nula ou preenchida.

Autores como Scherre (1998), em seus estudos, consideraram o paralelismo formal como um fator linguístico de grande relevância para os estudos relacionados à variação pronominal. Sendo esta uma variável que designa a repetição das estruturas linguísticas, buscaremos verificar a manutenção de uma ou da outra forma pronominal pelo falante na sequência discursiva. Postulamos, portanto, a hipótese de que ao selecionar uma forma pronominal tal escolha influencia no uso das formas subsequentes.

a) Realização isolada

(27) – *De ter tem, mah eu num sei. No ponto combinado, mah né assim que chama não. Num sei qual é. As veiz a pessoa fala... mah num é assim que eu quero dizê. Mah muitas veiz a pessoa fala: rapaiz, fulano, só me botô pra bestá, **nóis** combinamo assim e assim em tal lugá e cheguei lá aguardei, aguardei e fulano não isperô.*

(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, bdc)

(28) – *Ah, a pessoa que tem dente grande... é... **a gente** chama mais pessoas dentusca, né, que tem os dente mei avançado, graúdo.*

(inf. 11, hom, 50 a 65, ens. fund, bdc)

b) Primeiro da série

(29) – *Ah, essa aqui **a genti** chama de amarelinha, canção também... ou então o canção era a pedra qui a gente jogava? Mas era... canção e amarelinha...*

(inf. 5, hom, 18 a 30, ens. sup, sls)

(30) – *Rapá, eu chamo ela pra **nóis** saí e tal, e pronto. Nóis sair mehmo. Se ela for mehmo é bom dimais.*

(inf. 9, hom, 18 a 30, ens. fund, bdc)

c) Não primeiro da série precedido de nós explícito

(31) – *Por exemplo, eu tenho mais relação cum meu amigo da sala de aula, qui to aqui todo dia cum ele do que cum meu vizinho... não é purquê... lógico qui **nós** mudamos um pôco... mas não é purquê: ah, agora as pessoas são totalmente fechadas, não... é purquê casa não é mais o lugá qui **a genti** fica lá... a genti ta todo tempo: iscola longe, imprego, trabalho, violência... acaba sendo, realmente, só um ponto de passagem.. qui a genti vai lá... só pra praticamente durmi... passá a noite...*

(inf. 5, hom, 18 a 30, ens. sup, sls)

d) Não primeiro da série precedido de a gente explícito

(32) – *É, tipo assim... na tua cabeça, tipo assim, ele num morreu, mah aí quando cai a ficha que a gente sabe que ele morreu, a gente quer acostumá que ele moreu, mah **a gente** num quer, tá intendeno!? Tem hora que vem na cabeça assim que ele num tá morto, que ele tá lá, aí depois vem assim: - Rapaz, morreu? Nã, é muito chocante isso, nã. Purque tá certo, tá doente? Tá. Ta se tratano? Tá. Mas pra dizê assim: morreu. Né? Sabê que ele tava duente **nóis** sabia, Ø sabia que ele tava tratano, Ø sabia, mas as nutiça era boa: tava mió, tava miorano, tava recuperano. Aí pan pan, do nada, morreu. Né? Agora se fosse assim: não piorô, tá ruim, tá mal, pra ir e morrê não, mah ele tava bom e pan morreu. Aí é um negócio que dá na gente que a gente num acredita não. Ixi maria. É pancada. Foi so isso mehmo que assim... que eu fiquei assim... foi só isso..*

(inf. 10, mul, 18 a 30, ens. fund, bdc)

e) Não primeiro da série precedido de nós implícito

(33) – *Aí, Ø montamo nesse girico, aí, ele fez três viagens pra poder levar **a gente** pra esse lugar. Sei que a gente chegou lá, era duas horas da tarde. Todo mundo com sono pra porra. Lá a gente não olhava nem um comércio, o único comércio que a gente foi encontrar foi nesse lugar lá.*

(inf. 1, hom, 18 a 30, ens. fund, sls)

e) Não primeiro da série precedido de *a gente* implícito

(34)– *Ah, eu fiz muito isso com meu próprio... que eu sou filho único, eu num tive irmão, eu tive meus vizinho, então quando mamãe saía... aí tem um outro também que a gente fazia, Ø botava um coiso no meio assim, né. Ø botava aqui, era de... embaúba, a hente fazia esse negócio, a gente fazia esse negócio, ela grossa assim, a hente furava no meio, Ø botava um torno assim, Ø sentava, aí a gente chamava eh... carrossel, saía pra tá rodando assim..*
(inf. 3, hom, 50 a 65, ens. fund, sls)

3.5.2.5 Tempo e modo verbal

Estudos como os de Omena (1986; 2003) e Lopes (1998) contribuíram para a escolha do fator tempo e modo verbal. As autoras mostram que o pretérito imperfeito, o presente e as formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto o futuro e o pretérito perfeito, o uso de *nós*. De acordo com Vianna (2006) *a gente* estaria relacionado a tempos verbais menos marcados, como o presente do indicativo, o pretérito imperfeito do indicativo e as formas nominais do verbo. E o *nós* a tempos verbais mais marcados, como o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do indicativo.

Câmara Júnior (1979) associa o uso do presente a enunciados mais generalizantes. Essa relação do tempo verbal com referente pode contribuir para a busca de respostas no que diz respeito à escolha que os falantes maranhenses fazem em relação ao uso dos pronomes.

Considerando a forma expressa pelo verbo, procuramos saber quais tempos e formas nominais do verbo podem condicionar ou não a ocorrência da variação *nós* e *a gente*, com isso, a hipótese que apresentamos é de que formas verbais menos marcadas favorecem o uso do *a gente* e formas verbais morfologicamente mais marcadas favorecem o emprego do *nós*.

a) Presente do indicativo

(38) – *Bom...ele foi amputado...(risos)... agora eu não lembro o nome. Eu tava até outro dia, né... nós temos um amigo que trabalhou há muito tempo com minha mãe...um pedreiro, um senhô já de setenta ano... em dois mil e dez, ele amputou uma perna... dois mil e onze a outra...tá sem as duas perna.*
(inf. 8, mul, 18 a 30, ens. sup, sls)

b) Pretérito perfeito do indicativo

(39) – *Num sei qual é. As veiz a pessoa fala... mah num é assim que eu quero dizê. Mah muitas veiz a pessoa fala: rapaiz, fulano, só me botô pra bestá, **nós combinamo** assim assim em tal lugá e cheguei lá, aguardei, aguardei, fulano não isperô.*

(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, bdc)

c) Pretérito imperfeito do indicativo

(40) – *E a gente... esse lado aqui, sítio, a **gente andava** muito. Então saía de lá, Bairro de Fátima, a **gente vinha** por dentro do Bairro de Fátima, **andava** por ali tudinho, **ia** pra União, **ia** pra festa em todo lugar.*

(inf. 7, hom, 50 a 65, ens. sup, sls)

d) Infinitivo

(41) – *Só **a gente botá**... só **isquentá** a aliança aqui no dedo e bota nele. Aí ele desaparece.*

(inf. 9, hom, 18 a 30, ens. fun, bdc.)

f) Futuro do pretérito

(42) – ***A gente poderia** chamá de a rótula da janela, veneziana.*

(inf. 5, hom, 18 a 30, ens. sup, sls)

g) Futuro do subjuntivo

(43) – *Não... eu não acredito muito não assim, mas se...se **nós pararmos** pra pensar, ou aí você se questiona, tu não é obrigado a aceitar tudo aquilo que te é ofertado de imediato sem questionar, né? Aí você começa a se questionar: mas se eu existo, será que não existe outro, né?*

(inf. 7, hom, 50 a 65, ens. sup, sls)

h) Presente do subjuntivo

(44) – Não é que **a gente fale** diferente, eu intendo que a gente fala, mas... no intanto, eh... eu não (inint.), acho que já tá... já ta naturalizado a forma que falamos, mais, por exemplo, quando a gente conversa cum de ôtros... cum a P., por exemplo, que é a minha namorada lá do Rio Grande do Sul, ela diz: “poxa, eu acho tua... eu acho teu sotaque tão bunito”, eh... eu acho que eu não tenho tanto sotaque assim, né? mais... mais tudo bem. (risos)

(inf. 5, hom, 18 a 30, ens. sup, sls)

i) Outras formas (gerúndio e particípio)

(45) – Não... porque a **gente falando**, né, normalmente já dento de uma linguagem assim mais... se fala das axilas, né! São as axilas.... mas... um termo assim bem vulgar...

(inf. 8, mul, 50 a 65, ens. sup, sls)

(46) – Tanto fazia uma cumo a ôta. A cumida de minha mãe era muito boa. Mais **a gente nascida** e criada ali, num tem jeito pra num achá boa a cumida da mãe da gente.

(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, bdc)

3.5.2.6 Saliência fônica

A proposta da saliência fônica é a de uma gradação na diferença fônica entre as formas verbais de 3PS e 1PP. Ela é descrita por Naro *et al.* (1999) a partir das diferenças de material fônico na oposição singular/plural dos pronomes *nós* e *a gente* e suas respectivas concordâncias.

De acordo com os autores, a alta saliência é reconhecida quando há uma maior diferenciação fonética (mudou/mudamos, foi/fomos, vai/vamos) ou formas totalmente diferentes (é/somos). E a baixa saliência ocorre quando a saliência consiste somente na presença ou ausência do próprio –mos (muda/mudamos, sente/sentimos).

No quadro a seguir temos a hierarquia da saliência fônica proposta por Naro *et al.* (1999, p. 203), com cinco níveis, no qual podemos observar que, conforme se aumentam os níveis, aumenta-se a diferenciação entre 1PP e 3PS.

Quadro 4: Hierarquia da saliência fônica proposta por Naro

Nível de saliência	Exemplos	Explicação
Nível 1	falava/falávamos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é átona em ambas as formas.
Nível 2	fala/falamos, trouxe/trouxemos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em uma das formas.
Nível 3	está/estamos tem/temos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas.
Nível 4	comeu/comemos partiu/partimos vai/vamos foi/fomos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas, e a terceira pessoa do singular mostra o ditongo com semivogal que não aparece no plural.
Nível 5	falou/falamos é/somos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas, e a tônica muda a vogal.

Hierarquia da saliência segundo Naro *et al.* (1999, p. 203).

Para nossa análise acrescentamos os níveis 6 e 7 de saliência fônica propostos por Omena (1986) e utilizados também por Lopes (1993). Os níveis 6 e 7 não correspondem ao grau máximo de saliência, mas, ao contrário, têm os menores níveis de diferenciação fônica entre 1PP e 3PS. O nível 6 corresponde às formas do infinitivo, e o nível 7 tem a mesma forma para ambas às pessoas, que é o caso do gerúndio. Ainda, no nível 7, agrupamos também as formas no particípio.

A análise, portanto, partiu da seguinte hierarquia de saliência fônica.

Quadro 5: Hierarquia da saliência fônica utilizada na pesquisa

Nível de saliência	Exemplos	Explicação
Nível 1	falava/falávamos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é átona em ambas as formas.
Nível 2	fala/falamos, trouxe/trouxemos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em uma das formas.
Nível 3	está/estamos tem/temos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas.
Nível 4	comeu/comemos partiu/partimos vai/vamos foi/fomos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas, e a terceira pessoa do singular mostra o ditongo com semivogal que não aparece no plural.
Nível 5	falou/falamos é/somos	A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas, e a tônica muda a vogal.
Nível 6	cantar/cantarmos	Verbos no infinitivo
Nível 7	cantando; nascido	A mesma forma verbal

Para Lopes (1993) entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe entre elas uma diferenciação fônica acentuada. Caso

contrário, se essa distinção for menor, há uma tendência de se neutralizar a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas.

Como base nisso, a nossa hipótese é de que a forma *a gente* seja favorecida em contextos em que se evidencia maiores níveis de saliência entre a forma de primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular, e também, com base em Naro *et al.* (1999), para evitar ambiguidade do presente e pretérito.

a) Nível 1

(47) – *É gostoso, **a gente torrava** [torrávamos] ele.*

(inf. 3, hom, 50 a 65, ens. fund, sls)

b) Nível 2

(48) – *A neblina, a neblina. De manhã cedo o capim fica assim, quando **a gente acorda** [acordamos] tá molhadinha.*

(inf. 1, hom, 18 a 30, ens. fund, sls)

c) Nível 3

(49) – *Porque ó, **nós temos** [tem] muitos colegas aqui ó, as vezes, eu sempre digo aqui ó, assim só pra nós aqui, hoje essa empresa aqui é muito boa, boa a termo de funcionário.*

(inf. 3, hom, 50 a 65, ens. fund, sls)

d) Nível 4

(50) – ***A gente vai** [vamos] fazê uma consulta e dificilmente a gente entende o que é que o médico fala.*

(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, bdc)

e) Nível 5

(51) – *Aí é assim, graças a Deus, a gente se dá muito bem, **nós somos** [é] vários irmãos, mas **nós somos** [é] uma família muito unida, graças a Deus.*
(inf. 4, mul, 50 a 65, ens. fund, sls)

f) Nível 6

(52) – *Mas eu sei o quanto é difícil **a gente criar** [criarmos] um filho sem o pai por perto, né?*
(inf. 4, mul, 50 a 65, ens. fund, sls)

g) Nível 7

(53) – ***A gente seno** parente, seno filho da gente.*
(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, bdc)

3. 6 A concordância verbal com o pronome *nós*

Estudos como o de Zilles, Maya e Silva (2000) mostram que no fator concordância existe grande diferença entre a realização de *nós* e *a gente*. Este último quase sempre satisfazendo às regras de concordância, enquanto o primeiro realiza-se, predominantemente, sem obedecer a esse fator. Tal fato também foi observado na nossa pesquisa antes mesmo de submetermos os dados ao programa GolbVarbX.

Como foi mencionado no início do capítulo, encontramos apenas uma ocorrência de *a gente* concordando com verbo em 1PP, (exemplo 01) o que significa que, predominantemente, a forma *a gente* está sendo usada pelos falantes das duas comunidades concordando com o verbo em 3PS.

Partindo desse resultado, em nosso estudo, a concordância verbal deixou de ser analisada como uma variável independente e tornou-se uma variável dependente. Dessa forma, foi analisada apenas para o pronome *nós* a fim de identificarmos se os falantes estão realizando a concordância com o verbo em 1PP ou com o verbo em 3PS. A nossa hipótese é de que a maior frequência seja constatada para a concordância do pronome *nós* com a desinência *–mos* (1PP).

a) Forma verbal com Ø, com ou sem o pronome

(35) – *Nóis sai (Ø) seis e mêa, chega (Ø) onze hora da manhã. Sai (Ø) seis, cinco da manhã, chega (Ø) onze.*

(inf. 9, hom, 18 a 30, ens. fund.)

b) Forma verbal com –mos, com ou sem o pronome

(36) – *Tenho. Assim, nós somos sete do segundo casamento da minha mãe. O primeiro casamento dela tem um casal, a menina morreu ano passado, morreu em São Paulo, aí ficou só o menino que mora em Marabá com o pai dele. Aí, o segundo casamento que é com o meu pai e somos sete irmãos. Somos dois homi e cinco mulher.*

(inf. 1, hom, 18 a 30, ens. fund.)

Também foram incluídas, neste subfator, aquelas formas que, mesmo não estando de acordo com o padrão gramatical, apresentam marcas de pluralidade (–mo), como ocorre no exemplo (37)

(37) – *Lá nóis tamó tirano quase duah linha nóis três até mei dia.*

(inf. 9, hom, 18 a 30, ens. fund.)

3. 7 Codificação dos dados e ferramenta estatística

Para Guy e Zilles (2007), a variação linguística, por sua natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos. Com isso, a análise quantitativa dos dados foi realizada através do pacote de programas GoldVarb X, um modelo matemático criado por David Sankoff, Henrietta Cedergren, Pascale Rousseau e William Labov. O programa opera com grande número de dados permitindo o cruzamento destes para indicar os fatores mais relevantes de condicionamento na ocorrência da variação, com o objetivo de “tornar manejável a tarefa de análise e compreensão dos mesmos, e assim permitir a identificação de tendências e padrões gerais” da regra variável (GUY; ZILLES, 2007, p. 99).

O GoldVarbX fornece o cálculo de probabilidade em níveis de análises. No primeiro nível são calculadas as probabilidades de cada grupo de fatores, efetuando a seleção do grupo mais relevante para a escolha das variantes, então o primeiro grupo de fatores é selecionado estatisticamente. O segundo nível do programa consiste em comparar o primeiro grupo com os demais, verificando sucessivamente, as variáveis estatisticamente mais relevantes.

A partir dos dados obtidos na análise quantitativa, que permitiu identificar em termos percentuais e em pesos relativos a atuação de cada variável, realizamos a análise qualitativa, voltada para a discussão da identidade sociolinguística das comunidades em relação aos fatores apresentados a partir dos significados construídos para as variantes *nós e a gente*.

Ao todo, controlamos nove variáveis independentes, sendo cinco linguísticas e quatro sociais. Dentro dessas variáveis, analisamos 36 subfatores, 28 linguísticos e 8 sociais, como mostra o Quadro 6 a seguir.

Quadro 6: Grupos de fatores controlados na pesquisa

Localidade	Tipo de referência
São Luís	Genérica e indefinida
Barra do Corda	Genérica e definida
Sexo	Específica e definida
Masculino	Discurso reportado genérico
Feminino	Discurso reportado específico
Faixa etária	Paralelismo linguístico
18 a 30	Realização isolada
50 a 65	Primeiro da série
Escolaridade	Não primeiro da série precedido de <i>nós</i> explícito
Ensino Fundamental	Não primeiro da série precedido de <i>nós</i> implícito
Ensino Superior	Não primeiro da série precedido de <i>a gente</i> explícito
Tempo e modo verbal	Não primeiro da série precedido de <i>a gente</i> implícito
Presente do indicativo	Saliência fônica
Pretérito perfeito do indicativo	Nível 1 – A oposição -V0-V-mos é átona em ambas as formas
Pretérito imperfeito do Indicativo	Nível 2 – A oposição -V0-V-mos é tônica em uma das formas
Infinitivo	Nível 3 – A oposição -V0-V-mos é tônica em ambas as formas
Futuro do pretérito	Nível 4 – A oposição -V0-V-mos é tônica em ambas as formas, e a terceira pessoa do singular mostra o ditongo com semivogal que não aparece no plural
Futuro do subjuntivo	Nível 5 – A oposição -V0-V-mos é tônica em ambas as formas, e a tônica muda a vogal
Presente do subjuntivo	Nível 6 – Verbos no infinitivo
Outras formas (gerúndio participio)	Nível 7 – A mesma forma verbal (gerúndio Infinitivo)
Preenchimento do sujeito	
Preenchido	
Não preenchido	

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos a partir das rodadas realizadas pelo GoldVarbX e a descrição e interpretação dos dados estatísticos da amostra maranhense. Nossos resultados são analisados com base nos conceitos teórico-metodológicos abordados anteriormente e, sempre que possível, ao longo da exposição dialogaremos com resultados de outras pesquisas que abordaram o fenômeno linguístico em questão.

As rodadas, portanto, se deram da seguinte forma:

1. Com todos os dados, excetuando-se a variável escolaridade e a concordância verbal;
2. Concordância verbal com o pronome *nós*, considerando todas as variáveis linguísticas e sociais.
3. Somente o *corpus* registrado para São Luís, excluindo apenas a concordância verbal.

Optamos por apresentar os resultados em quatro análises. Na primeira, expomos uma análise geral dos resultados básicos, especificamos os grupos de fatores que foram selecionados pelo programa como relevantes na variação dos pronomes de 1PP e tratamos dos resultados e discussões acerca das variáveis sociais e linguísticas que não apresentaram relevância.

Na segunda, realizamos a análise da concordância verbal com o pronome *nós*. Como explicado no capítulo anterior, em nossos dados, categoricamente, o pronome *a gente* vem acompanhado do verbo em 3PS.

Na terceira, expomos uma análise específica para a comunidade de fala de São Luís, comparando os resultados obtidos na nossa pesquisa com os resultados obtidos por Ramos (1996). Realizamos também uma breve discussão sobre variável escolaridade, considerando que este fator só é observado em São Luís, já que em Barra do Corda temos apenas informantes com o nível fundamental.

E por fim, na quarta análise, discutimos sobre características linguísticas que assemelham e diferenciam as duas comunidades estudadas.

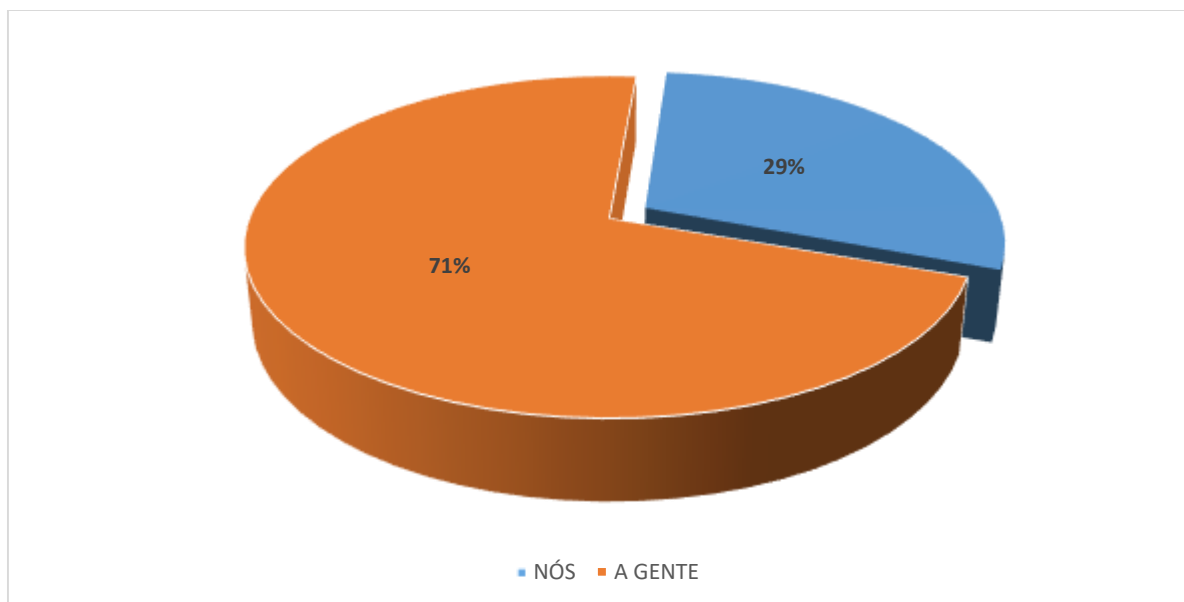
4.1 Análise Geral

Como já observado nos capítulos anteriores, no português brasileiro, a expressão da 1PP pode se realizar através do uso dos pronomes pessoais *nós* e *a gente*, explícitos ou apagados, com ou sem a concordância verbal.

Na nossa amostra encontramos o total de 639 ocorrências da variação pronominal de 1PP na fala maranhense, de maneira que houve uma presença mais expressiva da forma

inovadora *a gente*, com 454 dados do total, correspondendo a 71% das ocorrências, enquanto a forma conservadora *nós* apresentou-se menos frequente, com 185 ocorrências, totalizando 29% dos casos.

Gráfico 2: Distribuição do uso de *nós* e *a gente* na fala maranhense



Como podemos observar no Gráfico 2, os dados de *a gente* superam em dobro os dados de *nós*, que representam não somente percentuais de 29% da forma conservadora versus 71% da forma inovadora, como também mostram que *a gente* é a forma pronominal mais usada pelos falantes maranhenses para representar a 1PP.

O nosso resultado vai ao encontro dos resultados de Silva (2013), Mattos (2013), Fernandes (2004), Seara (2000), Borges (2004) Zilles (2002), Omena (1996), Rubio (2012), que revelam também a preferência de uso do pronome *a gente*. A força do uso de *a gente* na fala maranhense não difere daquela que vigora, em média, no PB, como visualizamos no Quadro 7.

Quadro 7: Quadro resumitivo dos estudos sobre os pronomes *nós/a gente* no português brasileiro

	A GENTE	NÓS
REGIÃO NORTE		
Belém – PA (Silva, 2011)	54,5%	45,5%
Rio Branco – AC (Silva, 2013)	76,7%	23,3%
REGIÃO CENTRO-OESTE		
Goiânia e outros municípios – GO (Mattos, 2013)	77%	23%
Goiânia – GO (Muniz, 2007) ¹⁶	69%	31%
Jaraguá – GO (Muniz, 2007)	43%	57%
Ponta Porã – MS (Muniz, 2008)	61%	39%
REGIÃO NORDESTE		
Fortaleza – CE (Araújo, 2016)	66%	39%
São Luís – MA (Ramos, 1996)	61,6%	38,4%
São Luís e outros municípios – MA (Sousa, 2019)	69,2%	30,8%
João Pessoa – PB (Fernandes, 2004)	79%	21%
Maceió – AL (Vitório, 2016)	80%	20%
Santo Antônio de Jesus – BA (Mendes, 2007)	93%	07%
Salvador – BA (Nascimento, 2013)	48,2%	51,8%
Caimbongo – BA (Oliveira, 2008)	85%	15%
Salvador – BA (Santana, 2014)	76%	24%
Salvador – BA (Albán e Freitas, 1991)	73%	27%
Salvador – BA (Lopes, 1993)	37%	63%
REGIÃO SUL		
Curitiba – PR (Tamanine, 2010)	54%	46%
Blumenau – SC (Tamanine, 2002)	60%	40%
Chapecó – SC (Tamanine, 2002)	48%	52%
Lages – SC (Tamanine, 2002)	58%	42%
Concórdia – SC (Franceschini, 2011)	50%	50%
Florianópolis – SC (Seara, 2000)	72%	28%
Porto Alegre – RS (Zilles, 2002)	70%	30%

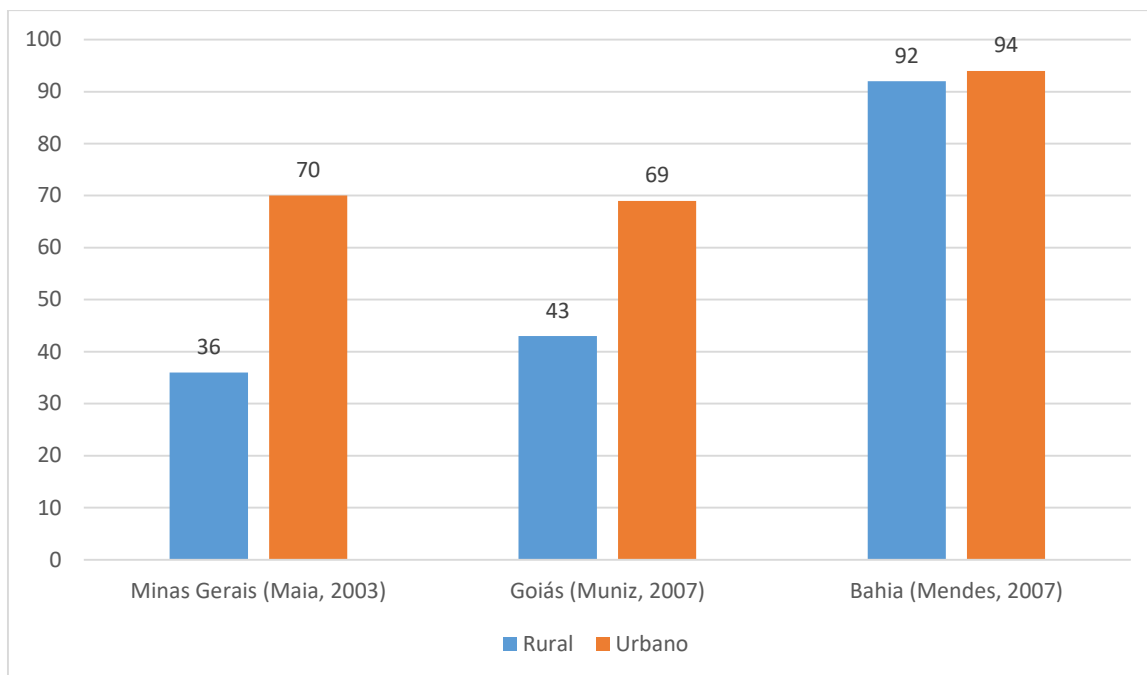
¹⁶ As localidades que são representadas por autor e ano semelhantes, tratam-se da mesma pesquisa. Alguns autores realizaram sua pesquisa em mais de uma comunidade de fala, apresentando resultados percentuais individuais para cada uma delas.

Pelotas – RS (Borges, 2004)	78%	28%
Jaguarão – RS (Borges, 2004)	69%	47%
Porto Alegre – RS (Lopes, 1993)	28%	72%
Aceguá, fronteira Brasil-Uruguai – RS (Pacheco, 2014)	45,1%	54,9%
REGIÃO SUDESTE		
Rio de Janeiro – RJ (Omena, 1996)	73%	27%
Norte Fluminense – RJ (Machado, 1995)	72%	28%
São José do Rio Preto – SP (Rubio, 2012)	73,8%	26,2%
Vitória – ES (Mendonça, 2010)	70,8%	29,2%
Santa Leopoldina – ES (Foeger, 2014)	53,9%	46,1%
Pombal – MG (Maia, 2003)	35%	64%
Belo Horizonte – MG (Maia, 2003)	70%	29%
Belo Horizonte – MG (Rocha, 2009)	62%	37%
Rio de Janeiro – RJ (Lopes, 1993)	59%	41%

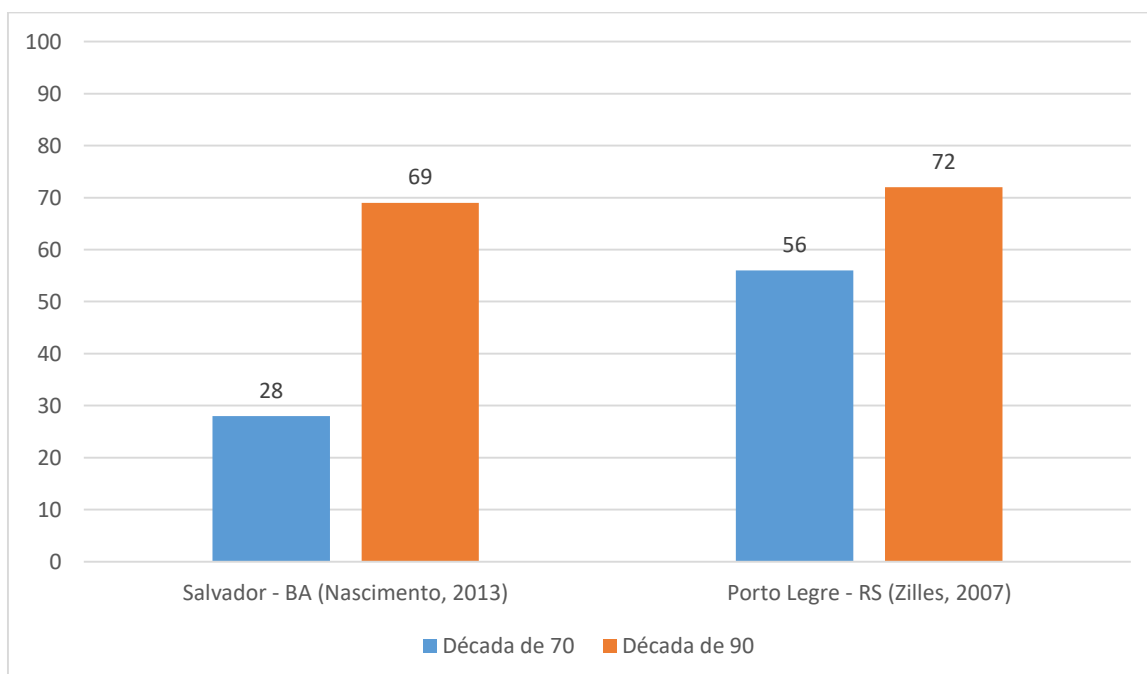
Em diferentes localidades brasileiras como Pelotas (RS) João Pessoa (PB), Maceió (AL) Goiânia (GO) Santo Antônio de Jesus e Caibomgo (BA), pelos percentuais elevados do emprego da forma *a gente*, 79%, 80%, 77%, 93% e 85%, respectivamente, notamos o predomínio da forma inovadora sobre a forma conservadora, o que, no entanto, não se estende a todas as variedades do território brasileiro. É possível verificar um certo equilíbrio, ainda que com leve predomínio do uso do pronome *a gente*, em determinadas comunidades, como a de Curitiba (PR), Pelotas (RS), Santa Leopoldina (ES) que apresentaram, respectivamente, 54%, 52% e 53,9% de emprego do pronome inovador.

Conforme o quadro, há comunidades também onde o pronome conservador se mostrou mais produtivo, como em Chapecó (SC), com 52% de ocorrências, Jaraguá (GO), com 57%, e Pombal (MG), com 64%.

Destacamos que na maior parte das pesquisas em que a forma conservadora teve maior percentual de uso, quase sempre esses resultados estão ligados ao fator rural ou ao fator década. Ou seja, pesquisas sobre o fenômeno indicam que gradativamente com o passar dos anos o pronome inovador tem ganhado mais espaço no português brasileiro, bem como que falantes do meio rural têm atitudes linguísticas mais conservadoras do que falantes do meio urbano, como mostram os Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3: Aplicação de *a gente* rural/urbano

Fonte: Maia, 2003; Muniz, 2007; Mendes, 2007.

Gráfico 4: Aplicação de *a gente* década 70/década 90

Fonte: Nascimento, 2013; Zilles, 2007.

Tanto a contraposição rural x urbano quanto o fator década parecem influenciar na aplicação da regra: localidades que envolvem maior mobilidade e décadas mais recentes apresentam maior número de ocorrências do pronome *a gente*.

Considerando o conjunto geral dos dados presentes no Quadro 7, os resultados apontam para o predomínio da forma inovadora, *a gente*, com um alto percentual em quase todas as pesquisas. Por outro lado, o pronome *nós*, mesmo quando se mostra favorecido, apresenta baixo percentual de distanciamento do pronome inovador.

Dando continuidade à apresentação dos resultados da nossa pesquisa, destacamos que, após a primeira rodada, constatamos a presença de nocautes em três grupos. O primeiro foi o **paralelismo linguístico**, em que houve nocaute para o fator *não primeiro da série precedido de a gente implícito* (100% das ocorrências de *a gente*). O segundo foi **tempo e modo verbal**, em que todas as ocorrências de *futuro do pretérito*, *presente do subjuntivo*, *gerúndio e particípio* se aplicaram para *a gente*. O terceiro e último foi **saliência fônica**, em que todas as ocorrências do nível 7 (que agrupa formas verbais de gerúndio e particípio) foram de *a gente*.

De acordo com Guy e Zilles (2007), há duas maneiras principais de eliminar o fator com nocaute e, ao mesmo tempo, reter os dados: amalgamar o fator com outro, ou não usar o fator na análise. Os autores defendem que a melhor opção é amalgamar tal fator com outro que não seja nocaute, porém, essa amalgamação deve se dar pela combinação de fatores que são semelhantes, ou que podem ser tratados como subtipos de uma supercategoria.

Como base nessas afirmações, decidimos retirar os fatores da rodada recodificando os nocautes como ‘não aplicável’ (/), uma vez que, a partir dos fatores que apresentaram nocaute, não há amalgamações que sejam plausíveis ou justificáveis em termos teóricos.

De acordo com a rodada do GoldvarbX, seis variáveis se mostraram relevantes: quatro linguísticas – paralelismo linguístico, tipo de referência, preenchimento do sujeito e saliência fônica; e duas sociais – localidade e faixa etária. Apenas duas variáveis foram eliminadas nas melhores rodadas de *step up e step down*, uma linguística (tempo e modo verbal) e uma social (sexo).

4.1.1 Grupos de fatores selecionados

Prosseguindo com a análise estatística da aplicação da regra variável, o GoldVarbX, na melhor rodada, selecionou os grupos de fatores na seguinte ordem de significância:

- 1) Paralelismo linguístico
- 2) Tipo de referência
- 3) Preenchimento do sujeito
- 4) Localidade
- 5) Saliência fônica
- 6) Faixa etária.

4.1.1.1 Paralelismo Linguístico

A variável paralelismo linguístico consiste na tendência de o falante repetir uma mesma variante em uma sequência discursiva. Omena (1996) argumenta que a probabilidade de o falante escolher *nós* ou *a gente* na primeira referência é a mesma, no entanto, depois de feita a escolha, essa será decisiva para o uso na sequência. Ou seja, se a forma *a gente* for a primeira referência, é provável que essa se repita na segunda e demais referências discursivas.

Lopes (1996) também afirma que probabilidade de usar *a gente*, ao invés de *nós*, é significativamente maior quando o falante utiliza também *a gente* em oração antecedente. O mesmo ocorre com o pronome *nós*, há maior probabilidade de uso do pronome *nós* quando o antecedente formal é *nós*. Para a autora, a flexão verbal também reforça essa manutenção do referente: verbo na 3PS para a forma *a gente* e verbo na 1PP para o uso do pronome *nós*.

Corroborando estas afirmações Cunha (1996, p. 134) destaca que uma vez escolhida a forma, o mecanismo de repetição é acionado, “atendendo a condições pragmáticas específicas como grau de comprometimento com o discurso e as condições interativas”. Portanto, a forma escolhida pelo falante repete-se uma ou mais vezes “até que o contexto determine o uso de outra”.

Seguem os resultados encontrados na nossa pesquisa para a variável em questão.

Tabela 1: Realizações de nós e *a gente* na variável paralelismo linguístico

	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Realização isolada	112/145	77,2	0.45	33/145	22,8	0.55
Primeiro da série	86/136	63,2	0.37	50/136	36,8	0.63
Não primeiro da série precedido de nós explícito	22/63	34,9	0.28	41/63	65,1	0.72
Não primeiro da série precedido de nós implícito	9/53	17,0	0.11	44/53	83,0	0.89
Não primeiro da série precedido de <i>a gente</i> explícito	173/190	91,1	0.80	17/190	08,9	0.20
TOTAL	402/587	68,5		185/587	31,5	

Como já mencionado, o fator não primeiro da série precedido de *a gente* implícito apresentou nocaute e com isso foi retirado da análise. Apesar de não observarmos variação neste fator, esses dados de certa forma corroboram a nossa hipótese de que o falante tende a repetir a primeira escolha ao longo do discurso, ou seja todas as ocorrências que apresentaram *a gente* implícito foram sucedidas pelo mesmo pronome, sendo ele explícito ou implícito.

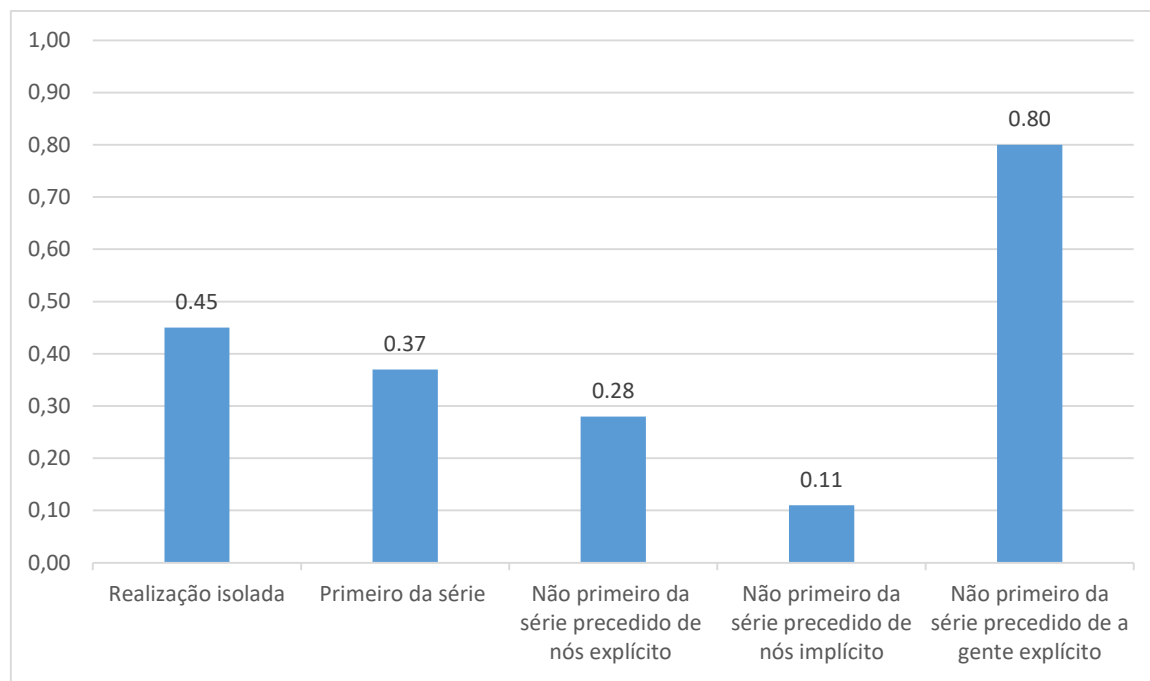
(54) – ***a gente*** descia e *Ø* voltava andando de noite, oito, nove horas da noite, ***a gente*** voltava, *Ø* passava dentro da Liberdade em cima do trilho, *Ø* ia embora! Dois, três, quatro, ia embora. *Ø* Ia pra festa à noite, *Ø* arrumava um menina, ela morava aqui na Liberdade, ***a gente*** vinha de madrugada deixar ela em casa e *Ø* voltava.

(inf. 7, hom, 50 a 65, ens. sup, sls)

O exemplo apresentado mostra que em todo o discurso o falante usou apenas a forma *a gente*, ora realizando foneticamente o pronome, ora não realizando. O exemplo confirma também o que defende Scherre (1998) de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. O falante realiza o pronome duas vezes no início do texto, em seguida, ao longo da sequência discursiva, ele mantém o paralelismo de apagamento do pronome e expressando-o apenas pelo verbo, somente no final, possivelmente para desfazer a ambiguidade que seria gerada pela

ausência do pronome em “**a gente** vinha de madrugada deixar ela em casa” ele volta a realizá-lo.

Gráfico 5: Peso Relativo de *a gente* na variável paralelismo linguístico



Conforme os pesos relativos apresentados, comparando com os dados percentuais da tabela 1, notamos que apesar do alto percentual do pronome *a gente* nos fatores realização isolada, 77,2%, e primeiro da série, 63,2%, o único fator que favorece o pronome inovador é o fator não primeiro da série precedido de *a gente* explícito, com percentual de 91,1% de ocorrências e PR de 0.80.

Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que a escolha de uma forma pronominal determina a escolha das formas pronominais seguintes, uma vez que os fatores não primeiro da série precedido de *nós* explícito e não primeiro da série precedido de *nós* implícito favorecem o uso do pronome canônico, com pesos relativos de 0.72 e 0.89, respectivamente. Ou seja, a frequência de uso do pronome *nós* também se condiciona à presença desse pronome na oração anterior ou de forma verbal com a desinência número-pessoal *-mos/-mo*.

Tratando-se de referência isolada ou primeira da série, verificamos que os falantes da nossa amostra parecem desfavorecer a forma inovadora, com pesos relativos de 0.45 e 0.37, respectivamente.

O nosso resultado é bem semelhante ao verificado em Vitória. Mendonça (2010) também constatou o desfavorecimento da forma *a gente* isolada, 0.38, ou primeira da série,

0.34, seu favorecimento em 0.71 quando precedida de *a gente* explícito e em 0.96 quando precedida de *a gente* implícito. De igual modo, a forma conservadora foi favorecida quando precedida de *nós* explícito ou implícito.

Diante destes resultados, compreendemos que a realização de uma forma pronominal, implícita ou explícita, seja de *nós* ou *a gente*, desencadeará sucessivas repetições do mesmo pronome na sequência discursiva, constituindo, portanto, alto índice de aplicação do paralelismo linguístico.

Há, portanto, uma clara tendência de manutenção do paralelismo linguístico: *a gente* leva a *a gente*, e *nós* leva a *nós*, independentemente da explicitude da variante.

4.1.1.2 Tipo de Referência

Apesar de os pronomes *nós* e *a gente* possuírem o mesmo significado referencial, o de primeira pessoa do discurso no plural, eles apresentam diferenças semânticas quanto ao grau de determinação desse referente, como evidenciam Menon (1994) Omena (1996), entre outros.

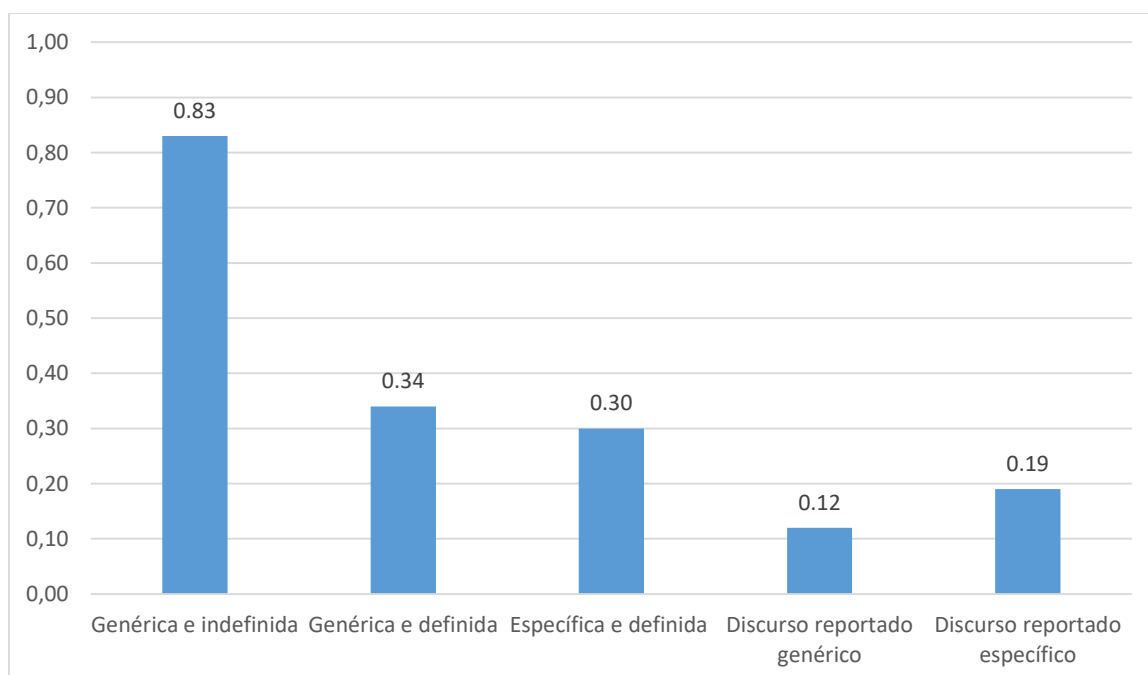
Como já mencionado anteriormente, os pronomes *nós* e *a gente* são mais do que simples plurais de eu e você, podem incluir, além do falante, o ouvinte e outras pessoas.

Os pronomes de 1PP podem assumir no discurso as seguintes referências: (i) o falante e o seu interlocutor ou os seus interlocutores; (ii) o falante e outro indivíduo ou outros indivíduos, excluindo o interlocutor; (iii) uma referência genérica, definida como sujeito indeterminado; e (iv) apenas ao próprio falante. Considerando esses níveis de referencialidade, propomos a análise de cinco fatores, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Realizações de *nós* e *a gente* na variável tipo de referência

	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Genérica indefinida ^e	203/215	94,4	0.83	12/215	5,6	0.17
Genérica e definida	125/172	72,7	0.34	47/172	27,3	0.66
Específica e definida	115/218	58,8	0.30	103/218	47,2	0.70
Discurso reportado genérico	6/11	54,5	0.12	5/11	45,5	0.88
Discurso reportado específico	5/23	21,7	0.19	18/23	78,3	0.81
TOTAL	454/639	71		185/639	29	

Na tabela mostramos os resultados para as duas variantes destacando quais fatores foram favorecedores de uma ou da outra forma linguística. No Gráfico 6, portanto, temos uma melhor visão de como o fator tipo de referência atua na aplicação da regra variável, usando como parâmetro o pronome *a gente*.

Gráfico 6: Peso Relativo de *a gente* na variável tipo de referência

Como mostram a Tabela 2 e o Gráfico 6, tanto *a gente* quanto *nós* assumem algum grau de referencialidade genérica e específica. No entanto, é possível identificar a grande tendência de uso do pronome *a gente* para se reportar a sujeitos do tipo genérico e indefinido, em que o pronome remete a qualquer pessoa/todo mundo, com frequência de 94,4% e peso relativo de 0.83.

Por outro lado, os resultados para os sujeitos do tipo genérico e definido e específico e definido apresentaram maior tendência de uso da forma pronominal *nós*. Apesar de o percentual ter se apresentado com maior frequência para o pronome inovador, 72,7% e 58,8%, respectivamente, os pesos relativos mostram que as referências ‘genérica e definida’ e ‘específica e definida’ são desfavorecedoras do uso de *a gente*, apresentando pesos de 0.34 e 0.30, respectivamente.

Quanto ao discurso reportado genérico e o discurso reportado específico, tanto um quanto o outro foram inibidores do pronome *a gente*, o que é controverso para nós, pois esperávamos que o pronome *a gente* fosse favorecido pelo discurso reportado genérico. Este resultado pode indicar que, em se tratando de discurso reportado, a referencialidade pode ser um fator secundário, e sendo discurso reportado genérico ou discurso reportado específico, a preferência pelo pronome *nós* prevalece.

Pacheco (2014) também controlou esses dois fatores em sua pesquisa, no entanto, dada a baixa quantidade de ocorrências, a autora decidiu amalgamá-los como referência específica e como referência genérica.

Mendonça (2010, p.82) argumenta que “a forma *a gente* vem também se firmando na referência específica, o que, de certa forma, lhe confere ainda mais *status* de pronome pessoal, uma vez que se estabelece como pronome pessoal pleno, sem, contudo, perder seu traço indeterminador, originário da formação substantiva”. Corroborando esta afirmação, ao levarmos em consideração especificamente os valores percentuais, o que se nota, em nossos resultados, é que o processo de gramaticalização de fato não ficou estagnado, a forma inovadora passou a exercer também função específica, como ocorre com a forma canônica.

Em parte, nossos resultados vão ao encontro dos resultados de Rúbio (2012) que também observou o favorecimento do pronome *a gente* para os sujeitos do tipo ‘genérico e indefinido’, 0.56, e o desfavorecimento deste pronome para o tipo ‘específico e definido’, 0.38. Por outro lado, para os sujeitos do tipo ‘genérico e definido’, os dados não se aproximam tanto, pois enquanto na nossa pesquisa este fator inibe o uso do pronome inovador, em Rúbio ele apresenta tendência intermediária se aproximando do ponto neutro, com peso relativo de 0.49.

A partir dos resultados obtidos na fala maranhense, confirmamos, portanto, a nossa hipótese de que o pronome *a gente* está mais associado a sujeitos genéricos e indefinidos, sendo usado normalmente para delimitar categorias, e de que o pronome *nós* está mais associado a sujeitos mais específicos e definidos, sendo usado normalmente para determinar um número completo e limitado de pessoas.

4.1.1.3 Preenchimento do Sujeito

Como já apontado, além dos pronomes *nós* e *a gente*, encontramos outras formas de referência à 1PP do discurso: o emprego do verbo em 1PP (-*mos*) e o emprego do verbo em 3PS ($\emptyset$), com ou sem referente explícito em oração anterior.

A respeito disso, Ilari *et al.* (2002, p. 102), reforçam:

(...) a ocorrência simultânea do verbo e do pronome pessoal sujeito, enquanto identificação de papéis discursivos seria em grande parte redundante. O português dispensa em muitas circunstâncias o uso dos pronomes-sujeito, fato que as gramáticas tradicionais explicam pela existência das desinências verbais e que a gramática gerativa reconhece enquadrando o português no parâmetro pro-drop.

Conforme os dados apresentados na Tabela 3, temos um total de 491 ocorrências do sujeito preenchido contra 148 ocorrências do sujeito não-preenchido. Esses números, portanto, apontam para uma maior tendência ao preenchimento dos pronomes pessoais no PB, pois, como podemos observar, a preferência se dá não pela ausência, mas sim pela presença do sujeito. Essa atitude do falante pode indicar que a flexão verbal e o contexto oracional não são suficientes para dispensar o emprego do pronome.

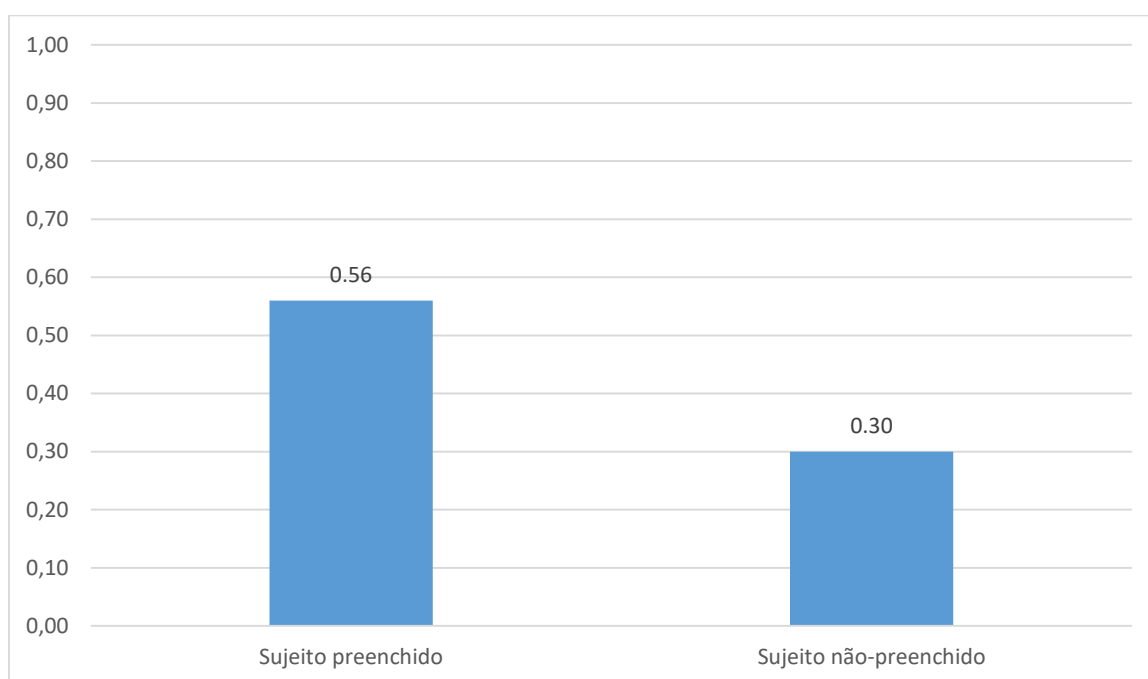
Tabela 3: Realizações de *nós* e *a gente* variável preenchimento do sujeito

	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Sujeito preenchido	378/491	77,0	0.56	113/491	23,0	0.44
Sujeito não-preenchido	76/148	51,4	0.30	72/148	48,6	0.70
TOTAL	454/639	71		185/639	29	

Os resultados percentuais da tabela nos mostram uma alta aplicação do pronome *a gente* em relação ao sujeito preenchido 77%, por outro lado o pronome *nós* apresenta apenas 23% de ocorrências para este fator. Quanto ao sujeito não-preenchido, temos uma certa equivalência entre as duas formas, 51,4% de *a gente* e 48,6% de *nós*.

Vimos, como mostrou a Tabela 3 e o Gráfico 7 que, levando em consideração a aplicação de *a gente*, há uma predominância da forma inovadora no que se refere ao sujeito preenchido. Os nossos resultados, portanto, vão ao encontro dos resultados obtidos por Tamanine (2010), os quais mostram que o sujeito preenchido é mais recorrente para o pronome *a gente*.

Gráfico 7: Peso Relativo de *a gente* na variável preenchimento do sujeito



Em se tratando dos pesos relativos, o fator sujeito preenchido é favorecedor do pronome *a gente* (0.56), e o fator sujeito não-preenchido é desfavorecedor dessa forma pronominal (0.30). Este resultado nos permite dizer que os falantes maranhenses tendem a uma sutil preferência para o preenchimento do sujeito quando utilizam o pronome inovador, por outro lado, o não-preenchimento inibe essa variante.

Costa (2003) afirma que o *pronome preenchido* é cada vez mais uma característica da nossa língua, nesse sentido, destacamos que comportamento linguístico dos maranhenses, ao que parece, contribui para reafirmar o preenchimento em detrimento do não-preenchimento, ou

seja, o PB está deixando de ser uma língua de sujeito nulo para se tornar uma língua de sujeito obrigatório.

Este resultado, portanto, pode ser entendido da seguinte maneira: quando o verbo está flexionado (comemos/comemo/comimos/comimo), a elipse de *nós* não causa dúvida quanto ao sujeito, por isso, o uso implícito indica favorecimento ao pronome *nós*. O pronome *a gente*, ao contrário, de acordo com Coelho *et. al.* (2018) precisa vir explícito, já que a flexão verbal é a mesma de outras pessoas do discurso (eu/tu/ele/a gente/nós/eles vai).

O fato de encontrarmos um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente*, tanto em valores percentuais quanto em pesos relativos, reforça a ideia de que a desinência verbal não marcada estaria conferindo ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante.

4.1.1.4 Localidade

A hipótese apresentada por nós referente à variável localidade é a de que São Luís, por ser a capital do estado e envolver maior mobilidade dos falantes, apresenta mais ocorrências do pronome inovador do que Barra do Corda. A nossa hipótese, portanto, foi confirmada, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4: Realizações de *nós* e *a gente* na variável localidade

	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
São Luís	315/407	77,4	0.62	92/407	22,6	0.38
Barra do Corda	139/232	59,9	0.29	93/232	40,1	0.71
TOTAL	454/639	71		185/639	29	

Lembramos que nossos informantes de Barra do Corda, apesar de já morarem na cidade há bastante tempo, são todos procedentes da zona rural.

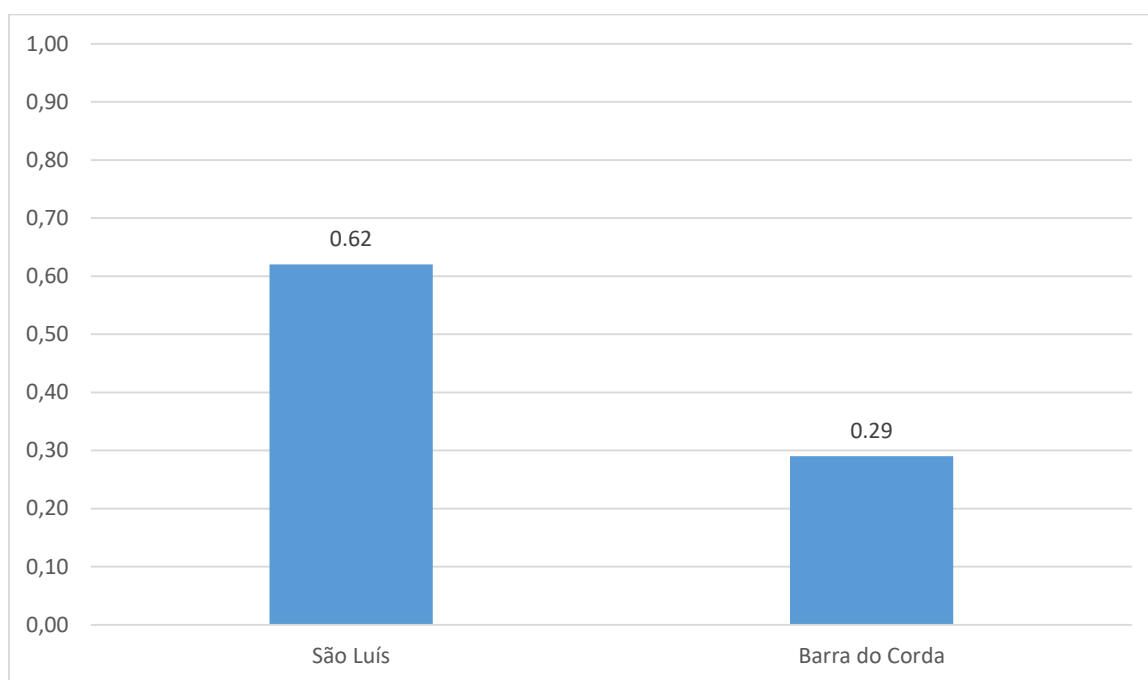
Devido à metodologia usada por nós, esses resultados podem estar associados também à escolaridade dos falantes, uma vez que em São Luís controlamos os níveis fundamental e superior, e em Barra do Corda apenas o nível fundamental.

Em termos percentuais, poderíamos afirmar que nas duas comunidades há favorecimento do pronome inovador, uma vez que São Luís apresenta percentual de 77,4% e

Barra do Corda, 59,9%, ou seja, apesar de ser uma diferença bastante considerável, Barra do Corda ainda apresenta mais da metade das ocorrências para o pronome *a gente*.

Para melhor compreensão dos dados e das diferenças entre as duas comunidades, apresentamos o gráfico com os pesos relativos do pronome *a gente* na variável localidade.

Gráfico 8: Peso Relativo de *a gente* na variável localidade



Conforme o gráfico, ficam bastante evidentes as diferenças entre as duas localidades em relação ao uso do pronome de 1PP. São Luís favorece o pronome *a gente*, com PR de 0.62, enquanto Barra do Corda desfavorece a variante, com PR de 0.29.

Além do fato de os barra-cordenses participantes da nossa pesquisa terem sempre vivido longe dos hábitos da “cidade grande”, terem baixa escolaridade devido ao pouco contato com a escola, a cidade de Barra do Corda é também fortemente marcada pela presença do campo em sua história e esses falantes mantêm contato muito forte com suas origens: avós, pais e parentes que moram no campo. Essa discussão, portanto, se torna indispensável na nossa pesquisa, considerando que estudos como o de Muniz (2007) e o de Maia (2003) apontam para o favorecimento do pronome inovador nas localidades que envolvem maior mobilidade, representada pela capital maranhense.

Nesse sentido, acreditamos que este resultado encontrado em Barra do Corda esteja diretamente correlacionado com a questão do “isolamento” da comunidade e seu consequente conservadorismo linguístico, conforme explica Monteiro (2002, p. 129):

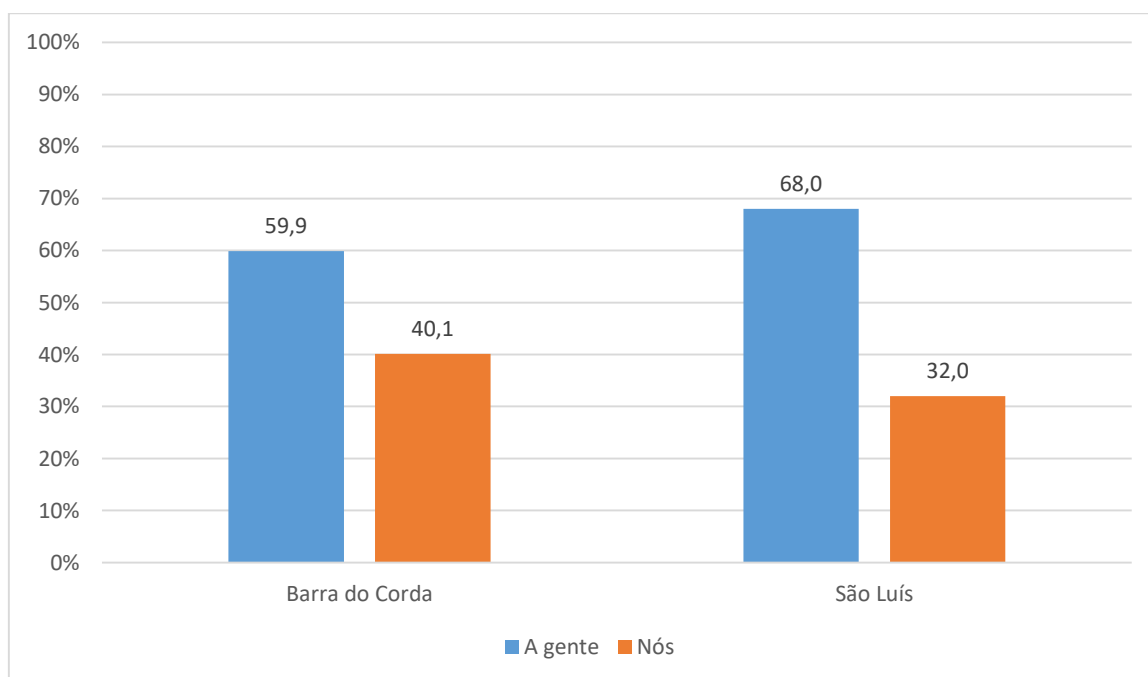
O isolamento geográfico inevitavelmente gera diferenciações linguísticas. Se viajarmos pelo interior do Brasil e conseguirmos chegar a vilarejos longínquos e de difícil acesso, com certeza lá encontraremos traços dialetais que nos causarão até surpresa. Em geral, o que se observa nesses lugares isolados é uma tendência ao conservadorismo linguístico. Daí, parece óbvia a hipótese de que quanto mais contato externo a comunidade de fala mantiver, maiores serão as possibilidades de mudança e diversificação”.

Na comunidade de fala barra-cordense há uma distância menor na distribuição das variantes, enquanto em São Luís existe um uso bem mais acentuado da forma inovadora. Isso confirma nossa hipótese de que em Barra do Corda a conservação do pronome canônico *nós* é maior do que na capital do estado.

Vale destacar também que se trata de amostras com configurações educacionais diferentes: os informantes de Barra do Corda têm apenas até a 6ª série do ensino fundamental, enquanto os de São Luís estão distribuídos entre até a 6ª série do ensino fundamental e ensino universitário.

Conforme o Gráfico 9, se retirarmos os falantes com ensino superior, notamos que os percentuais de *a gente* diminuem quase 10 pontos percentuais, apresentando frequência de 68%.

Gráfico 9: Distribuição do uso de *nós* e *a gente* na variável localidade apenas com o nível fundamental



De todo modo, levando em consideração apenas o nível fundamental, os falantes ludovicenses mostram-se mais inovadores, com uma diferença de 8 pontos percentuais em relação aos barra-cordenses.

4.1.1.5 Saliência fônica

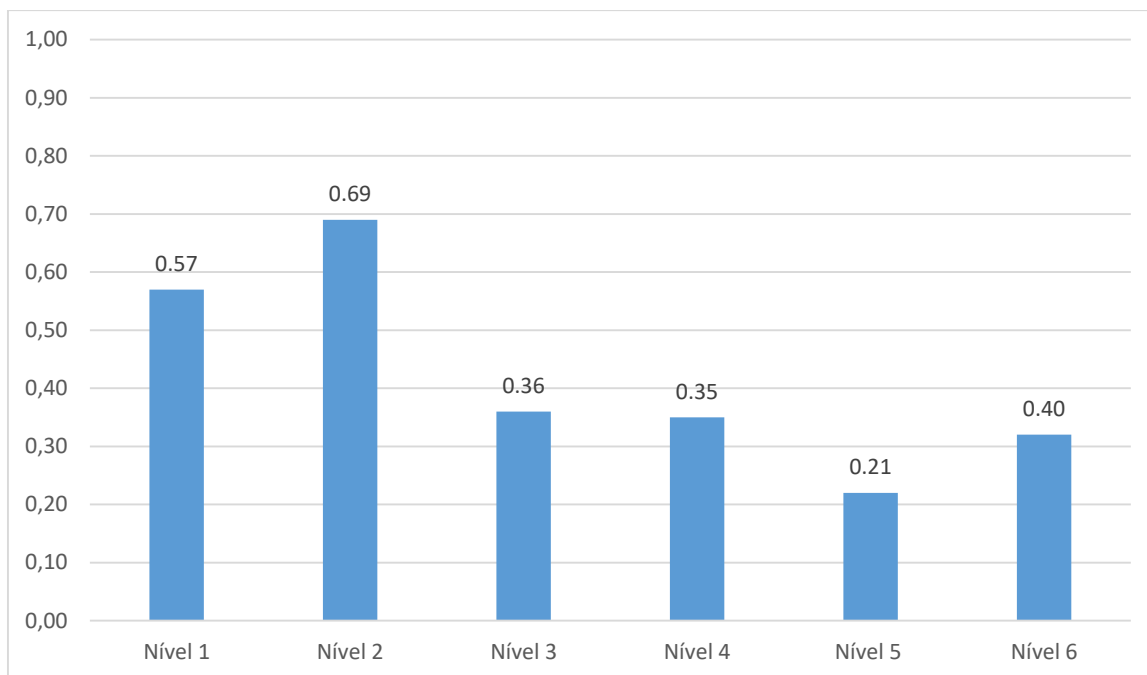
Quanto à saliência fônica, lembramos que foram adotados os mesmos níveis de saliência propostos por Naro *et al.* (1999) e acrescentados outros dois níveis utilizados por Omena (1986), no entanto, o nível 7, que reúne as formas no gerúndio e particípio, foi excluído por apresentar nocaute, sendo todas as 05 ocorrências para o pronome *a gente*

Feitas estas considerações, passemos então aos resultados obtidos, conforme mostram a Tabela 5 e o Gráfico 10.

Tabela 5: Realizações de *nós* e *a gente* na variável saliência fônica

	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Nível 1	97/122	79,5	0.57	25/122	20,5	0.43
Nível 2	178/217	82,0	0.69	39/217	18,0	0.31
Nível 3	82/112	73,2	0.36	30/112	26,8	0.64
Nível 4	56/100	56,0	0.35	44/100	44,0	0.65
Nível 5	26/69	37,7	0.21	43/69	62,3	0.79
Nível 6	10/14	71,4	0.40	4/14	28,6	0.60
TOTAL	449/634	70,8		185/634	29,2	

Em relação aos resultados obtidos nesta rodada e apresentados na Tabela 5, podemos observar, entre outras coisas, uma diferença significativa entre as percentagens e os pesos relativos em determinados níveis de saliência fônica: O nível 3, por exemplo, apresentou 73,2% de uso de *a gente* mas o PR foi de apenas 0.36, o nível 6 apresentou percentual de 71,4% e o PR foi de 0.40.

Gráfico 10: Peso Relativo de *a gente* na variável saliência fônica

Considerando apenas os pesos relativos, observamos que os níveis 1 e 2 de saliência favorecem o pronome *a gente* e os níveis 3, 4, 5 e 6 favorecem o pronome *nós*.

Os resultados apresentados para a variável saliência fônica confirmam a nossa hipótese de que o maior nível de saliência fônica leva à forma *nós* e o menor nível leva à forma *a gente*.

O nível 2, que apresenta deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência –*mos*, foi o que se mostrou mais favorecedor da forma *a gente*, com peso relativo de 0.69, seguido pelo nível 1, com peso de 0.57.

O Nível 5, foi o que apresentou maior desfavorecimento do pronome, 0.21. Este nível é também o que apresenta maiores diferenças fonológicas, ou seja, maior saliência fônica. Em seguida, tivemos o nível 4, em que há redução dos ditongos finais com acréscimo da desinência –*mos*, com 0.35; e o nível 3, dos monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passam a paroxítonas e que há conservação da sílaba tônica, com 0.36.

Ocorrências do infinitivo com acréscimo da desinência –*mos*, nível 6, também foi altamente desfavorecedor de *a gente* 0.32.

Lemle (1977) demonstrou que falantes do PB tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, as quais são verificadas nas formas verbais de 1PP, com desinências do pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e do pretérito mais-que-perfeito, como em, *cantávamos*, *cantássemos* e *cantáramos*. Nesses casos, de acordo com Rodrigues (1987), é

comum que o falante menos escolarizado empregue, junto da forma pronominal *nós*, verbos em 3PS.

Estas afirmações, portanto, se confirmam na nossa pesquisa, em que todos os verbos que aparecem junto ao pronome *nós* no pretérito imperfeito do indicativo, empregados pelos falantes com ensino fundamental, foram utilizados em 3PS. Por outro lado, todas as formas verbais proparoxítonas encontradas na nossa pesquisa foram usadas pelos falantes com ensino superior. Não encontramos ocorrências de formas verbais no pretérito imperfeito do subjuntivo e nem do pretérito mais-que-perfeito, verificamos ainda que nenhuma das ocorrências proparoxítonas teve como sujeito a forma *a gente*.

Isso nos leva a crer que quanto maior for a diferença de tonicidade entre as duas formas verbais, menor a frequência de uso de formas paroxítonas e, por conseguinte, maiores os casos de *a gente* com verbos monossílabos tônicos e oxítonos.

A partir da análise constatamos, portanto, a forte tendência de os maranhenses evitarem formas verbais proparoxítonas, modificando-as para formas paroxítonas. Para tanto, ou os falantes utilizam a forma *nós* com o verbo na forma não marcada (*nós **tinha** comprado*) ou utilizam a forma *a gente* (*a gente **jogava***).

Defendemos que o fator saliência fônica, combinado à escolaridade, além de influenciar na seleção do pronome influencia também na variação da concordância verbal.

4.1.1.6 Faixa etária

Pesquisas como as de Menon (1994, 1995, 2003) e Tamanine (2002, 2010), destacam a faixa etária como fator condicionador na escolha dos pronomes *nós/a gente*, mostrando a preferência da faixa etária mais jovem pelo pronome inovador, acenando para uma situação de mudança em progresso. Esse fator, no entanto, foi o último selecionado pelo programa como condicionador da variação pronominal na fala maranhense.

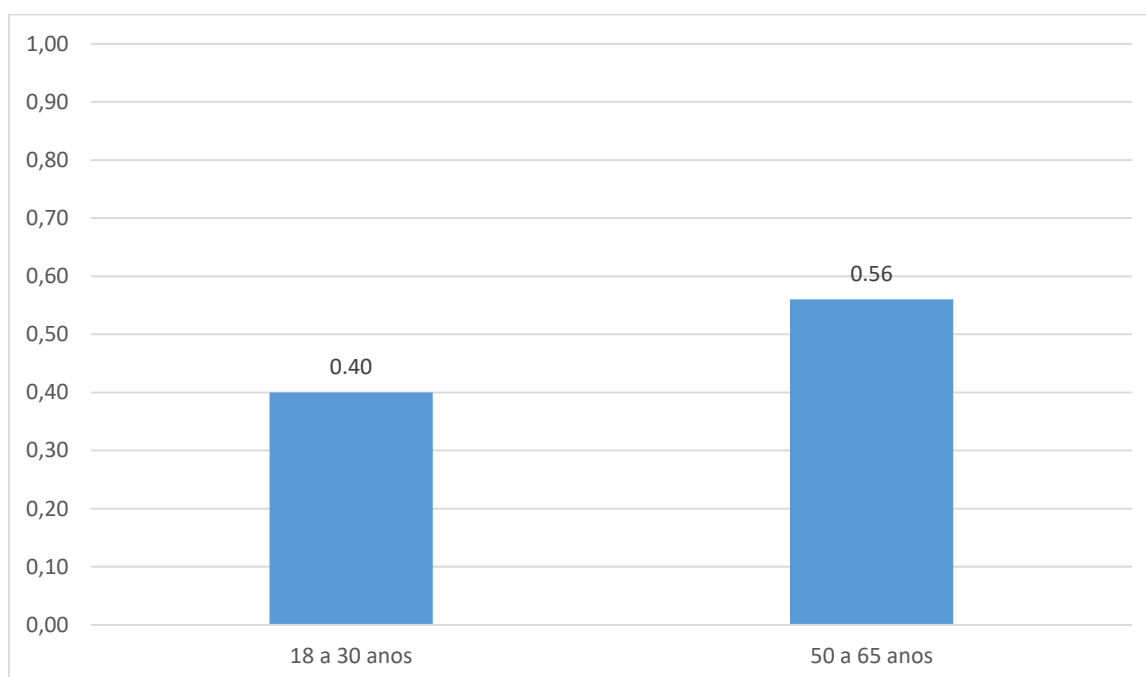
De acordo com Monteiro (1994), Omena (1996), Lopes (1996), há uma estratificação etária na variação dos pronomes de 1PP, sendo que os falantes mais jovens apresentam maior frequência de uso da forma mais recente e os mais idosos apresentam maior frequência de uso da forma canônica.

Tabela 6: Realizações de *nós* e *a gente* na variável faixa etária.

	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
18 a 30 anos	154/256	60,2	0.40	102/256	39,8	0.60
50 a 65 anos	300/383	78,3	0.56	83/383	21,7	0.44
TOTAL	454/639	71		185/639	29	

Ao analisarmos a Tabela 6, a partir dos dados percentuais, observamos que independentemente da faixa etária os informantes usam mais a forma *a gente* do que a forma *nós*, no entanto, esse resultado não favorece a implementação de uma mudança, pois os pesos relativos indicam que os mais jovens favorecem o pronome conservador, o que vai de encontro a nossa hipótese de que os mais jovens favoreceriam o pronome *a gente* e os mais idosos favoreceriam o pronome *nós*.

A hipótese foi levantada com base no fato de que geralmente as pessoas mais jovens são mais propensas a mudanças, e os mais idosos tendem a ser mais conservadores.

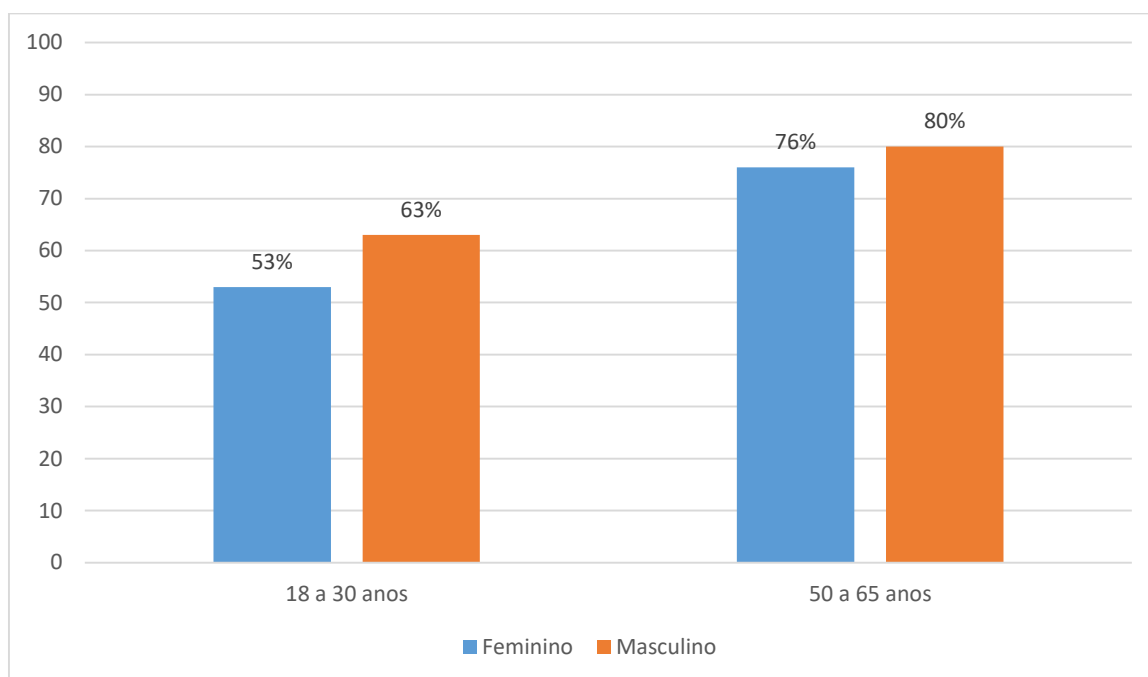
Gráfico 11: Peso relativo de *a gente* na variável faixa etária.

Os nossos resultados, ainda, vão de encontro à grande maioria dos resultados obtidos em outras pesquisas como a de Tamanine (2010), Zilles (2002) Omena (1986), entre outras, as

quais mostram o favorecimento do pronome inovador entre os mais jovens e o desfavorecimento deste pronome entre os mais idosos.

Para tentar compreender melhor este resultado, resolvemos cruzar as variáveis faixa etária e sexo.

Gráfico 12: Aplicação de *a gente* por faixa etária e sexo



Ao realizar o cruzamento das variáveis faixa etária e sexo, constatamos que tanto na primeira faixa etária quanto na segunda são os homens que lideram no uso do pronome *a gente*. A maior diferença entre os dois fatores está na faixa etária de 18 a 30 anos, em que as mulheres apresentaram frequência de 53% e os homens de 63%, ou seja, 10 pontos percentuais de diferença. Na segunda faixa etária, no entanto, há um certo equilíbrio: as mulheres apresentaram 76% de ocorrências e os homens 80%. São resultados bastante curiosos, pois o que temos observado na grande maioria das pesquisas sobre os pronomes de 1PP no PB é que a faixa etária mais nova lidera o uso de *a gente* e a faixa etária mais idosa lidera o uso de *nós*, como mostram Silva (2013), Nascimento (2013), Mendonça (2010), entre outros.

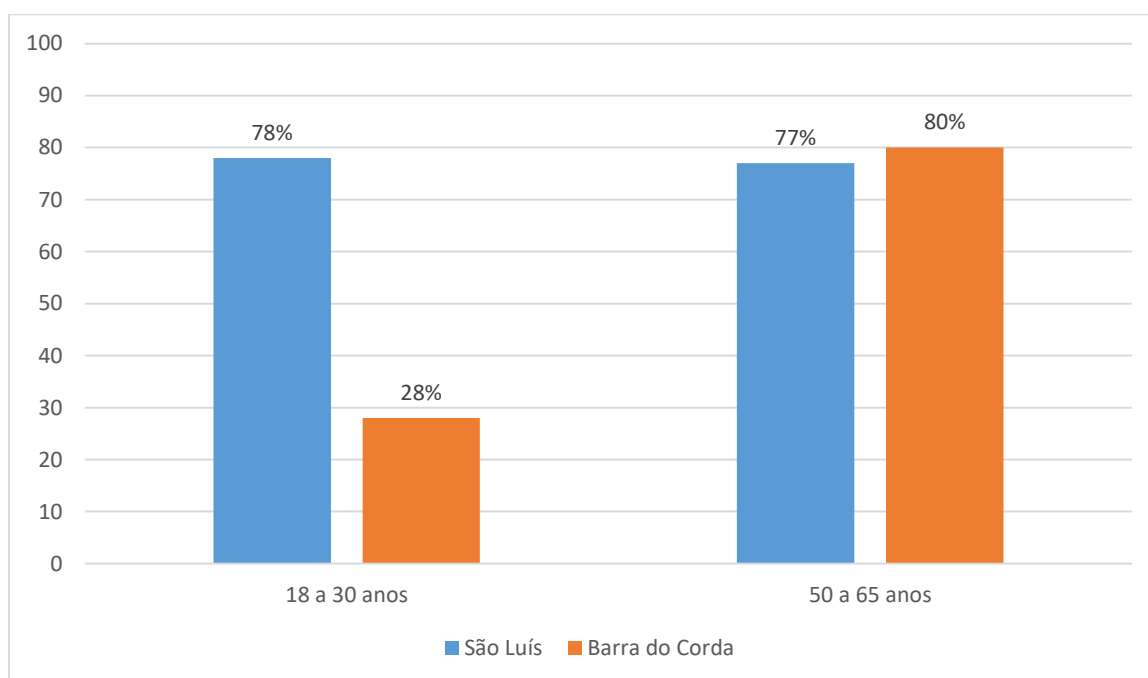
Da mesma forma, as pesquisas têm apontado também o favorecimento do pronome *a gente* por parte das mulheres. Oliveira (2008), Nascimento (2013), Seara (2002), Mendonça (2010) constataram que as mulheres se mostram mais inovadoras do que os homens no uso dos

pronomes de 1PP, porém, nossa pesquisa vai de encontro a estes resultados, mostrando que, na fala maranhense, são os homens que lideram no uso do pronome inovador.

Acreditamos que essa diferença pode ser explicada por sua vida social dentro da comunidade, pois sabemos que a mulher possui menor número de oportunidades sociais, principalmente em se tratando da cidade de Barra do Corda, e está sujeita a menores exigências de convivência em grupo já que o predomínio de atividades domésticas e de cuidados com os filhos a mantém mais tempo em casa.

Vejamos agora o cruzamento da variável em análise com o fator localidade.

Gráfico 13: Aplicação de *a gente* por faixa etária e localidade



Resultado também interessante foi o cruzamento das variáveis faixa etária e localidade. Em São Luís, a faixa etária de 18 a 30 anos e a faixa etária de 50 a 65 anos apresentaram praticamente os mesmos percentuais, 78% para a primeira faixa etária e 77% para a segunda, ou seja, uma diferença de apenas 1 ponto percentual entre as duas faixas etárias. Por outro lado, Barra do Corda apresentou grande contraste entre as duas faixas etárias, e o que chama atenção, ainda, é que a faixa etária mais idosa foi a favorecedora de *a gente* com percentual de 80% e a faixa etária mais jovem mostrou-se bastante conservadora, com percentual de apenas 28% do pronome *a gente*.

Estes resultados vão contra os de Omena (1986; 1996), Fernandes e Gorski (1986), Albán e Freitas (1991), Cunha (1993), Lopes (1993), Oliveira (2006), os quais revelam que a

forma *a gente* é maior entre os falantes mais jovens, decaindo na medida em que se passa para os informantes de faixa etária mais avançada.

Por esperarmos um resultado diferente para Barra do Corda em relação a faixa etária, e com o intuito de compreender melhor tais números, observamos que os mais idosos estão, em média, há 18 anos morando na região urbana de Barra do Corda, e os mais jovens, há três ou quatro anos. Além disso, os informantes mais jovens costumam ir com bastante frequência para as localidades rurais, onde mantêm vínculos de amizades e parentescos. Esta, portanto, é uma possível justificativa para tais resultados, uma vez que se espera que falantes do meio rural tenham atitudes linguísticas mais conservadoras.

4.1.2 Grupos de fatores não selecionados

Na rodada geral, as variáveis não selecionadas como relevantes pelo programa foram:

1. Tempo e modo verbal; e
2. Sexo

Apesar de não terem mostrado relevância, acreditamos ser pertinente apresentar os resultados obtidos, pois a falta de significância é também uma resposta ao pesquisador, de maneira que ajuda a comparar os dados com dados de outras pesquisas, refutar uma hipótese ou refiná-la. Segue, portanto, os resultados obtidos para as duas variáveis.

4.1.2.1 Tempo e Modo Verbal

Como mencionamos no início do capítulo, os fatores futuro do pretérito, presente do subjuntivo, gerúndio e particípio apresentaram nocaute, e com isso foram retirados da análise.

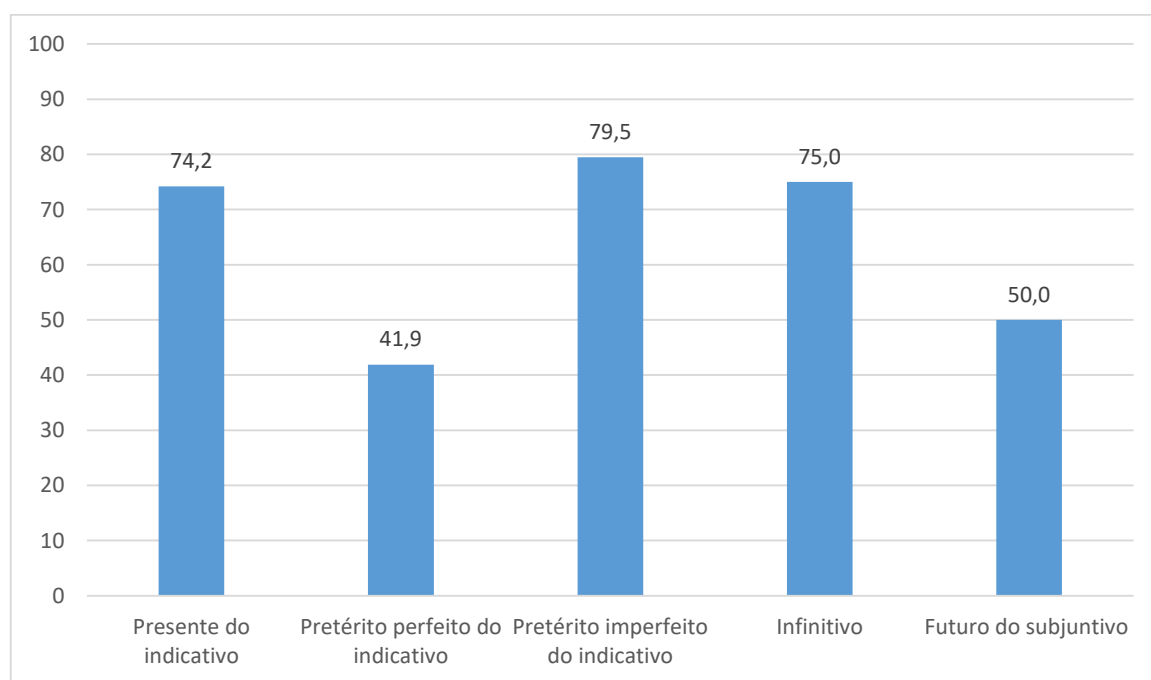
Apresentamos, portanto, na Tabela 7, os resultados obtidos referentes à variável tempo e modo verbal na fala maranhense.

Tabela 7: Realizações de *nós* e *a gente* na variável tempo e modo verbal

	A GENTE		NÓS	
	Aplic./N	%	Aplic./N	%
Presente do indicativo	305/411	74,2	106/411	25,8
Pretérito perfeito do indicativo	36/86	41,9	50/86	58,1
Pretérito imperfeito do indicativo	97/122	79,5	25/122	20,5
Infinitivo	9/12	75,0	3/12	25,0
Futuro do subjuntivo	1/2	50,0	1/2	50,0
TOTAL	448/633	70,8	185/633	29,2

Os resultados apontam a tendência ao emprego da forma pronominal *a gente* nos contextos de presente do indicativo, 74,2%, pretérito imperfeito do indicativo, 79,5%, e infinitivo pessoal, 75%. E o favorecimento do pronome *nós* nos contextos do pretérito perfeito do indicativo.

No gráfico 14 é possível observarmos melhor as diferenças percentuais entre cada um dos tempos e modos verbais em relação ao pronome *a gente*.

Gráfico 14: Aplicação de *a gente* na variável tempo e modo verbal

Conforme o gráfico, os contextos menos favorecedores de *a gente* são os de pretérito perfeito do indicativo, que apresentou percentual de 41,9%. Quanto ao futuro do subjuntivo, tivemos apenas 2 ocorrências, uma de *a gente* e outra de *nós*, desta forma não é possível fazermos afirmações precisas quanto a este fator em relação ao nosso trabalho.

Em Rubio (2012), concernente a esse grupo de fatores, a análise estatística demonstrou também que há maior tendência de uso da forma *a gente* com verbos no presente, 83,7%, e pretérito imperfeito do indicativo 75,3%. E maior tendência de uso da forma *nós* com verbos no pretérito perfeito. Com relação ao infinitivo, os nossos resultados estão de acordo com os resultados de Lopes (1993) que mostrou maior utilização da forma *a gente*.

Nossos resultados também vão ao encontro das afirmações de Omena (1986) e Lopes (1998) de que o pretérito imperfeito, o presente e formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto o pretérito perfeito, o uso de *nós*. Semelhantemente, temos Mendonça (2010), Mattos (2013) e Fernandes (1996) referindo o imperfeito como favorecedor de *a gente*.

De acordo com Naro *et al.* (1999) o imperfeito favorece *a gente* para evitar a proparoxítona, e o perfeito favorece *-mos*. Esses verbos possibilitam uma maior ocorrência da variação, sendo que, quase sempre, nas entrevistas predominam o relato de fatos e experiências do passado.

Uma possível explicação para o favorecimento do pronome *nós* em contextos de pretérito perfeito é o fato de haver neutralização entre presente/preérito perfeito, sendo que existe uma única forma pra os dois tempos verbais (*nós comemos*). Dessa forma, para desfazer a ambiguidade, o falante prefere a forma *a gente* no presente e usa a desinência *-mos* para marcar o pretérito.

4.1.2.2 Sexo

Tomando por base os resultados obtidos nas pesquisas realizadas por Omena (1996), Laureano (2003), Lopes (1996) e Monteiro (1994), que apontaram maior disponibilidade de informantes do sexo feminino fazerem uso da variante inovadora *a gente*, controlamos este grupo de fatores com o objetivo de verificar se essa tendência também ocorre em nossa pesquisa.

Para Monteiro (2002), as variações linguísticas em decorrência do sexo do falante não são base característica de nenhum tipo de sociedade. O autor afirma que até mesmo em países industrializados, há tabus linguísticos com relação à fala feminina: as mulheres empregam em

menor medida as variantes estigmatizadas do que os homens, em decorrência disso, são mais sensíveis aos valores que condicionam o uso da língua.

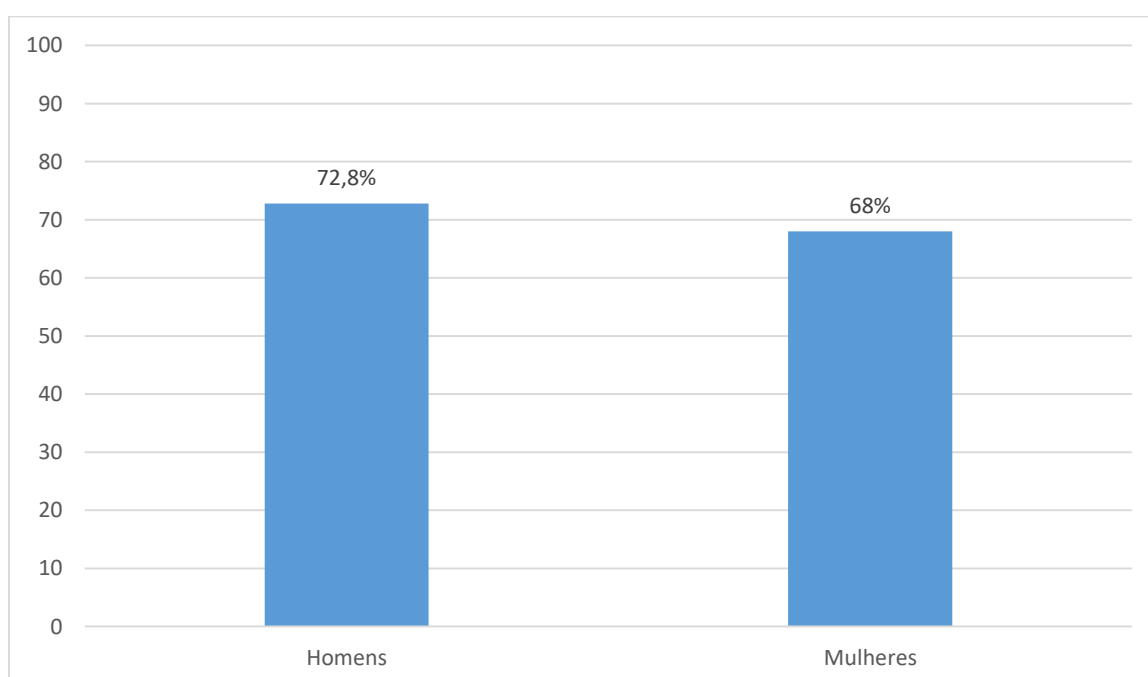
Os resultados gerais da nossa pesquisa revelaram que, na fala maranhense, não há diferenças tão significativas entre homens e mulheres no uso dos pronomes de 1PP, isso justifica o porquê da variável não ter sido selecionada pelo programa como relevante na aplicação da regra.

Tabela 8: Realizações de *nós* e *a gente* na variável sexo

	A GENTE		NÓS	
	Aplic./N	%	Aplic./N	%
Homem	297/408	72,8	111/408	27,2
Mulher	157/231	68,0	74/231	32,0
TOTAL	454/639	71	185/639	29

Notamos que tanto no discurso dos homens quanto no discurso das mulheres há preferência de uso pela forma *a gente*. Apesar de existir um pequeno percentual de diferença entre os dois fatores, eles vão contra a nossa hipótese, pois esperávamos que a aplicação do pronome inovador fosse maior entre as mulheres.

Gráfico 15: Aplicação de *a gente* na variável sexo



Considerando outras pesquisas analisadas, Foeger (2014), Mendonça (2010), Tamanine (2010) e Mattos (2013), identificamos que a forma *nós* tem maior frequência de uso entre os homens, ou seja, são as mulheres que assumem a liderança na implementação da forma inovadora, o que não ocorre na nossa pesquisa.

Silva e Paiva (1996) afirmam que em todas as mudanças que consistem na implementação de uma forma linguística não-padrão, as mulheres se manifestam conservadoras, preferindo a forma mais antiga. Nestes casos, a liderança do processo é atribuída aos homens. No entanto, quando a mudança é no sentido de uma forma prestigiada, as mulheres mostram ser inovadoras.

Dado o percentual de diferença entre os dois fatores, 4%, e a não estigmatização de *a gente* pela escola, não podemos afirmar que essa conduta descrita por Silva e Paiva (1996), de fato, aplica-se ao fenômeno de variação *nós* e *a gente* na fala maranhense. Pois, aparentemente, homens e mulheres parecem ter a mesma consciência linguística do uso dos pronomes de 1PP.

4.2 Análise da variação da concordância verbal com o pronome *nós*

Inicialmente, destacamos que agrupamos as nossas variantes em dois fatores: *nós* com concordância e *nós* sem concordância. Dessa forma, amalgamamos em um grupo as ocorrências de concordância padrão (*nós* + *-mos*) e não-padrão (*nós* + *-emo*, *-amo*) tendo por critério a presença da marca de plural, e sem concordância (*nós* + 3PS) em outro grupo, dado o emprego do verbo no singular.

Em seguida, procedemos à eliminação dos fatores com efeito categórico, que foram:

- ✓ O fator discurso reportado genérico, pertencente à variável tipo de referência, em que houve 100% de ocorrências para o *nós* com concordância;
- ✓ O fator ensino superior, que apresentou 100% de ocorrências na aplicação da concordância verbal. Sendo apenas dois fatores na variável escolaridade (ensino fundamental e ensino superior), excluímos esta variável para que pudéssemos obter os pesos relativos. Apesar de não a termos considerado na análise, destacamos que o percentual na aplicação da regra para o ensino fundamental foi de 56,4% para o *nós* com concordância e 43,6% para o *nós* sem concordância;
- ✓ Foram excluídos também os fatores futuro do subjuntivo e infinitivo, pertencentes à variável tempo e modo verbal. As ocorrências no infinitivo foram de 100% para o pronome *nós* sem concordância e o no futuro do subjuntivo foram de 100% para o pronome *nós* com concordância.

Apesar de o grupo de fator escolaridade não ter sido considerado na rodada de análise, tecemos alguns comentários a respeito deste por acreditarmos que tal variável influencia fortemente na aplicação da regra, pois falantes mais escolarizados tendem ao uso mais frequente das formas de maior prestígio social. Essa afirmação também se confirma em nossos dados, pois todas as ocorrências do pronome *nós* registradas no ensino superior foram com verbos na 1PP.

Podemos dizer que nossos resultados vão ao encontro do que defende Bortoni-Ricardo (2008). Ao realizar exames para avaliar o grau de percepção da não-concordância verbal na 3PP entre falantes de 1ª a 4ª série do ensino fundamental e falantes do ensino superior, a autora concluiu que "a distinção entre os dialetos ocorre significativamente mais entre falantes universitários do que entre falantes de curso supletivo", demonstrando assim que a estigmatização da concordância verbal não-padrão ocorre entre os falantes que têm acesso a curso superior (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 370).

Desta forma, é inegável que mais anos de escolarização podem influenciar na redução da taxa de não-concordância verbal, haja vista que a média de não-concordância no nosso estudo foi de 0% no ensino superior e de 43,6% ensino fundamental.

De acordo com Zilles (2005), o uso do verbo em 3PS com o pronome *nós* poderia ser explicado da seguinte forma: dada a incorporação e a predominância de uso de *a gente*, teria acontecido uma ‘contaminação’ da concordância verbal com 3PS para a forma *nós*. Para o falante menos escolarizado é mais difícil internalizar as regras de concordância, pois se *a gente* possui o mesmo referente que o *nós*, seria razoável usar também as mesmas formas verbais.

Feitas tais considerações, os grupos de fatores analisados foram: sexo, localidade, faixa etária, preenchimento do sujeito, tempo e modo verbal, paralelismo linguístico, tipo de referência e saliência fônica. Dessas oito variáveis, apenas três foram selecionadas pelo programa como estatisticamente relevantes: a saliência fônica, a localidade e o tempo e modo verbal.

Na fala maranhense, observamos um total de 185 ocorrências do pronome *nós*, sendo 64,9% com concordância e 35,1% sem concordância, como mostra o Gráfico 16.

Gráfico 16: Distribuição da concordância verbal de 1PP na fala maranhense

Em relação à forma de 1PP concordante com o pronome *nós*, com base nos resultados obtidos na nossa pesquisa, bem como nos resultados encontrados por Foeger (2014) em Santa Leopoldina-ES e os encontrados por Rúbio (2012) em São José do Rio Preto-SP, com percentuais de 47,5% e 85,5%, respectivamente, é possível afirmar que o fenômeno se atesta como variável nas diferentes comunidades, com amplitudes maiores ou menores de emprego das formas verbais de 1PP.

Segundo Zilles, Maya e Silva (2000), ao refletirmos sobre concordância de primeira pessoa do plural, não podemos deixar de considerar o apagamento do /s/, omissão da desinência, alternância de vogal temática e, ainda, a gramaticalização de *a gente* que, por conseguinte, à proporção que substitui *nós*, repercute na alteração do paradigma verbal.

Conforme Vieira (1995), a não-realização da regra de concordância verbal, no português do Brasil, constitui um traço de diferenciação social de cunho estigmatizante que se revela, com mais nitidez, no âmbito escolar.

Passemos, então, à apresentação dos grupos de fatores relevantes para a análise.

4.2.1 Fatores selecionados na concordância verbal com o pronome *nós*

4.2.1.1 Saliência fônica

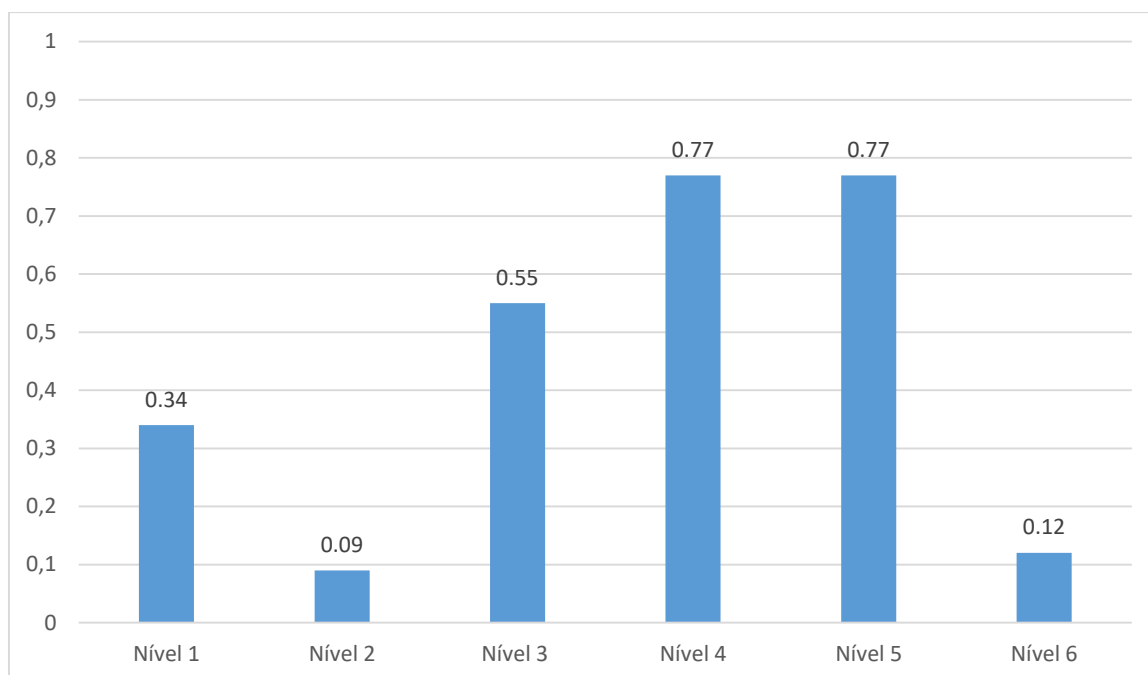
De acordo com Naro *et al.* (1999), maiores níveis de saliência entre as formas verbais em competição (as desinências verbais de 1PP e 3PS) levam a maiores usos de formas verbais de 1PP, exceção feita apenas para os contextos em que a forma de 1PP é proparoxítona, o que, segundo Lemle (1977) e Rodrigues (1987), dentre outros, leva o falante a optar pelo uso da forma em 3PS, mesmo junto do pronome *nós*.

Tabela 9: Concordância verbal com o pronome *nós* na variável saliência fônica

	COM DESINÊNCIA –MOS			SEM DESINÊNCIA Ø		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Nível 1	6/25	24,0	0.34	19/25	76,0	0.66
Nível 2	9/39	23,1	0.09	30/39	76,9	0.91
Nível 3	23/30	76,7	0.55	7/30	23,3	0.45
Nível 4	40/44	90,9	0.77	4/44	09,1	0.23
Nível 5	41/43	95,3	0.77	2/43	04,7	0.23
Nível 6	1/4	25,0	0.12	3/4	75,0	0.88
TOTAL	120/185	64,9		65/185	35,1	

Conforme esperávamos, o nível 1 – casos em que a oposição entre as formas verbais de 1PP e 3PS se faz pela presença de verbo proparoxítono – demonstrou forte propensão à desinência de 3PS, apresentando percentual de 24% e peso relativo de 0.34 para uso de 1PP. Rúbio (2012) também destaca resultado parecido. Em sua pesquisa, ele observou peso relativo de 0.09 para uso de 1PP, o que confirma que no PB os falantes tendem a evitar o uso dos verbos proparoxítonos, substituindo pelos verbos em 3PS.

Quando ao nível 2, em que a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas, mas não há mudança no radical, há também o desfavorecimento do verbo de 1PP, com percentual de apenas 23,1% e peso relativo de 0.09. Comparando esses dois primeiros níveis, temos que houve uma diminuição do nível 1 para o nível 2 no uso da 1PP, tanto em relação aos percentuais quanto aos pesos relativos. Apesar de os resultados serem muito próximos do que imaginávamos, esperávamos que a medida que os níveis fossem aumentando, aumentassem também os percentuais e pesos relativos de uso da 1PP.

Gráfico 17: Peso Relativo da concordância verbal com o pronome *nós* na variável saliência fônica

Mesmo o nível 2 apresentando uma diminuição de uso da 1PP se comparado ao nível 1, do nível 3 ao nível 5 há aumento gradual dos percentuais e dos PR à medida que aumenta grau de saliência fônica entre as formas em competição. Considerando os níveis de saliência 3, 4 e 5, estes apresentaram, respectivamente, 76,7%, 90,9% e 95,3% de emprego das formas verbais de 1PP, e PRs de 0,55, 0,77 e 0,77.

Quanto ao nível 6, que corresponde a verbos no infinitivo, apesar de termos encontrado poucas ocorrências, os resultados mostram que estes verbos também inibem a concordância de 1PP, com valor peso de 0.12.

Em resumo, o nível 1, composto por verbos do pretérito imperfeito e o nível 2, composto por verbos com neutralização – aqueles que apresentam a mesma forma para o presente e o pretérito perfeito – demonstraram ser inibidores da aplicação da desinência de 1PP. Por outro lado, os níveis 3, 4 e 5 influenciam positivamente a aplicação das marcas de CV de 1PP.

Os resultados, portanto, revelam que quanto mais salientes são os verbos, maior a tendência à aplicação da desinência de 1PP.

Na sequência, apresentamos os resultados referentes à atuação do grupo de fator Localidade.

4.2.1.2 Localidade

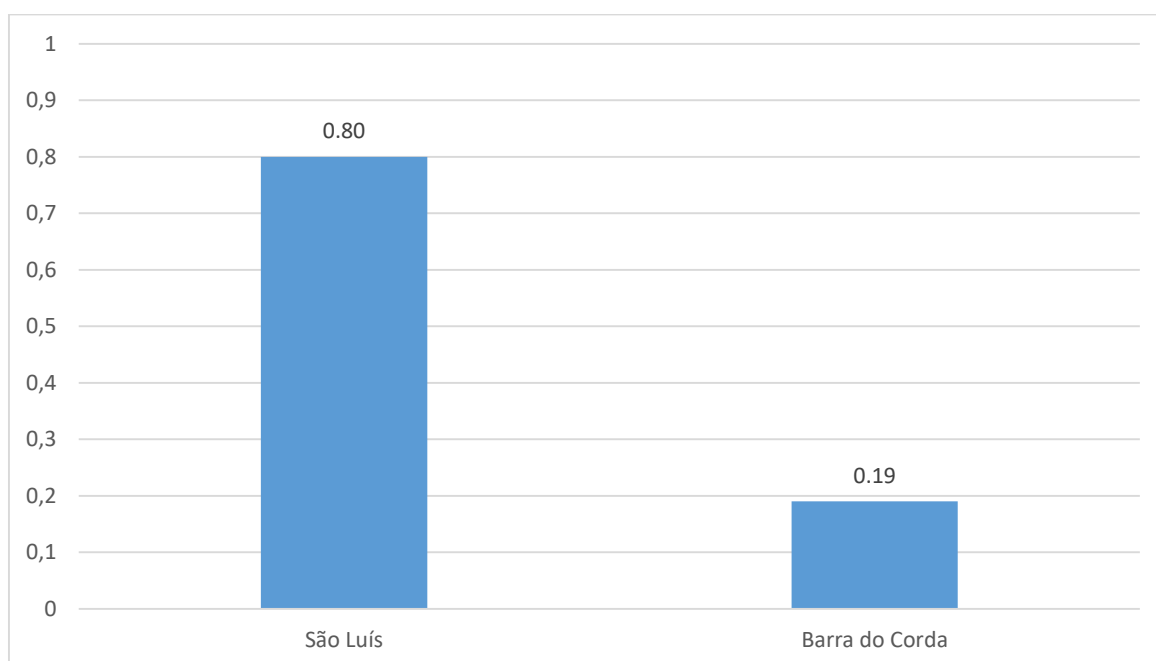
Nossa análise da CV com *nós* tem demonstrado firmemente a inter-relação entre língua e sociedade, assim como a força das tendências inerentes ao sistema linguístico. Ao controlarmos a variável localidade¹⁷, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 10: Concordância verbal com o pronome *nós* na variável localidade

	COM DESINÊNCIA –MOS			SEM DESINÊNCIA Ø		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
São Luís	84/92	91,3	0.80	8/92	8,7	0.20
Barra do Corda	36/93	38,7	0.19	57/93	61,3	0.79
TOTAL	120/185	64,9		65/185	35,1	

Com percentuais e pesos relativos tão distintos entre as duas localidades fica evidente a importância desta variável no estudo da variação do fenômeno de CV. De um lado temos São Luís favorecendo intensamente o uso de 1PP, 0.80, do outro, Barra do Corda desfavorecendo quase na mesma proporção a 1PP, 0.79.

Gráfico 18: Peso Relativo da concordância verbal com o pronome *nós* na variável Localidade



¹⁷ Para maiores informações, observar a Tabela 18, em que são apresentados os dados da concordância verbal por informante, e o texto das páginas 133,134 e 135, em que explicamos as diferenças na realização da concordância verbal entre as duas comunidades.

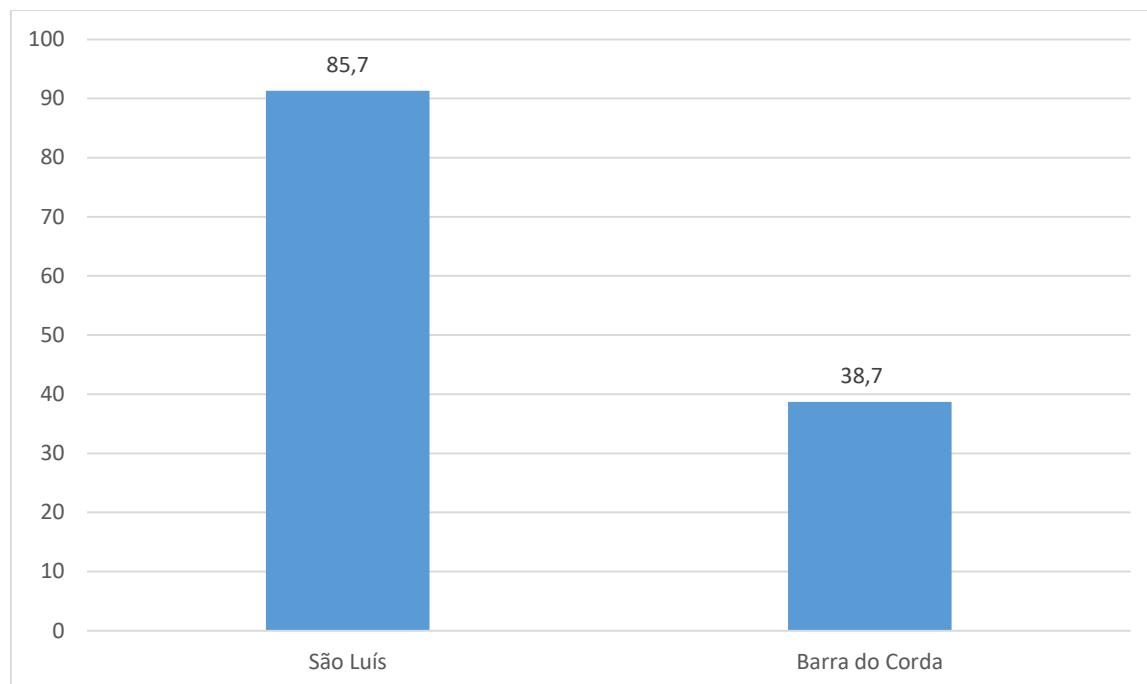
Há contextos em que o *nós* é normalmente substituído por *a gente*, em função de mecanismos da própria língua, a fim de evitar a ausência de concordância, que é estigmatizada, sobretudo nos grandes centros urbanos. Devido a essa estigmatização, temos uma possível explicação para o fato de em São Luís os falantes favorecerem em 0.80 os verbos em 1PP ao empregarem o pronome *nós*.

Em Barra do Corda, porém, o uso do *nós* sem o morfema *–mos*, dentro da própria comunidade, talvez não carregue o mesmo estigma que na capital, e por isso os falantes, entre os seus pares, não fazem essa substituição com a mesma frequência. Ou, talvez, a ausência da aplicação da concordância esteja relacionada à escolaridade, considerando que em Barra do Corda nossos informantes têm apenas até a 6ª série do ensino fundamental. Esse aspecto, no entanto, carece de um estudo mais aprofundado, levando em consideração outros níveis de escolaridade ou um estudo de avaliação e percepção da aplicação da CV na comunidade de fala barra-cordense.

Preliminarmente, acreditamos que a prática do singular verbal com *nós* em Barra do Corda ancora-se tanto no vigor de ser a execução mais comum entre os menos escolarizados, quanto na tendência rítmica predominante no PB de evitar o vocábulo proparoxítono. Em absolutamente todas as ocorrências em que o pronome vem acompanhado de proparoxítona, os falantes barra-cordenses aplicaram a forma verbal de 3PS.

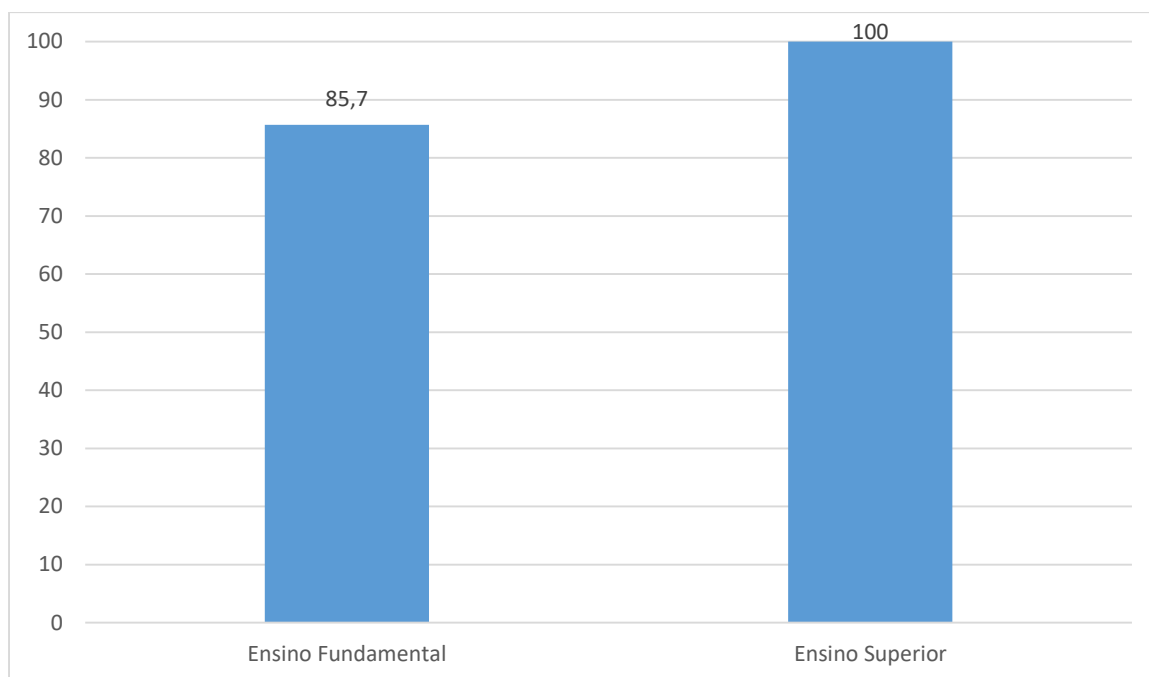
Tendo em vista que os resultados obtidos levaram em consideração os níveis fundamental e superior, decidimos realizar uma outra rodada levando em consideração apenas os falantes com ensino fundamental, isto porque, como já explicamos, os dois níveis de escolaridade são controlados apenas em São Luís.

Gráfico 19: Concordância verbal com o pronome *nós* na variável localidade / apenas o ensino fundamental



Ao compararmos os resultados, constatamos que em São Luís, mesmo considerando apenas o ensino fundamental, o percentual de uso da 1PP do plural é bastante elevado, com diferença de apenas 5,6% quando levado em consideração também o ensino superior, o que indica que a variável localidade influencia na aplicação da regra, mesmo sem a estratificação do nível de escolaridade dos falantes.

Aqui encontramos uma confirmação de que as comunidades analisadas se ajustam à concepção de comunidade de fala de Labov (2008 [1972], p. 158): "uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usem as mesmas formas; é melhor definida como um grupo que compartilhe as mesmas normas em relação à linguagem". Esse compartilhamento de normas em São Luís e em Barra do Corda diz respeito também ao uso da 1PP e da 3PS com pronome *nós*. Em São Luís, até mesmo o segmento social menos escolarizado mostrou um alto percentual de uso da 1PP, como observamos no Gráfico 20.

Gráfico 20: Concordância verbal com o pronome *nós* em São Luís/os dois níveis de escolaridade

Comparando os dois níveis de escolaridade controlados, a diferença na aplicação da regra da CV de 1PP é de 14,3 pontos percentuais, sendo 85,7% para o ensino fundamental e 100% para o ensino superior.

4.2.1.3 Tempo e modo verbal

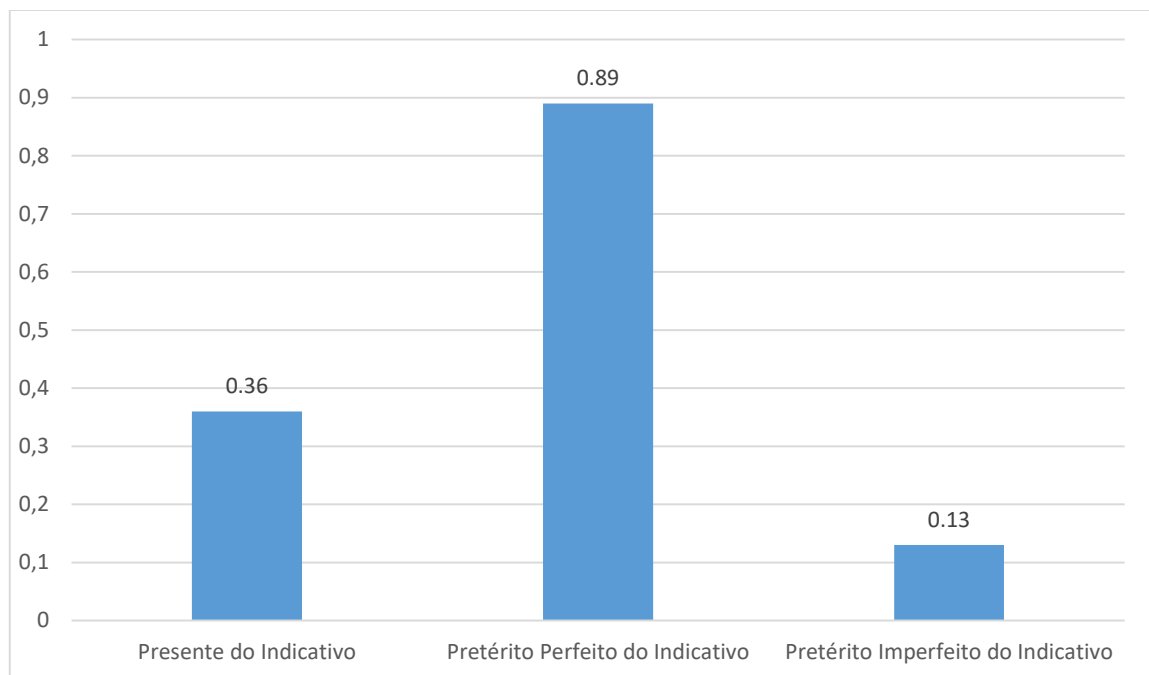
A variável tempo de modo verbal foi a última selecionada pelo programa como significativa na variação da CV com o pronome *nós*. Conforme a Tabela 11, discutimos os resultados das frequências dos fatores controlados na nossa amostra.

Tabela 11: Concordância verbal com o pronome *nós* na variável tempo e modo verbal

	COM DESINÊNCIA –MOS			SEM DESINÊNCIA Ø		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Presente do indicativo	65/106	61,3	0.36	41/106	38,7	0.64
Pretérito perfeito do indicativo	48/52	96,0	0.89	2/50	4,0	0.11
Pretérito imperfeito do indicativo	6/25	24,0	0.13	19/25	76,0	0.87
TOTAL	119/181	65,7		62/181	34,3	

De acordo com a tabela, percentualmente, vemos que os verbos em 1PP do plural apresentaram mais ocorrências nos tempos verbais presente, 61,3%, e pretérito perfeito, 96%, e o verbos em 3PS apresentaram mais ocorrências no tempo verbal pretérito imperfeito 76%.

Gráfico 21: Concordância verbal com o pronome *nós* na variável tempo e modo verbal



Quanto aos pesos relativos – que é o que de fato indica se uma variável está (des)favorecendo a ocorrência do fenômeno sob análise – estes mostram o favorecimento da desinência *–mos* no pretérito perfeito, 0.89, e o desfavorecimento no presente do indicativo, 0.36, e pretérito imperfeito, 0.13. Os resultados obtidos na fala maranhense vão ao encontro dos resultados obtidos por Foeger (2014) na fala santa-leopoldinense que também indicaram maior frequência de uso do verbo em 1PP no pretérito perfeito, 99,7%, e menores percentuais nos tempos pretérito imperfeito, 0,4%, e presente 40,4%.

O morfema *–mos*, como verificamos, aparenta estar se consolidando como marca de pretérito perfeito para desfazer a ambiguidade que há entre os verbos na 1PP nesse tempo verbal e no presente. Além disso, confirma a tendência geral no PB de evitar proparoxítonas, ou seja, ocorre o que Zilles (2006) chama de “esquiva da proparoxítone”.

Enfim, esses são os fatores que se mostraram favoráveis ao entendimento de aspectos que regem a concordância verbal de 1PP na função de sujeito no Maranhão.

A seguir, apresentamos também os fatores que não foram selecionados como relevantes.

4.2.2 Fatores não selecionados na concordância verbal com o pronome *nós*

Apesar de esses fatores não terem sido selecionados, julgamos que se faz importante apresentarmos também os resultados obtidos.

A observação da seleção proposta para a CV com o pronome *nós* mostra-se menos influenciada do que esperávamos pelos grupos de fatores sociais, já que apenas a localidade foi selecionada. Para esse fenômeno, vemos a maior influência dos grupos de fatores linguísticos, com a seleção de dois, dos cinco considerados.

Os grupos de fatores não relevantes para a análise foram sexo, faixa etária, tipo de referência, preenchimento do sujeito e paralelismo linguístico.

Tabela 12: Fatores que não foram significativos na análise da concordância verbal com o pronome *nós*

Variáveis	COM DESINÊNCIA –MOS		SEM DESINÊNCIA Ø	
	Aplic./N	%	Aplic./N	%
Sexo				
Homem	76/111	68,5	35/111	31,5
Mulher	44/74	59,5	30/74	40,5
Total	120/185	64,9	65/185	35,1
Faixa Etária				
18 a 30 anos	58/102	56,9	44/102	43,1
50 a 65 anos	62/83	74,7	23/83	25,3
Total	120/185	64,9	65/185	35,1
Tipo de Referência				
Genérica e indefinida	8/12	66,7	4/12	33,3
Genérica e definida	22/47	46,8	25/47	53,2
Específica e definida	69/103	67,0	34/103	33,0
Discurso reportado específico	16/18	88,9	02/18	11,1
Total	115/180	63,9	65/180	36,1
Preenchimento do sujeito				
Sujeito preenchido	68/113	60,2	45/113	39,8
Sujeito não preenchido	52/72	72,2	20/72	27,8
Total	120/185	64,9	65/185	35,1
Paralelismo linguístico				
Realização isolada	14/33	42,4	19/33	57,6

Primeiro da série	37/50	74,0	13/50	26,0
Verbo anterior em 1PP	55/85	64,7	30/85	35,3
Verbo anterior em 3PS	14/17	82,4	03/17	17,6
Total	120/185	64,9	65/185	35,1

4.2.2.1 Concordância verbal com o pronome *nós* na variável sexo

Almeida (1995), ao tratar sobre a variável *sexo*, afirma que as mulheres tendem a usar formas linguísticas socialmente aceitas, rejeitando as formas estigmatizadas de forma muito mais acentuada do que os homens o fazem.

Labov (1992) firma que, no caso de mudanças conscientes, introduzidas na comunidade como um resultado da influência de uma norma de maior prestígio, as mulheres lideram o uso de formas inovadoras. Porém, quando as mudanças introduzidas são naturais, inconscientes, a liderança das mulheres é menos categórica.

Ainda, para Labov (2001) quando desvios linguísticos são abertamente condenados, mulheres realizam-nos menos que homens; quando os desvios não são condenados, mulheres realizam-nos mais que os homens. Isso significa que a afirmação de que as mulheres têm uma tendência mais conservadora em relação ao uso de formas linguísticas sem prestígio social e que os homens, ao contrário, apresentam uma tendência mais inovadora em relação ao uso de formas desprestigiadas, não é comprovada por nossos resultados.

4.2.2.2 Concordância verbal com o pronome *nós* na variável faixa etária

É importante observarmos aqui que as frequências de uso entre as faixas etárias não oscilam muito, por isso não foi selecionada pelo programa. No entanto, os percentuais indicam um maior uso da concordância na segunda faixa etária, 74,7%, enquanto a primeira apresenta percentual de 56,9% de concordância.

Foeger (2014) observou esta mesma tendência na fala leopoldinense. Numa escala gradual de realização da concordância, a faixa etária mais idosa apresentou maior percentual de uso da desinência de 1PP do que as faixas etárias mais jovens. Resultado semelhante foi descrito por Mattos (2013) na fala goiana, enquanto a faixa etária de 41 a 86 apresentou percentual de 94% de uso da concordância, as faixas etárias de 25 a 40 anos e 16 a 24 anos apresentaram 87% e 65%, respectivamente.

Apesar de os nossos dados mostrarem um uso bastante acentuado da não-concordância na primeira faixa etária, não podemos afirmar a existência de uma mudança em progresso em direção à perda da concordância, uma vez que a análise dessa variável tem como base apenas dados percentuais.

4.2.2.3 Concordância verbal com o pronome *nós* na variável tipo de referência

Verificamos que o tipo de referência que mais favorece a CV na fala maranhense é o discurso reportado específico, com 88,9%. Há que se ressaltar, porém, que essas ocorrências são pouco numerosas, apenas 12.

Verificamos que o único tipo de referência que não favorece a concordância é a referência genérica e definida, com percentual de 46,8%. O resultado obtido para este fator se aproxima do resultado encontrado por Foeger (2014) em Santa Leopoldina, que foi 45,6%, porém, ao comparar os outros fatores percebemos que há um certo distanciamento. Enquanto na fala maranhense a referência específica e definida apresentou percentual de 67%, na fala leopoldinense o percentual foi de 50,5%. O mesmo acontece em relação a referência genérica e indefinida, na fala maranhense verificamos 66,7% de ocorrências, bem abaixo do que foi verificado em Santa Leopoldina, 91,7%.

De acordo com Rubio (2012) esta variável não foi relevante na CV de 1PP com pronome *nós* no português falado no interior paulista, uma vez que os percentuais não apresentaram diferença significativa entre si, se mantendo entre 84% e 86% para todos os fatores.

4.2.2.4 Concordância verbal com o pronome *nós* na variável preenchimento do sujeito

O controle do preenchimento do sujeito foi proposto com base na premissa de que sujeitos não preenchidos ou desinenciais apresentam maior frequência de verbos com marcas de 1PP, visto serem essas marcas não redundantes, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito (BORTONI-RICARDO, 1985).

Não observamos diferenças percentuais tão significativas entre os fatores sujeito preenchido e sujeito não-preenchido, 60,2% e 72,2%, respectivamente. Contudo a diferença percentual entre as categorias demonstra maior influência do fator sujeito não-preenchido no emprego de verbo com desinência de 1PP.

Esses resultados vão ao encontro dos resultados encontrados por Rubio (2012) na fala paulistana. De acordo com o autor, a maior tendência de uso de formas de 1PP se dá devido à

ausência do sujeito formal na oração do verbo, que torna a desinência verbal não redundante, diferentemente do que ocorre nos contextos em que o sujeito se realiza formalmente, na própria oração do verbo, por meio de um pronome pessoal.

4.2.2.5 Concordância verbal com o pronome *nós* na variável paralelismo linguístico

De acordo com Naro e Scherre (1993), marcas de 1PP nos verbos de orações anteriores levam à aplicação de marcas de 1PP nos verbos da oração em análise (princípio de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros) e, ainda, de que o emprego de marcas de 3PS no verbo da oração anterior leva ao maior uso de verbos com marca de 3PS na oração em análise.

Os resultados encontrados na fala maranhense mostram que a realização isolada favorece o verbo em 3PS, 57,6%, enquanto todos os outros fatores favorecem o uso do verbo em 1PP. O fator primeiro da série apresentou 74% de frequência, verbo anterior em 1PP, 64,7%, e verbo anterior em 3PS, 82,4%.

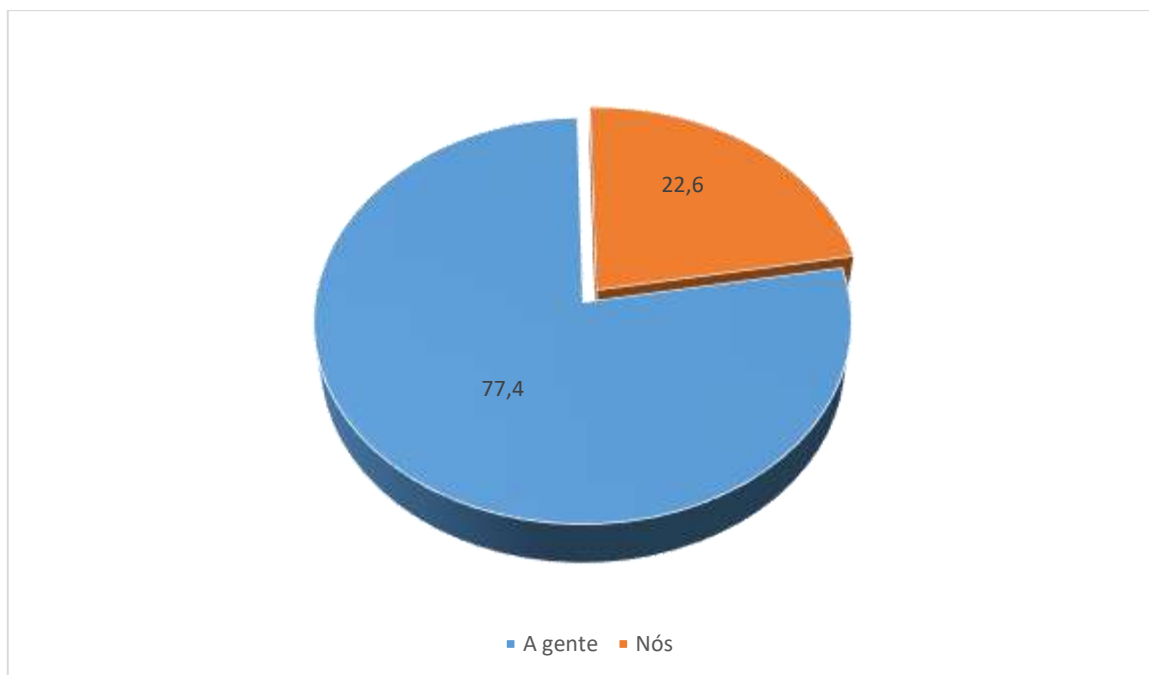
As frequências dos dois últimos fatores se apresentaram um pouco diferentes do que imaginávamos encontrar, esperámos que o verbo anterior em 1PP fosse apresentar mais ocorrências do que o verbo em 3PS.

4.3 *Nós e a gente* em São Luís: o intervalo entre duas décadas

Nesta seção fazemos uma comparação entre os resultados obtidos por Ramos (1996) e os resultados obtidos em nossa pesquisa no que diz respeito à alternância dos pronomes *nós* e *a gente* tendo como base apenas o *corpus* da comunidade de fala ludovicense.

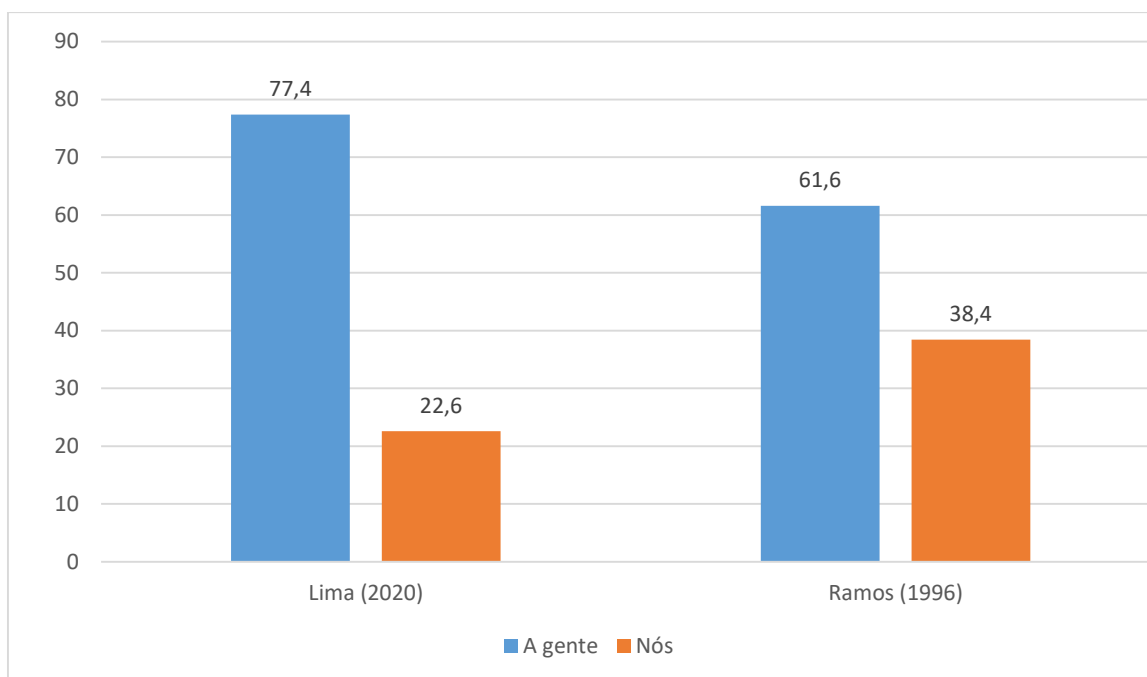
Em São Luís, obtivemos um total de 407 ocorrências, sendo 315 de *a gente* e 92 de *nós*, com dados percentuais apresentados no Gráfico 22.

Gráfico 22: Distribuição do uso de *nós* e *a gente* em São Luís



Ao levarmos em consideração apenas os dados de São Luís, a tendência à preferência pelo pronome *a gente* se mantém e, mais que isso, apresenta um aumento de 6,4% do pronome inovador em comparação com o nosso resultado geral que foi de 71%.

Ramos (1996) observou na fala ludovicense 253 ocorrências do pronome de 1PP, sendo 97 ocorrências do pronome *nós* e 156 do *a gente*, desse modo, ao compararmos os percentuais dos dois estudos, temos o seguinte resultado:

Gráfico 23: Distribuição do uso de *nós* e *a gente* em São Luís em 1996 e em 2020

Ramos (1996); Lima (2020)

As duas amostras estão separadas por um lapso temporal de um pouco mais de duas décadas e representa 15,8% de aumento do pronome inovador na fala ludovicense. Grosso modo, poderíamos apontar, considerando apenas a diferenciação de uso do *nós* e o *a gente* ao longo do tempo, um decrescente efeito da orientação da instituição escolar visando ao uso do pronome *nós* como única forma legítima, sendo que muitas vezes o próprio professor usa o pronome *a gente*. Poderíamos apontar também que, pelo fato de o pronome *a gente* não ser estigmatizado, ele tenha se tornado cada vez mais recorrente na fala, e de acordo com Lopes (1993) e Zilles (2007), até mesmo entre os falantes considerados cultos.

Convém considerar, ainda, que para além da atuação da escola há também a atuação dos meios de comunicação, em que apresentadores, locutores, utilizam o *a gente* buscando uma proximidade maior com o público e menor grau de formalidade.

Sousa (2020), ao analisar o fenômeno variável na fala ludovicense, encontrou o percentual de 82,4%, um valor bem próximo ao que foi registrado em nosso estudo, indicando também um aumento de uso do pronome inovador. A partir destes resultados, afirmamos que o pronome *nós* vem sofrendo um processo de substituição pelo pronome *a gente* caminhando para uma mudança linguística.

Para Nascimento (2013), essa queda no uso do *nós* pode ser relacionada à redução nos paradigmas flexionais no português do Brasil. Constatação também presente nos trabalhos de Lopes (1993), Monteiro (1991) e Menon (1995).

Descrevendo de uma forma mais detalhada os resultados obtidos em nossa pesquisa para a cidade de São Luís, numa primeira rodada com todos os fatores verificamos nocautes em três grupos, sendo eles: paralelismo linguístico, tempo e modo verbal, e saliência fônica. Eliminamos os fatores que apresentaram nocautes e realizamos nova rodada verificando também os pesos relativos para cada uma das variáveis consideradas.

Ao verificarmos a significância das variáveis na variação dos pronomes de 1PP do plural em São Luís, seis variáveis mostraram-se significativas e duas variáveis mostraram-se não significativas. Por ordem de significância, entre as condicionadoras, temos a saliência fônica, o paralelismo linguístico, o preenchimento do sujeito, o tipo de referência, a faixa etária e o sexo do falante.

Tabela 13: *Nós e a gente* em São Luís fatores selecionados

Variáveis	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Saliência fônica						
Nível 1	84/91	92,3	0.79	7/91	7,7	0.21
Nível 2	112/121	92,6	0.68	9/121	7,4	0.32
Nível 3	51/70	72,9	0.31	19/70	27,1	0.69
Nível 4	40/67	59,7	0.28	27/67	40,3	0.72
Nível 5	21/50	42,0	0.12	29/50	58,0	0.88
Nível 6	6/7	85,7	0.25	1/7	14,3	0.75
Total	314/406	77,3		92/406	22,7	
Paralelismo linguístico						
Realização isolada	74/89	83,1	0.52	15/89	16,9	0.48
Primeiro da série	55/80	68,8	0.32	25/80	31,2	0.68
Não primeiro da série precedido de <i>nós</i> explícito	16/29	55,2	0.45	13/29	44,8	0.55
Não primeiro da série precedido de <i>nós</i> implícito	7/33	21,2	0.12	26/33	78,8	0.88
Não primeiro da série precedido de <i>a gente</i> explícito	118/131	90,1	0.70	13/131	9,9	0.30

Total	270/362	74,6		92/362	25,4	
Preenchimento do sujeito						
Sujeito preenchido	259/309	83,8	0.59	50/309	16,2	0.41
Sujeito não preenchido	56/98	57,1	0.23	42/98	22,6	0.77
Total	315/407	77,4		92/407	22,6	
Tipo de referência						
Genérica e indefinida	119/125	95,2	0.77	6/125	4,8	0.23
Genérica e definida	89/114	78,1	0.34	25/114	21,9	0.66
Específica e definida	99/145	68,3	0.43	46/145	31,7	0.57
Discurso reportado genérico	6/11	54,5	0.19	5/11	45,5	0.81
Discurso reportado específico	2/12	16,7	0.07	10/12	83,3	0.93
Total	315/407	77,4		92/407	22,6	
Faixa etária						
18 a 30 anos	129/166	77,7	0.67	37/166	22,3	0.33
50 a 65 anos	186/241	77,2	0.37	55/241	22,8	0.63
Total	315/407	77,4		92/407	22,6	
Sexo						
Homem	205/274	74,8	0.43	69/274	25,2	0.57
Mulher	110/133	82,7	0.63	23/133	17,3	0.37
Total	315/407	77,4		92/407	22,6	

E os fatores não relevantes foram a escolaridade e o tempo e modo verbal.

Tabela 14: Nós e a gente em São Luís fatores não selecionados

	A GENTE			NÓS		
Variáveis	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Escolaridade						
Ensino Fundamental	119/175	68,0	-	56/175	32,0	-
Ensino Superior	196/232	84,5	-	36/232	15,0	-
Total	315/407	77,4		92/407	22,6	
Tempo e modo verbal						
Presente do indicativo	195/246	79,3	-	51/246	20,7	-
Pretérito perfeito do indicativo	27/60	45,0	-	33,60	55,0	-

Pretérito imperfeito do indicativo	84/91	92,3	-	7/91	7,7	-
Futuro do subjuntivo	1/2	50,0	-	1/2	50,0	-
Total	307/399	76,9		92/399	23,1	

Com o objetivo de apenas verificar como está acontecendo a variação dos pronomes de 1PP na fala ludovicense e as diferenças ocorridas ao longo de duas décadas, teceremos apenas alguns comentários sem a intenção de nos aprofundarmos na discussão de cada uma das variáveis.

Assim como na rodada geral, a variável tempo e modo verbal não se mostrou significativa na aplicação da regra, isso indica que, tanto restritamente quanto no conjunto mais amplo, este grupo de fatores não é um dos condicionantes da variação dos pronomes de 1PP na fala maranhense.

De acordo com Ramos (1996), em seu estudo, a escolaridade também não se mostrou um fator significativo para a alternância pronominal, o que indica que, na fala ludovicense, as variáveis sociais faixa etária e sexo são as condicionadoras da variação dos pronomes de 1PP. Apesar de este fator não ter sido selecionado pelo programa, os percentuais indicam que há uma tendência maior de uso do pronome *a gente* no ensino superior, considerando que existe uma diferença de 16% entre os dois grupos de fatores.

Um fator de destaque observado pela pesquisadora foi a faixa etária. Considerando as quatro faixas etárias analisadas, da mais jovem para a mais idosa, os percentuais de *a gente* se dão quase de forma decrescente, sendo registrado 93,9% na faixa etária de 13 a 15 anos, 31,6% na faixa etária de 16 a 25 anos, 51,7% na faixa etária de 26 a 55 anos e 44,4% na faixa etária de acima de 55 anos.

Apesar de não haver uma equivalência em relação as faixas etárias analisadas por Ramos e as faixas etárias analisadas por nós, ambos os estudos apontam para a ocorrência de percentual mais alto de *a gente* na faixa etária mais jovem. No entanto, há um desencontro quanto à frequência de uso do pronome *nós*. Em Ramos (1996) este percentual é maior em uma das faixas intermediárias e não na faixa etária mais idosa, ainda que esta apresente também alta frequência do pronome *nós*.

No que diz respeito a fatores linguísticos, a autora destaca que determinados ambientes favorecem uma ou a outra forma, sendo que a determinação do sujeito funciona como ponto de apoio na hora de seleção do *nós* e a indeterminação, por sua vez, como ponto de apoio para seleção do *a gente*.

4.3.2 Breve discussão sobre a variável escolaridade

Autores como Omena (1996), Lopes (1996), Nascimento (2013), Santana (2014), entre outros, têm apontado a escolaridade como uma das variáveis mais relevantes para o estudo da alternância dos pronomes de 1PP.

Como explicado anteriormente, a variável escolaridade não foi selecionada pelo programa como significativa quando controlados todos os fatores (linguísticos e sociais), com isso decidimos realizar uma rodada específica controlando apenas os fatores sociais sexo, escolaridade e faixa etária na tentativa de obter pesos relativos e aprofundarmos um pouco mais a discussão sobre esta variável na fala maranhense.

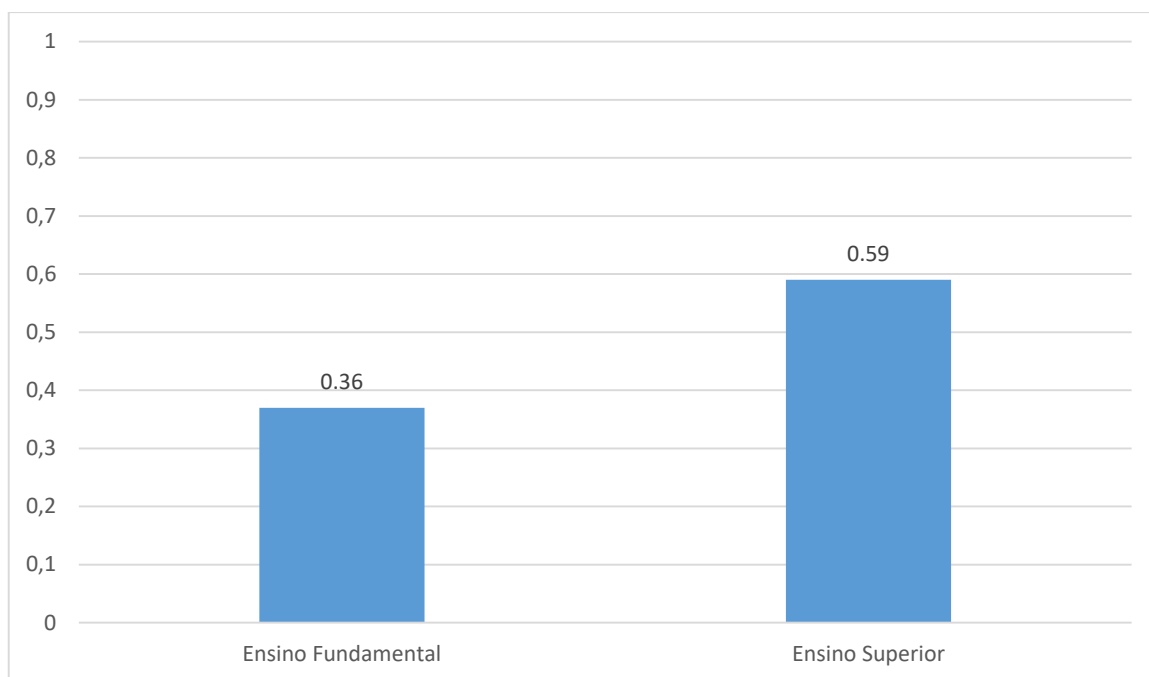
Neste estudo consideramos apenas dois níveis de escolaridade: até 6ª série do ensino fundamental e ensino superior. Ao avaliarmos os dados percentuais, eles coincidem fortemente com os resultados obtidos por Silva (2013) na comunidade rio-branquense. A autora observou o percentual de 67% do pronome *a gente* no ensino fundamental e 84% deste mesmo pronome no ensino superior. Na nossa pesquisa, os números foram de 68% para o ensino fundamental e 84,5% para o ensino superior.

Tabela 15: *Nós e a gente* na variável escolaridade

	A GENTE			NÓS		
	N	%	P.R	N	%	P.R
Ensino Fundamental	119/175	68,0	0.36	56/175	32,0	0.64
Ensino Superior	196/232	84,5	0.59	36/232	15,0	0.44
TOTAL	315/407	77,4		92/407	22,6	

Neste estudo os resultados percentuais apontam que o pronome inovador é mais o usado independentemente do nível de escolaridade, sendo mais frequente no ensino superior. Este resultado nos sugere, portanto, que na comunidade maranhense a escola não atua no sentido de estimular o uso de *nós* ou de barrar o uso de *a gente*.

A hipótese apresentada para o fenômeno variável é de que informantes com mais anos de escolarização apresentam maior tendência ao uso da forma canônica devido ao seu aspecto mais formal, e que os informantes com menos anos de escolarização apresentam maior tendência ao uso do pronome inovador. No entanto, como pode ser observado na Tabela 9 e no Gráfico 24, nossa hipótese não se confirmou.

Gráfico 24: Peso relativo de *a gente* na variável escolaridade

Omena (1996) e Bueno (1996) em suas pesquisas, atestaram que os falantes mais escolarizados fazem maior uso da forma *nós*. No entanto, os resultados da nossa pesquisa vão em direção contrária, assemelhando-se aos resultados obtidos por Mendonça (2010) que indicaram o favorecimento do pronome inovador pelos falantes com ensino superior e o desfavorecimento deste pelos falantes com ensino fundamental.

Apesar de ambos os fatores apresentarem um alto percentual do pronome inovador, o peso relativo indica o favorecimento do pronome *a gente* no ensino superior, 0.59, e o desfavorecimento no ensino fundamental, 0.37. A partir destes resultados, constatamos que, na fala maranhense, à medida que aumenta o nível de escolaridade, aumenta-se também o número de aplicação de *a gente*.

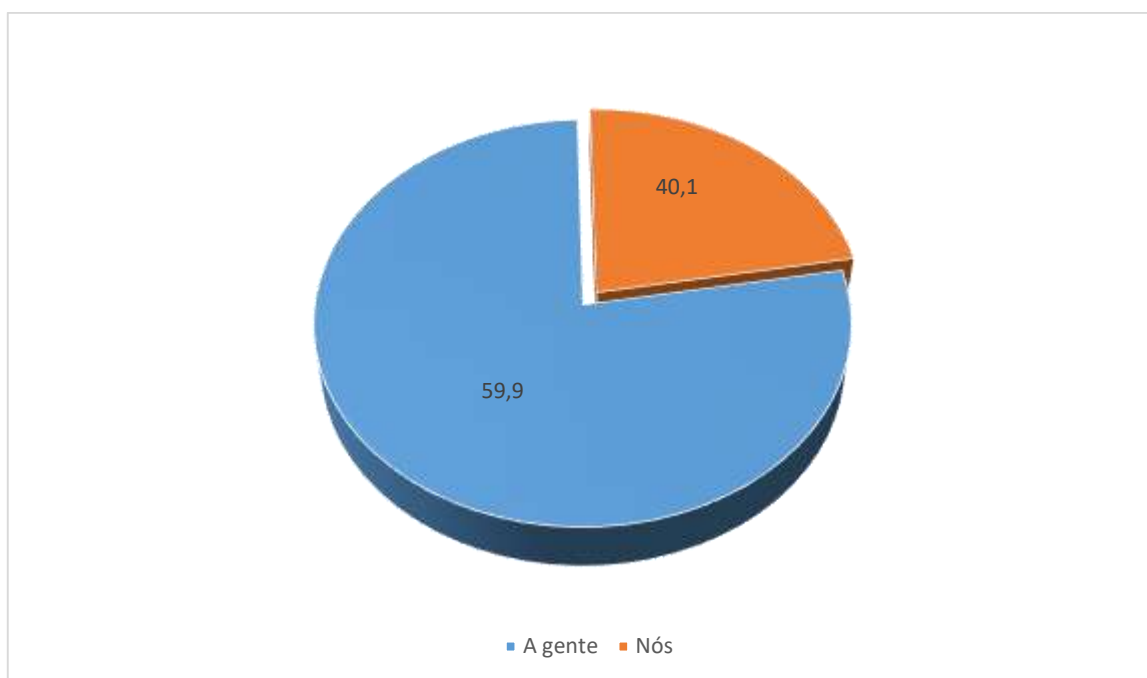
4.4 O contraste interior *versus* capital

Com o intuito de verificar detalhadamente como está ocorrendo a variação dos pronomes de 1PP em Barra do Corda, identificar quais são as variáveis condicionadoras da alternância pronominal, bem como comparar estes resultados com os obtidos em São Luís, realizamos também uma análise específica com os dados de Barra do Corda.

Em Barra do Corda controlamos as variáveis sexo, faixa etária, preenchimento do sujeito, paralelismo linguístico, tipo de referência, tempo e modo verbal e saliência fônica. O número de ocorrências foi de 232, sendo 139 de *a gente* e 93 % de *nós*.

Notamos uma diferença bastante acentuada dos percentuais quando comparamos com as frequências de uso dos pronomes em São Luís. O pronome *nós*, em Barra do Corda, foi quase o dobro do registrado em São Luís.

Gráfico 25: Distribuição do uso de *nós* e *a gente* em Barra do Corda



Na primeira rodada, observamos nocautes em três grupos. Os fatores foram: nível 7 da variável saliência fônica, formas do gerúndio e particípio da variável tempo e modo verbal e não primeiro da série precedido de *a gente* implícito da variável paralelismo linguístico.

Destes fatores, o fator não primeiro da série precedido de *a gente* implícito, formas do gerúndio e particípio e nível 7 de saliência fônica, apresentaram nocautes nas duas comunidades de fala. Ainda, em São Luís, apresentaram nocautes também os fatores infinitivo, futuro do pretérito e presente do subjuntivo, pertencentes à variável tempo e modo verbal.

É importante destacarmos que, em Barra do Corda, não houve ocorrências dos pronomes no discurso reportado genérico e nem nos tempos verbais futuro do pretérito e presente do subjuntivo, e que em São Luís as ocorrências pronominais nos dois tempos verbais foram de *a gente*.

Das variáveis analisadas, os grupos de fatores selecionados como relevantes na variação pronominal em Barra do Corda foram tipo de referência, faixa etária, paralelismo linguístico e sexo.

Tabela 16: Nós e a gente em Barra do Corda fatores selecionados

Variáveis	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Tipo de referência						
Genérica e indefinida	84/90	93,3	0.93	6/90	6,7	0.07
Genérica e definida	36/58	62,1	0.26	22/58	37,9	0.74
Específica e definida	16/73	21,9	0.08	57/73	78,1	0.92
Discurso reportado específico	3/11	27,3	0.23	8/11	72,7	0.77
Total	139/232	59,9		93/232	40,1	
Faixa etária						
18 a 30 anos	25/90	27,8	0.15	65/90	72,2	0.85
50 a 65 anos	114/142	80,3	0.74	28/142	19,7	0.26
Total	139/232	59,9		93/232	40,1	
Paralelismo linguístico						
Realização isolada	38/56	67,9	0.34	18/56	32,1	0.66
Primeiro da série	31/56	55,4	0.46	25/56	44,6	0.54
Não primeiro da série precedido de nós explícito	6/34	17,6	0.36	28/34	82,4	0.64
Não primeiro da série precedido de nós implícito	2/20	10	0.22	18/20	90	0.78
Não primeiro da série precedido de a gente explícito	55/59	93,2	0.91	4/59	6,8	0.09
Total	132/225	58,7		93/225	41,3	
Sexo						
Homem	92/134	68,7	0.66	42/134	31,3	0.44
Mulher	47/98	48	0.28	51/98	52	0.72
Total	139/232	59,9		93/232	40,1	

Os fatores não relevantes indicados pelo programa foram preenchimento do sujeito, tempo e modo verbal e saliência fônica.

Tabela 17: *Nós e a gente* em Barra do Corda fatores não selecionados

Variáveis	A GENTE			NÓS		
	Aplic./N	%	P.R	Aplic./N	%	P.R
Preenchimento do sujeito						
Sujeito preenchido	119/182	65,4	-	63/182	34,6	-
Sujeito não preenchido	20/50	40	-	30/50	60	-
Total	139/232	59,9		93/232	40,1	
Tempo e modo verbal						
Presente do indicativo	110/165	66,7	-	55/165	33,3	-
Pretérito perfeito do indicativo	9/28	34,6	-	17/26	65,4	-
Pretérito imperfeito do indicativo	13/31	41,9	-	18/31	58,1	-
Infinitivo	4/7	57,1	-	3/7	42,9	-
Total	136/229	59,4		93/229	40,6	
Saliência fônica						
Nível 1	13/31	41,9	-	18/31	58,1	-
Nível 2	66/96	68,8	-	30/96	31,2	-
Nível 3	31/42	73,8	-	11/42	26,2	-
Nível 4	16/33	48,5	-	17/33	51,5	-
Nível 5	5/19	26,3	-	14/19	73,7	-
Nível 6	4/7	57,1	-	3/4	42,9	-
Total	135/228	59,2		93/228	40,8	

Comparando os resultados de São Luís e de Barra do Corda, os grupos de fatores que se mostraram significativos em ambas as comunidades foram o paralelismo linguístico, o tipo de referência, a faixa etária e o sexo.

Destas variáveis, o tipo de referência foi a única variável em que o favorecimento dos pronomes se deu de forma equivalente em todos os fatores entre as duas comunidades, sendo a referencialidade genérica e indefinida o único fator favorecedor de *a gente*.

O paralelismo linguístico também apresentou resultados bastante parecidos, porém o fator realização isolada se apresentou divergente entre as duas localidades. Em Barra do Corda este fator foi favorecedor do pronome *nós* e, em São Luís, foi favorecedor do *a gente*.

Em relação às variáveis faixa etária e sexo, ambas se mostraram bem diferentes na comparação das comunidades de fala. Em Barra do Corda a faixa etária de 18 a 30 anos foi

favorecedora do pronome *a gente* e em São Luís esta faixa etária favoreceu o pronome *nós*. As mulheres, na capital, foram favorecedoras do *a gente*, e no interior, foram favorecedoras do *nós*.

A partir das variáveis selecionadas, constatamos que os fatores linguísticos são condicionadores dos pronomes basicamente da mesma forma nas duas comunidades. Os fatores sociais, no entanto, mostraram-se bastante divergentes, indicando que é através deles que se dão as diferenças na alternância pronominal entre São Luís e em Barra do Corda. Ou seja, os resultados obtidos apontam semelhanças e diferenças importantes nas duas comunidades de fala maranhenses, que as aproximam e as individualizam

Labov (2008 [1972]) afirma que não é correta a generalização de que as mulheres estejam na vanguarda da mudança linguística, e sim que as diferenças relacionadas a gênero têm um papel importante no mecanismo da evolução. Essas diferenças, portanto, podem ser analisadas a partir destas duas localidades. Em termos de alternância dos pronomes de 1PP, em São Luís as mulheres lideram o uso do *a gente* e da mesma forma, nesta comunidade, a faixa etária mais jovem lidera o uso do pronome inovador. Em Barra do Corda, as mulheres favorecem o uso pronome *nós* e a faixa etária mais jovem é também favorecedora do pronome canônico, ou seja, acontece o inverso.

Podemos dizer, portanto, que essas variáveis agem em conjunto nas comunidades maranhenses e quando as mulheres favorecem determinada variante esta será também favorecida na faixa etária mais jovem. Isso pode estar relacionado ao papel desempenhado pelas mulheres no núcleo familiar e social, por passarem mais tempo com os filhos, por, geralmente, terem maior responsabilidade na educação destes, eles acabam reproduzindo as variantes que estão mais presentes no seu cotidiano.

Acrescentamos, também, conforme já observado por Labov (2001), Eckert (1998), e Guy e Zilles (2007), que as mudanças implementadas pelas mulheres seriam mais rapidamente aceitas na comunidade. Isso é perfeitamente aceitável na nossa pesquisa, pois, apesar de o pronome *a gente* ter apresentado um pouco mais de ocorrências na fala barra-cordense do que o pronome *nós*, os falantes mais jovens se mostraram mais conservadores manifestando a mesma característica linguística apresentada pelas mulheres. Ainda, a tendência de os mais jovens acompanharem a fala das mulheres se estendeu também comunidade de fala ludovicense.

Um fator que nos chamou bastante atenção relacionado às diferenças linguísticas entre as duas comunidades foi o uso da concordância verbal com o pronome *nós*. Constatamos que em São Luís, dos oito informantes, apenas um informante utilizou verbos em 1PP e em 3PS com pronome *nós* e todos os outros usaram o pronome *nós* com o verbo em 1PP. Por outro lado,

todos os informantes barra-cordenses apresentaram variação na aplicação da regra de CV, como mostra a Tabela 18.

Tabela 18: Concordância verbal com o pronome *nós* por informante

		COM DESINÊNCIA –MOS		SEM DESINÊNCIA Ø	
		Aplic./N	%	Aplic./N	%
SÃO LUÍS	Informante 1	20	100	0	0
	Informante 2	1	100	0	0
	Informante 3	22	73,3	8	26,7
	Informante 4	5	100	0	0
	Informante 5	11	100	0	0
	Informante 6	5	100	0	0
	Informante 7	7	100	0	0
	Informante 8	13	100	0	0
BARRA DO CORDA	Informante 9	11	33,3	22	66,7
	Informante 10	10	31,2	22	68,8
	Informante 11	04	44,4	5	55,6
	Informante 12	11	57,9	8	42,1

Para debatermos sobre esta questão, na tentativa de explicar as diferenças no que diz respeito à concordância verbal de 1PP na fala maranhense, recorremos ao que Bortoni-Ricardo (2011) classifica como variedade *rurbana*, tendo em vista a constituição social da população de Barra do Corda. Bortoni-Ricardo denomina de *rurbanas* as comunidades urbanas de periferia onde predomina forte influência rural na cultura e na língua. São rotulados como falantes de uma variedade urbana os oriundos de zona rural que, após a migração, mantêm traços culturais originais.

Traços linguísticos recorrentes na fala barra-cordense que não foram observados em São Luís, por exemplo, foi a mudança da vogal temática (/a/ > /e/) nos pretéritos da primeira conjugação, como mostram os exemplo (55) e (56)

(55) – *Nóis achemo lá perdida, lá. Cum franguin ainda. É porque eleh bota lá em toda incruziada, a gente ia assim a gente via. Uma panela ali de coisa ali e o lito lá perto.*

(inf. 09, hom, 18 a 30, ens. Fund, bdc)

(56) – *Aí ele mandô um áudio: porque que tu tá diferente cumigo? Desde a hora que **nós cumecemos** cunversá que tu num disse que me ama.*

(inf. 10, mul, 18 a 30, ens. fund, sls)

Conforme as análises ao longo do trabalho, percebemos que o sistema flexional em pronomes e nos verbos apresenta múltiplas possibilidades de variação na fala maranhense. Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 24), estas variações dependem de fatores diversos, tais como “a mobilidade geográfica, o grau de instrução, a exposição aos meios de comunicação de massa, bem como a outras agências implementadoras da norma culta e urbana, ao gênero, grupo etário, mercado de trabalho do falante, etc.”

O fato de não termos encontrado esse tipo de variação entre os falantes ludovicenses, nem mesmo entre os menos escolarizados, nos permite afirmar que, na fala maranhense não se trata de uma variação determinada pelo grau de instrução do falante. Com isso, acreditamos que dentre os fatores elencados, a variação da vogal temática está relacionada diretamente à mobilidade geográfica, uma vez que foi observada especificamente na fala barra-cordense. Essas diferenças, portanto, tendem a se conservar devido ao acesso limitado da escolarização, pois “a escola é uma força corretiva e unificadora da língua” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 23).

Outro tipo de variação encontrada também na fala maranhense, referente às formas do presente e do pretérito, foi o uso da variante /mo/ em oposição ao /-mos/. Quanto a esta, ela foi encontrada nas duas comunidades, ocorrendo, predominantemente, entre os falantes menos escolarizados da nossa pesquisa.

(57) – *É, **consequimo** ensinu médio, **nós perdemo** a eleição pra presidente, que eu... rapaz era candidato a presidente e eu era vice, **nós perdemo** a eleição.*

(inf. 03, hom, 50 a 65, ens. fund, sls)

(58) – *Aí eu sai mah meu minino no dia dois de janêro, quando **nóis chegamo** bem qui, saino bem qui nessa isquina que tem ali, quem vem do... ali do caic, saino bem li, aí na hora que **nóis saimo** eu digo: ô neném, o tanto de gente aculá. Aí ele disse: mãe, aculá aconteceu uma coisa.*

(inf. 12, mul, 50 a 65, ens. fund, sls)

Essas diferenças mostram que existem características linguísticas que tornam as comunidades semelhantes e características que as tornam diferentes. A mudança da vogal temática (/a/ > /e/) foi um fator de diferenciação entre São Luís e Barra do Corda, e o uso da variante /mo/ no lugar do /-mos/ foi um fator de aproximação das duas comunidades, caracterizada especificamente pela escolarização dos falantes.

Scherre (2005) explica que para o entendimento do fenômeno da falta de concordância de pessoa gramatical entre o verbo e o sujeito as variáveis sociais são importantes, sobretudo, o grau de escolaridade e o contraste rural-urbano. Esta afirmação se confirma na nossa pesquisa, pois a ausência de concordância com o pronome *nós* foi encontrada apenas entre os falantes menos escolarizados, e com maior frequência em Barra do Corda. Como já explicamos, os nossos informantes barra-cordenses têm raízes em comunidades rurais, e esta é uma característica bastante comum nesta comunidade de fala que se estende a grande parte da população de Barra do Corda.

CONSIDERAÇÕES

Este estudo sobre a primeira pessoa do plural no Maranhão, baseado numa amostra de fala de 12 informantes, 6 homens e 6 mulheres, investigou, a partir das bases teóricas e metodológicas da variação laboviana, fatores linguísticos e sociais fundamentais na compreensão da alternância de uso das formas pronominais *nós* e *a gente* e da concordância verbal com o pronome *nós*.

A partir dos resultados estatísticos fornecidos pelo programa computacional GoldVarbX, obtivemos as seguintes constatações em nosso estudo: no *corpus* constituído por 12 inquéritos com base nos questionários semântico-lexical, morfossintático, produção de questões de pragmática e de discursos semidirigidos levantamos o total de 639 dados referentes à primeira pessoa do plural nas comunidades de fala maranhenses investigadas, Barra Corda e São Luís. Com estes dados verificamos que nossa hipótese inicial foi refutada, pois, ao contrário do que supúnhamos, constatamos uma preferência bastante elevada para o uso do pronome *a gente*, 554 ocorrências, que corresponde a 71% dos dados; e para a forma *nós*, 185 ocorrências, que corresponde a 29%.

Foram propostas as seguintes variáveis: (i) faixa etária; (ii) sexo do falante; (iii) localidade; (iv) escolaridade; (v) preenchimento do sujeito; (vi) tipo de referência; (vii) paralelismo linguístico; (viii) tempo e modo verbal; e (ix) saliência fônica. Analisamos também a concordância verbal como variável dependente, sendo esta observada apenas com o pronome *nós*, e realizamos uma rodada específica para a variável escolaridade.

Em relação à análise da alternância pronominal, dos grupos de fatores apresentados, o programa das regras variáveis selecionou os seguintes: (i) paralelismo linguístico; (ii) tipo de referência; (iii) preenchimento do sujeito; (iv) localidade; (v) saliência fônica; e (vi) faixa etária. Os grupos não selecionados como estatisticamente relevantes foram (i) sexo; e (ii) tempo e modo verbal.

A análise do processo de variação e mudança em torno da utilização das formas pronominais de 1PP no PB, proposta nesse trabalho, delineou várias evidências, a partir de percentuais e pesos relativos estatisticamente significativos, que possibilitam constatações relevantes sobre a dinâmica desse processo. Em síntese, destacamos as tendências evidenciadas pelos grupos de variáveis selecionadas pelo programa GoldVarbX:

i) O Paralelismo formal foi analisado para verificar a hipótese de que o falante repete uma mesma variável dependente em uma dada sequência discursiva. Os resultados indicam que a escolha de uma forma pronominal determina a escolha das formas pronominais seguintes,

seja ela marcada ou não marcada. A pesquisa mostra que há uma clara tendência da manutenção do paralelismo linguístico: *a gente* leva a *a gente*, e *nós* leva a *nós*, independentemente da explicitude da variante.

ii) Em relação ao nível de referência, tanto o *a gente* quanto o *nós* assumiram algum grau de referencialidade genérica e específica. No entanto, identificamos uma grande tendência de uso do pronome *a gente* para se reportar a sujeitos do tipo genérico e indefinido, em que o pronome remete a qualquer pessoa/todo mundo. Por outro lado, os resultados para os sujeitos do tipo ‘genérico e definido’ e ‘específico e definido’ apresentaram maior tendência de uso da forma pronominal *nós*. Na análise dos dados confirmamos, portanto, a nossa hipótese de que o pronome *a gente* está mais associado a sujeitos ‘genéricos e indefinidos’, sendo usado normalmente para delimitar categorias, e de que o pronome *nós* está mais associado a sujeitos mais ‘específicos e definidos’, sendo usado normalmente para determinar um número completo e limitado de pessoas.

iii) Quanto ao preenchimento/não-preenchimento do sujeito, nossos resultados revelaram que os falantes maranhenses apresentam maior frequência de uso para o preenchimento do sujeito quando utilizam o pronome *a gente*. Este resultado reforça a ideia de que a desinência verbal não marcada estaria conferindo ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa. Tal comportamento linguístico, ao que parece, contribui para reafirmar que o pronome *a gente* precisa vir realizado foneticamente já que a flexão verbal é a mesma de outras pessoas do discurso. Deste modo, entendemos que o favorecimento do *nós* pelo não preenchimento deve-se ao fato de que quando o verbo está flexionado a elipse de *nós* não causa dúvida quanto ao sujeito.

iv) A hipótese para a variável localidade era de que na capital maranhense o uso do pronome *a gente* estaria mais avançado do que no interior, o que se confirmou na nossa pesquisa. Entendemos que este resultado deve-se ao fato de São Luís oferecer maior mobilidade aos falantes do que Barra do Corda, bem como maior contato entre as pessoas, ampliando suas redes sociais. Este resultado reforça a ideia de que o pronome *a gente* se trata de uma variante tipicamente urbana e por isso apresenta menor frequência de uso nas localidades mais “isoladas”, comunidades estas que conservam traços mais conservadores.

v) Os resultados apresentados para a variável saliência fônica confirmam a nossa hipótese de que o maior nível de saliência fônica leva à forma *nós* e o menor nível leva à forma *a gente*. A partir desta variável constatamos também a tendência de os falantes evitarem as formas verbais proparoxítonas. Falantes menos escolarizados substituíram as proparoxítonas por formas paroxítonas, muitas vezes mantendo o pronome *nós*; os falantes mais escolarizados

ao substituírem as proparoxítonas usaram predominantemente o pronome *a gente*. Defendemos que o fator saliência fônica, combinado à escolaridade, além de influenciar na seleção do pronome influencia também na variação da concordância verbal.

vi) Em relação à faixa etária, indo de encontro à grande maioria dos resultados de outras pesquisas no PB, bem como à nossa hipótese, os dados indicaram o favorecimento do pronome *a gente* na segunda faixa etária e o desfavorecimento desta forma pronominal na faixa etária mais jovem. Fato que verdadeiramente surpreende, posto que isso conduz a um indicativo que contraria grande parte dos estudos realizados no Brasil, os quais apontam para uma mudança em curso no sentido da implementação da forma inovadora *a gente*

Quanto às variáveis não selecionadas pelo programa, tecemos as seguintes considerações:

i) No grupo de fatores tempo e modo verbal observamos maior tendência ao emprego da forma pronominal *a gente* nos contextos de presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, e infinitivo pessoal, e o favorecimento do pronome *nós* nos contextos do pretérito perfeito do indicativo. Um aspecto preponderante desta variável é a neutralização: os verbos que apresentam neutralização entre presente e pretérito perfeito favorecem o uso de *a gente* no presente e o uso da desinência *-mos* para marcar o pretérito, a fim de desfazer a ambiguidade.

ii) Quanto à variável sexo, nossos resultados frequências indicaram que, aparentemente, homens e mulheres maranhenses parecem ter a mesma consciência linguística do uso dos pronomes de 1PP. Ambos apresentaram percentuais bastante relevantes de aplicação do pronome *a gente*, o que poderia significar que o uso desse pronome já é, como disse Labov, natural, inconsciente, e está incorporado na língua sem carregar qualquer estigma social.

Em relação à variável escolaridade, os resultados indicam que a forma inovadora *a gente* não está sendo considerada como forma não-padrão pelos informantes escolarizados, pois foram os que apresentaram maior índice de uso dessa variante. Várias pesquisas atestam que os falantes escolarizados fazem maior uso do pronome *nós*, em nossa pesquisa isso não se confirma, pois é com os falantes não escolarizados que o pronome canônico tem maior frequência de uso.

Neste trabalho analisamos também a CV com o pronome *nós* e constatamos que quanto maior o nível de escolarização, maior a taxa concordância. Em oposição aos falantes barracordenses, observamos uma forte tendência de até mesmo os falantes ludovicenses menos escolarizados realizarem o uso dos verbos em 1PP quando optam pelo pronome *nós*. Isso pode ser resultado de uma estigmatização sofrida e os falantes procuram adaptar sua fala às

variedades de prestígio, ou pode ser uma característica que define a comunidade de fala ludovicense.

Ao fazermos uma comparação dos resultados encontrados na nossa pesquisa com os resultados observados por Ramos (1996) há pouco mais de duas décadas, constatamos um aumento de 15,8% de uso do pronome *a gente* na fala ludovicense, indicando uma possível substituição do pronome *nós* pelo pronome *a gente*, caminhando, portanto, para uma mudança linguística.

Analisando as rodadas específicas de São Luís e de Barra do Corda, observamos que os fatores linguísticos são condicionadores dos pronomes *nós* e *a gente* basicamente da mesma forma nas duas comunidades, porém, constatamos diferenças bastante significativas na análise dos fatores sociais. Em Barra do Corda, as mulheres favorecem o uso pronome *nós* e a faixa etária mais jovem é também favorecedora do pronome canônico. Por outro lado, em São Luís, as mulheres lideram o uso do *a gente* e, da mesma forma, a faixa etária mais jovem lidera o uso do pronome inovador. Entendemos que essas duas variáveis agem em conjunto na fala maranhense, e que o fato de as mulheres liderarem determinada variante, pelo papel que eles têm no núcleo familiar e na sociedade, pode ser determinante num processo de mudança linguística.

Apesar do grande número de traços linguísticos compartilhados entre as duas comunidades, podemos apontar como marcas da comunidade barra-cordense, em contraposição à variedade urbana ludovicense: alto índice de uso do pronome *nós*, baixa aplicação da concordância de 1PP e a mudança da vogal temática (/a/ > /e/) no pretérito perfeito.

Em síntese, nossos resultados confirmam que a implementação da forma inovadora se processa de modo diferente no interior e na capital maranhense e que há uma atuação muito forte dos fatores sociais, reflexo da diferença de organização das duas comunidades. Os fenômenos analisados, alternância pronominal e concordância, estão intimamente imbricados e há um encaixamento linguístico e social muito grande.

Acreditamos que este trabalho mostra, assim como tantos outros já realizados, que o quadro dos pronomes pessoais do PB está sofrendo modificações com a inserção da forma *a gente*, muito embora as gramáticas tradicionais insistam em não reconhecer esse processo de transformação. Mostramos que a variação das formas *nós* e *a gente* ocorre de maneira sistemática e não aleatória, pois, ao descrever o fenômeno da variação pronominal, levamos em consideração também fatores extralinguísticos que estariam condicionando o uso de uma ou da outra variante.

Concluimos nossas considerações reafirmando a validade do estudo por nós realizado como contribuição para a descrição do português falado no Brasil e para melhor compreensão da realidade linguística do Maranhão, com a certeza de que esta pesquisa não se esgota aqui, principalmente no que diz respeito à concordância verbal. Aspiramos a que os resultados aqui apresentados ganhem relevância também em outros níveis de ensino, pois a discussão da diversidade linguística na escola ajuda a reduzir o distanciamento entre a variedade padrão e a variedade trazida pelo aluno.

REFERÊNCIAS

- ALBAN, M.; FREITAS, J. “Nós” ou “a gente”? **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA, n. 11, p. 75-89, 1991.
- ALMEIDA, M. Gender in linguistic Change Progress. **Studia Neophilologica. A Journal of Germanic and Romance Languages and Literature**. Vol. LXVII, n. 2, 1995. p. 229-235.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Análise e mapeamento de fenômenos morfossintáticos no português falado no Maranhão**. São Luís: UFMA, 19p. Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, PPPGI/UFMA, Projeto de pesquisa em andamento (vigência jun./17 a jul/20).
- ALVES, C. C. B. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. 153 f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ARAUJO, M. A. M. de. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- BRANDES, G. E. **Barra do Corda na História do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1994
- BELINE, R. A Variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à linguística: I. objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988.
- BORBA, L. Alguns aspectos sobre o uso de nós e a gente em Curitiba. **Frangmenta**. Curitiba: UFPR, n. 10, 1993, p. 65-76.
- BORGES, Paulo. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: Análise histórico-social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- BUENO, E. S. da S. **O emprego das variantes nós ou a gente na linguagem do bóia-fria da microrregião de Assis**. Assis: UNESP, 1996, 115 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.
- CÂMARA JR., J. M. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguelmo na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CASTRO, V. S. O perfil dos informantes do Atlas linguístico do Brasil (ALiB). **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, p. 345-353, maio-ago, 2009.

CAVALCANTE, M. Auxiliadora da S. **O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro**: um caso de mudança em progresso. 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2001.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUSA C. M.; MAY, G. H. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

CORRÊA, J. R. **Formação Social do Maranhão**: o presente de uma arqueologia. São Luís: SIOGE, 1993.

COSTA, S. **O sujeito usado por crianças e adolescentes de Florianópolis**: um estudo da ordem e do preenchimento. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CUNHA, C. de S.. Indeterminação pronominal do sujeito. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Diversidade Linguística e Ensino**. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Salvador: UFBA, 1996.

CUNHS, C. de S. **Indeterminação pronominal do sujeito**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ECKERT, P. Gender and sociolinguistic variation. In: COATES, J. (Org.). **Language and gender: a reader**. Malden: Blackwell Publishers Ltd. p. 64-75, 1998.

FARIA, R. H. M. de. **Mundos do trabalho no Maranhão oitocentista**: os descaminhos da liberdade. São Luís: Edufma, 2012.

FERNANDES. E. A. Fênomeno variável: nós e a gente. In: Hora D. (Org.). **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004, p. 149-56.

FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos nós e a gente: um mecanismo do discurso em mudança. **Actas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil**. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, 175-183.

FOEGER, C. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. 2014. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 2011. 253 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, Ra. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

FREITAS, J. Nós e a gente em elocuições formais. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA, n 11, 1991, p. 91-102.

GATTI, Bernardete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GUY, G. R. **The quantitative analysis of linguistic variation**. In: PRESTON, D. (ed.), American Dialect Research. Amsterdam: Benjamins, 1993.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, P. On Some Principles of Gramaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.) **Approaches to Gramaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HORA, D. da. Vocalização da lateral/l: correlação entre restrições sociais e estruturais. **Scripta**, v. 9, p. 29-44, 2006.

ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M, (Org.) **Gramática do português falado**. 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. (Trad. Bagno e Scherre) São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Volume 2: Social factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, W. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, Christina B & TUCKER, G. Richard. **Sociolinguistics**. The Essential Readings. Oxford/New York: B.Blackwell, 2003, pp. 234-250.

LABOV, W. **The intersection of sex and social class in the course of linguistique**. In: Hétérogénéité et variación: Labov, un bilan. François Gadet, Paris: Larousse, 1992, p. 16-33.

LAUREANO, D. C. **A variação dos pronomes sujeito**: nós e a gente na fala de informantes florianopolitanos. Florianópolis: UFSC, 2003, 79 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LEITE, C. M. B. Intersecção entre variação linguística dos róticos e a variável sexo. **Estudos Linguísticos**, v. 41, n. 2, p. 755-764, 2012.

LEMLE, M.; NARO, J.A. **Competências básicas do Português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras. Fundação Movimento de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LOPES, C. R. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, C. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

LOPES, C. R. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. M. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Vol. III. Novos estudos. São Paulo: Humanitas -USP/FAPESP, 2002.

LOPES, Célia R. dos S. Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa sociolinguística ao ensino. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Diversidade Linguística e Ensino**. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Salvador: UFBA, 1996.

LOPES, C. R. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**. 1999. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Delta**, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.

MACHADO, M. S. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”**: variação em dialetos populares do norte fluminense. 1995. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

MAIA, F. de P. S. **A variação nós e a gente no dialeto mineiro**: investigando a transição. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MATTOS E SILVA R. V. Orientações atuais da linguística histórica no Brasil. **Revista Linguística**, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 155-174, 1999.

MATTOS E SILVA R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MENDES, R. P. S. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus**: um recorte do português popular no interior da Bahia. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MENDONÇA, A. K. de. **Nós e a gente em Vitória**: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010

MENON, O. P. da S. **Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données Du NURC-SP**. Thèse (Doctorat) - Université de Paris 7, Paris, 1994.

MENON, O. P. S. Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização. In: PUSCH, C. D.; WESCH, A. (HG). **Verbalperiphrasen in den (ibero-) romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, p. 77-88, 2003.

MENON, O. P. da S. Uso do pronome sujeito de primeira pessoa do português do Brasil. In: **Anais do II ELFE – Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita**, Maceió, 1997. p. 396-402.

MENON, O. P. da S. A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil? In: **II Encontro Nacional sobre Língua Falada e escrita**, UFAL, Maceió, 1995.

MENON, O. P. da S.; LAMBACH, J. B.; LANDARIN, N. R. X. N. Alternância nós/a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro**: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 96-105.

MOLLICA, C. M. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, C. M; BRAGA, M. L (Org.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**: subsídios para uma gramática de português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editora Ariel, 1998.

MUNIZ, C. A. G. **Nós e a gente**: traços sociolinguísticos no assentamento. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

MUNIZ, L. On the use of a gente in brazilian portuguese. Independent study, Fall 2007 – G. R. Guy.

NASCIMENTO, C. S. **Nós e a gente em Salvador**: confronto entre duas décadas. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NARO, A. et al. Change without change. **Language Variation and Change**. Cambridge, Cambridge University Press, n. 11, p. 197-211, 1999.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. **D. E. L. T. A**. Vol. 9, Nº Especial, 1993. p. 437- 454.

OLIVEIRA, M. Nós se clitzou-se? In: LOBO, T. et al. (Org) **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: Editora da UFBA, 2006.

OLIVEIRA, C. de. **O. Nós e a gente em caimbongo**: aspectos sócio-históricos e sociolinguísticos de uma comunidade afro-brasileira. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (Org.). **Padrões sociolinguísticos**: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.

OMENA, N. P. de. **A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural**. In: NARO, A. J. et al. Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986. p. 286-319.

OMENA, N. P. de. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org) **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.310-323.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). **Padrões Sociolinguísticos**: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 63-80.

PACHECO, C. da S. **Alternância nós e a gente no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil-Uruguaio (Aceguá)**. 2014. 311 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L (Org.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PEREIRA, S.M.B. **Gramática Comparada de a gente**: variação no Português Europeu. 2003. 100 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

RAMOS. C. de M. de A. (Coord.) **Atlas Linguístico do Maranhão** – Projeto ALIMA. São Luís: UFMA, 19p. Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, PPPGI/UFMA, Projeto de pesquisa em andamento (vigência jun./17 a jul/20).

RAMOS. C. de M. de A. **O português falado em São Luís**: os pronomes pessoais na posição de sujeito. 1996. 60 f. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Morfossintaxe do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1996.

RAMOS, C.; BEZERRA, J.; ROCHA, M. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Revista Signum**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

REBOUÇAS. A. C. R.; COSTAS, I. A sociolinguística variacionista: fundamentos, pesquisas, pontos críticos. **Interletras**, v. 3, ed. n. 19. Abril, 2014/Setembro, 2014.

ROCHA, F. C. F. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RODRIGUES, A.C.S. **A Concordância Verbal no Português Popular em São Paulo**. 1987. 189 f. Tese (Doutorado de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu**: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics; Ottawa: University of Toronto, 2005.

SANTANA, A. M. B. **Nós e a gente**: um retrato do português popular de Salvador. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1998. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Breve histórico do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua (PEUL). In: SILVA, G. M.O.; SHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos**: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. D.E.L.T.A. – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo: EDUC, v. 9, n. 1, 1993

SEARA, I. C. **A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana**. Organon, Porto Alegre, v.14, n.28/29, p.179-194, 2000.

SILVA, L. B. C. da. **Nós/agente**: variação ou mudança. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura) - Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

SILVA, M. R. da. **Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco Acre**. 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.

SILVA, A. L. C. Falas de decadência, moralidade e ordem: a história do Maranhão de Mário Martins Meireles. 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, G.M. e PAIVA, M.C.A. A visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M. e SCHERRE, M.M.P.(Org.) **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

SOUSA, L. K. P. **Mapeando “Nós” e “A gente” no português falado no Maranhão**. 2019. 26 f. Relatório de Pesquisa (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

TAMANINE, A. M. B. **Curitiba da gente**: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

_____. **A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

VIANNA, J. B de S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIANNA, J. B de S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. 2011. 258 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, J. B de S.; LOPES, C. R. Variação dos pronomes nós e a gente. In: MARTINS, M. A; ABRAÇADO, J. (org) **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015

VIEIRA, S.R. **Concordância verbal**: variação em dialetos populares do norte fluminense. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Estadual Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VITÓRIO, E. G. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de Maceió/AL. **Revista Interdisciplinar**, Aracaju, Ano XI, v. 24, p.159-172, jan./abr. 2016.

VITRAL, L. **Gramática Inteligente do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics** University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ZILLES, A. M. S.; BATISTA, H. R. **A concordância verbal da primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre**. EDUCART, 2006, p. 99-124

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, v.17, n.1, 2005, p.19 53.

ZILLES, A.M.S.; MAYA, L., SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Organon**, v.14, n.28/29, 2000, p. 195-219.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LHEMAN, W., MALKIEL, Y. (Org.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.

Observação:

Para obter o arquivo *res* desta pesquisa, entre em contato através do endereço eletrônico elimarialima20@gmail.com.